

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE HISTÓRIA

*Sob obediência, relato o que vi com meus próprios olhos:*  
Viagem, discurso e representações em Odorico de Pordenone (1330)

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientador: Prof. Dr. José Rivair Macedo

Fernando Ponzi Ferrari

Porto Alegre, novembro de 2008

## INDICE

### Introdução 3

#### 1 – Viagem e margem 7

1.1 – O espaço e seus habitantes 8

1.2 – Peregrinações 13

1.3 – Os limites entre espiritual e utópico 17

#### 2 - Viagem, letra e verdade 23

2.1 – A literatura de viagem entre a marginalidade e a instituição 23

2.2 – Individualismos, aventura e viagem 25

2.3 – Etimologias, transgressão e simulacros 26

#### 3 – Requisitado sob obediência 28

3.1 – O narrador e sua viagem 28

3.2 – Um relato escrito 30

3.3 - Representações da santidade 32

3.4 – A medida da *mirabilia* 33

3.5 – As palavras que revelam 35

#### 4 – Conclusão 37

#### 5- Fontes e Bibliografia 39

5.1 – Fontes 39

5.2 - Bibliografia 40

## INTRODUÇÃO

*Kublai não parecia disposto a ceder à fadiga.*  
 — *Fale-me de outra cidade — insistia.*  
 — *...O viajante põe-se a caminho e cavalga por três jornadas entre o vento nordeste e o noroeste... — prosseguia Marco, e relatava nomes e costumes e comércios de um grande número de terras. Podia-se dizer que o seu repertório era inexaurível, mas desta vez foi ele quem se rendeu. Ao amanhecer, disse: — Sire, já falei de todas as cidades que conheço.*  
 — *Resta uma que você jamais menciona. Marco Polo abaixou a cabeça.*  
 — *Veneza — disse o Khan.*  
*Marco sorriu.*  
 — *E de que outra cidade imagina que eu estava falando? O imperador não se afetou.*  
 — *No entanto, você nunca citou o seu nome. E Polo:*  
 — *Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.*  
 — *Quando pergunto das outras cidades, quero que você me fale a respeito delas. E de Veneza quando pergunto a respeito de Veneza.*  
 — *Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.*  
 — *Então você deveria começar a narração de suas viagens do ponto de partida, descrevendo Veneza inteira, ponto por ponto, sem omitir nenhuma das recordações que você tem dela.*<sup>1</sup>

A questão dos níveis de cultura presentes na Idade Média e sua dinâmica têm despertado significativo interesse da historiografia atual. Permeado pela discussão sobre a validade da “história das mentalidades”, o embate teórico decorrente das críticas à sua exagerada fluidez (que em sua inércia tende a estancar) está repercutido em várias obras<sup>2</sup>. A historiografia brasileira tem se manifestado de maneira ativa neste debate, atizada pelo crescente interesse na teoria da história e nos estudos medievais<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 82.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre o debate de uma historiografia das mentalidades, verifique: BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e história cultural”. In: *Domínios da História*. CARDOSO, Ciro Falmarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997. MORÁS, Antônio. *Entes sobrenaturais na Idade Média: Imaginário, Representação e Ordenamento Social*. São Paulo, Annablume, 2000 pp.15-59. SOUZA, Néri de Almeida. “Historia cultural, cultura folcórica e hagiografia”. In: *História*. v. 17-18, 1998-1999, São Paulo: Edusp, pp. 243-264. CHARTIER, Roger. “História intelectual e história das mentalidades”. In: *A beira da Falésia: história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, pp. 23-59. CERTAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, pp. 45-65. RUST, Leandro Duarte. “Tempo da Igreja? Jacques Le Goff e a representação monástica do tempo”. In: *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. SILVA, Andréa Cristina Lopes Frazão da (org.). Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008, pp. 197-216.

<sup>3</sup> CARDOSO; VAINFAS. op. cit., 1997. MACEDO José Rivair. “Estudos Medievais no Brasil: tentativa de síntese”. In: *Reti Medievali Rivista*, vol. VII, 2006. Retirado do sítio [http://www.dssg.unifi.it/\\_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm](http://www.dssg.unifi.it/_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm) em 12/07/08.

Os trabalhos em história da cultura na Idade Média apresentam um paradoxo. Ao mesmo tempo em que é linha de pesquisa sobre o período mais procurada na atualidade, ainda carece de uma metodologia investigativa que satisfaça a diversidade de tópicos abordados. Tal efeito é decorrente da dificuldade em trabalhar com um recorte cronológico carente de uma estratificação cultural clara e de anos de pesquisa em mentalidades atemporais. As representações nesse sentido pareciam deslocadas de seu contexto sócio-político, como se fossem unidades independentes sem antagonismos fortes além da idéia de “duração”<sup>4</sup>, que, além de colocar campesinato e crescente operariado urbano na posição de força estática, delegando a capacidade de inovação primariamente à Igreja e secundariamente à nascente identidade aristocrática, negava as contribuições e apropriações mútuas entre elas.

Tomemos o exemplo do culto aos santos, das relíquias e dos lugares sagrados. Jacques Le Goff interpreta este fenômeno como uma sobrevivência do paganismo cristianizado, uma concessão do clero para enquadrar as forças “de longa duração” da cultura popular<sup>5</sup>. Se isso é verdade, como explicar a heresia popular dos Humilhados da Lombardia, que se opunha à adoração aos santos e relíquias<sup>6</sup>? A seita foi considerada herética devido à base ideológica da Igreja Católica é mais permeada por interesses político-institucionais do que uma atribuição sócio-cultural estanque; no caso supracitado, estes *humiliati* consideravam nulo o poder do clero latino em validar os sacramentos e criticavam sua vida luxuosa<sup>7</sup>.

Notemos que esta crítica é feita por J.C. Schmitt, um dos expoentes da história das mentalidades francesa. Negar seu modelo de cultura não significa negar todos os dados levantados por estes pesquisadores, e sim exercer a crítica necessária a todas as leituras disponíveis ao historiador, tomando uma posição crítica baseada em seu próprio referencial, mas sem ignorar uma dada produção por seu rótulo acadêmico. O mesmo autor escreveu um interessante artigo sobre a história dos excluídos em que levanta as considerações políticas e econômicas da Idade Média na criação de “culturas de marginais”<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> LE GOFF, op. cit., “Na Idade Média: Tempo da Igreja e Tempo do Mercador”, 1980, pp. 43-60.

<sup>5</sup> LE GOFF, op. cit., “Cultura clerical e tradições folclóricas na civilização merovíngia.”, op. cit., pp. 207-210.

<sup>6</sup> SCHMITT, Jean-Claude. “‘Religion populaire’ et culture folklorique”. In: *Annales Économies Sociétés Civilisations*, Paris: Armand Collin, 31e Anné, n° 5, sept-oct, 1976, pp. 941-953.

<sup>7</sup> FALBEL, op. cit., pp. 61-62.

<sup>8</sup> SCHMITT, Jean Claude. “A História dos Marginais”. In: *A História Nova*. LE GOFF, Jacques (org.). São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 352-391.

Por cultura entendo uma rede de significados compartilhados em um grupo, em constante construção de acordo com seus antecedentes culturais ante as injunções do real e o contato com outras culturas. Estas, por sua vez, têm suas concepções e práticas limitadas, moldadas e derivadas das relações sócio-econômicas dos indivíduos por ela abarcados. Para o caso do Ocidente Medieval, não acredito que haja uma adequação do conceito de “classes sociais”, menos ainda de “cultura de classes” (cultura popular, cultura burguesa, etc.); por um lado os estratos sociais medievais não possuem o mesmo dinamismo de uma “classe” em seu sentido moderno, por outro, sua dinâmica cultural permite uma contribuição comum em vários nichos sem se manifestar de maneira mutuamente excludente. Da mesma forma, a posse dos meios de produção e da acumulação monetária ainda não são os fatores essenciais de segregação social no período estudado, mas estão em um processo de construção que este estudo planeja abarcar. Negar classes sociais como tal de forma alguma é negar os conflitos sociais existentes no medievo, e sim adequá-los às especificidades e manifestações.

Com isso em mente, imaginemos a seguinte caso: em 1330, um frade franciscano está em seu leito de morte, contando para um escriba sua viagem ao Extremo Oriente. Ele compõe representações das memórias do que observou, o responsável pelo registro por sua vez adiciona algumas concepções próprias e outras mais para agradar seus leitores. Estes por sua vez usam a obra para reforçar o que já sabem. O texto foge do papel para reinventar sua oralidade: o relato da viagem sai dos muros da irmandade para a cidade vizinha. A população santifica o frade, sem necessitar de uma aprovação papal para isso, e corre para arrancar-lhe do cadáver relíquias. Os governantes inquietam-se quando os religiosos lhe pedem auxílio para conter a polvorosa; trancam o corpo na capela e mantêm a chave até que seja feita uma cerimônia digna de um santo para seu enterro. Mais uma vez um escriba é chamado, mas desta vez para registrar milagres antigos em nova roupagem e retratar os patrícios como “amigos do santo”, aumentando o prestígio da região. Ou talvez até torná-la motivo de peregrinação, o que atrairia negócios para uma cidade portuária falida.

Com essa anedota baseada nas biografias e hagiografias de Odorico de Pordenone, pretendo mostrar que não seguirei uma delimitação clara entre níveis culturais no desenvolvimento da proposta. Ao abordar conceitos e problemas na Idade Média, a cesura dos problemas abordados será dada pelo relato do franciscano e as situações socioeconômicas imediatamente tangenciais a ele, e não uma margem sólida que diferencia as manifestações práticas e teóricas do medievo.

O presente trabalho objetiva compreender de que forma se dá uma demanda por relatos de viagem no início do século XIV e a maneira que esta literatura alimenta anseios espirituais e culturais. Para tanto, pretendo montar um quadro geral das representações do espaço no imaginário medieval e de como a palavra escrita se apropria dele. Elegi como objeto de pesquisa o relato de Odorico de Pordenone, frade franciscano do século XIV que realiza uma viagem de quase uma década e meia do norte da atual Itália até Cambalic (atual Beijing) e retorno; de onde serão direcionadas as especificidades do problema da viagem como prática marginal e literária.

A escolha desta fonte é derivada da própria indefinição do motivo de sua jornada. Seu registro supõe uma centralidade do cristianismo, mas não deve esta a nenhuma instituição que o enviara; a Igreja e mesmo a Ordem a que pertence não recebe destaque maior ou menor, as partes que deslindam em um discurso espiritualizado tendem a ser, como veremos, distorções posteriores de seu relato.

Por uma questão de adequação à proposta, relevei nesta pesquisa os motivos econômicos e os relatos de mercadores. Esta temática de modo algum é secundária para o entendimento da dinâmica de representação e apropriação do espaço na Idade Média, e decididamente não está ausente na fonte estudada, estendendo uma possibilidade para futuras pesquisas.

## 1 - Viagem e margem

Viajar é parte da existência humana, seja em nossos mitos ou na evolução biológica. Desde que nos tornamos macacos de planície em busca de alimentos em áreas mais remotas à própria acepção de “odisséia” nos dias atuais como sinônimo de uma tarefa árdua, porém edificante, o ato perpassa as dificuldades da jornada para atingir às benesses além do mundo cotidiano. Entre a segurança do sedentarismo e a sedução de um lugar melhor, a transgressão do espaço é uma constante nas representações culturais.

Estabelecer um objetivo a ser transposto é estabelecer a quebra da barreira em que se estabelece um “lá” e um “cá”. Neste sentido, não seria colocar à prova o próprio conceito de identidade do transgressor? Como François Hartog coloca-nos, a fronteira não é simplesmente um rio ou cadeia montanhosa, e sim o limite da experiência da alteridade<sup>9</sup>. A cesura do espaço é secundária se comparada ao rompimento de um meio familiar ao viajante.

O mundo medieval viveu na tensão desta experiência por cerca de dez séculos. Como fugindo de um passado glorioso e terrível, o Ocidente Medieval tornou uma obsessão crescente o estabelecimento de limites. Estas fronteiras não necessariamente correspondiam ao ímpeto da mesura numérica, possessiva, que marca a transição para uma visão posterior<sup>10</sup>, mas à afirmação de um “lugar no mundo” para o grande somatório de culturas que se tornou a cristandade latina. Este desejo de forjar uma identidade separa paulatinamente campo e cidade, vivos e mortos, hereges e fiéis, clero e leigos<sup>11</sup>. Homem e natureza separavam-se pela escassez de terras aráveis com as técnicas disponíveis, que normalmente eram aplicadas às imediações das aldeias<sup>12</sup>.

Mas estes limites não foram propostos para serem absolutos. A cesura principal era estabelecida por uma ordem dicotômica que diferenciava bons e maus, orquestrada por uma minoria de clérigos que faziam a intermediação do mundo natural com as

---

<sup>9</sup> HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, pp. 97-115.

<sup>10</sup> CROSBY, Alfred. *A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental (1250-1600)*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, pp. 99-125.

<sup>11</sup> ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2007, pp. 127-137; DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1994, pp. 26-30.

<sup>12</sup> MARTIN, Hervé. *Mentalités Médiévales: XI<sup>e</sup> - XV<sup>e</sup> Siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 130.

Escrituras<sup>13</sup>. Desta forma, os fenômenos cotidianos eram perpassados por uma intencionalidade divina, envolvendo os homens em um mundo rico em mensagens e significados<sup>14</sup>. O conhecido conceito de “deserto-floresta” é um exemplo claro deste raciocínio, que nos mostra que o limite do mundo medieval não é geográfico, e sim espiritual<sup>15</sup>. Assim como um artesão cria um mosaico com as pedras disponíveis, o homem da Idade Média montava sua concepção de mundo com os conceitos que dispunha; mesmo que algumas destas pedras ficassem soltas e muitas sobrepostas, no seu ponto de vista criava um todo coerente.

Como esta visão de mundo composta sedimentou-se em período de profundas transformações? A resposta desta questão está expressa nas mudanças das representações e práticas do período.

### 1.1 – O espaço e seus habitantes

Herdeiro de visões de mundo compostas pelos conhecimentos greco-romano, judaicos e pagãos, a visão medieval apresentava um quadro agregante em que concilia conceitos inicialmente contraditórios colocados em ressonância com a ideologia cristã. O cristianismo é vincado pela herança das sociedades antigas que irão dar forma ao Ocidente; não podemos dizer que há uma ruptura epistemológica quanto à percepção do espaço na transição para a Idade Média, e sim uma substituição do nexos causal das representações para um elemento teocêntrico.

Como Hervé Martin coloca, a razão teleológica substitui o raciocínio causal, sendo a mesura do mundo operada através da liturgia em um nexos simbólico-prático operada por uma minoria clerical<sup>16</sup>. Este simbolismo opera em vários níveis

---

<sup>13</sup> *Idem*, p. 125-127. GOUREVITCH, Aaron J. *Les catégories de la culture médiévale*. Paris: Gallimard, 1983, p. 82.

<sup>14</sup> Hilário Franco Júnior coloca com propriedade que os conceitos medievais não são mutuamente excludentes; advindos eles próprios de uma composição entre conceitos pagãos, greco-romanos e místicos orientais, favoreciam o que chama de “pensamento analógico”: vários símbolos se sobrepoem a fim de explicar um determinado fenômeno ou objeto sob a luz do cristianismo. FRANCO JÚNIOR, Hilário. “Modelo e imagem: o pensamento analógico medieval”. In: *Anais: IV Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*. Belo Horizonte: PUC - Minas, 2003 pp. 39-58.

Umberto Eco chama este pensamento de “figurativo”; sendo indistintamente alegórico (de origem pagã) e simbólico (de invenção cristã). ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 2000, pp. 68-97.

<sup>15</sup> LE GOFF, Jacques. “O deserto-floresta no Ocidente medieval”. In: *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, s. d., pp. 39-58

<sup>16</sup> MARTIN, op. cit., 1996, pp. 123-128



sobrepostos, onde muitas vezes os patriarcas da ideologia cristã condenam as obras Antigas, mas não deixam de usar seus conteúdos.

Um dos principais fundadores da ideologia cristã e o responsável pela aliança da estrutura eclesiástica com as monarquias bárbaras<sup>17</sup>, Gregório Magno (século VI – VII) coloca que o discurso do Verbo pode ser captado por sua intermediação nas coisas naturais, vistas como um milagre permanente. Para o ex-prefeito de Roma feito papa com a morte de Pelágio II (590), Deus nos envolve constantemente com mensagens, onde manifesta sua onipotência através de sua máquina-mundo, demonstrando pela natureza e pela história através de guerras, pestes e fenômenos climáticos sua vontade<sup>18</sup>.

Unindo este simbolismo com a herança grega, Isidoro de Sevilha ordena o mundo através de “categorias gramaticais”, onde através de um vocábulo ou etimologia busca-se Deus e a natureza das coisas ao nomeá-las<sup>19</sup>. O macrocosmo é regido pelos nomes e é matematicamente racional, onde se pode ver a constância da vontade divina através da astronomia. Aqui as explicações dos antigos sobre as características dos povos de acordo com sua região aliam-se aos conceitos bíblicos, alimentadas ainda mais pela escassez de contato com terras distantes com o declínio do Império Romano do Ocidente. Isidoro cataloga e justifica as deformações de povos monstruosos; os gigantes assim se tornaram por sua soberba, os pigmeus têm seu tamanho por sua avareza, o excesso ou falta de membros denota uma sociedade desequilibrada<sup>20</sup>.

Na mesma tradição, foram numerosos os autores medievais que procuravam reunir todo o conhecimento do mundo em uma única obra. Podemos dizer que, com raras exceções, até o século XII o conhecimento geográfico<sup>21</sup> era uma aglutinação de *topos* que procuravam confirmar as opiniões das autoridades dos sábios da

---

<sup>17</sup> RIBEIRO, Daniel Valle. “O Oriente e o Ocidente na Correspondência de Gregório Magno”. In: *Signum*, nº 4, São Paulo: ABREM, 2002, pp. 153-179.

<sup>18</sup> MARTIN, op. cit., 1996, pp. 124-125.

<sup>19</sup> ISIDORO DE SEVILHA, *Etimologias*, Livro I, cap. 29. Retirado de <http://www.thelatinlibrary.com/isidore.html> em 25/10/08.

<sup>20</sup> ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo: representación del espacio em La Edad Media*. Madrid: Cátedra, 1994, p. 258.

<sup>21</sup> O termo “geografia” foi pouco usado no Ocidente Medieval e era normalmente atrelado não só ao conhecimento do mundo, mas de rochas, plantas, e quaisquer outras características mundanas que o autor desejar. A palavra “cosmografia” talvez seja mais propícia para as obras com cunho didático voltadas à descrição do espaço físico. Entretanto, para os interesses da presente pesquisa, utilizaremos o termo geografia tanto para registrar a multiplicidade de informações presentes nas obras enciclopédicas quanto por uma aproximação de uma acepção atual mais definida; quadro que carecia no medievo por não fazer parte do *quadrivium*. WRIGHT, John K. *Geographical Lore of the Time of the Crusades*. New York: Dover, 1965, p. 127.

crisandade<sup>22</sup>. A definição do espaço de acordo com os quatro elementos e as zonas climáticas herdada dos gregos<sup>23</sup> pressupunha um equilíbrio entre as regiões e permitia que o enciclopedista ensaiasse as características de territórios que sequer ouviu falar, ou mesmo que atribuam qualidades a determinada região alheias à realidade conhecida.

O conhecimento compartilhado por estes autores dividia o mundo em um T, em que se separavam África, Ásia e Europa pelos mares Negro e Mediterrâneo e o rio Nilo, herdeira da visão de mundo romana presentes nos desenhos do general Agrippa (século I), solidificada em Plínio, o Velho. Desta divisão elaboraram-se os territórios dos três filhos de Noé, tendo Sem ficado com a Ásia, Japhet com a Europa e Cam com a África, com os corpos d'água que os separam tendo sua nascente no Paraíso e Jerusalém como o centro do mundo. A divisão tripartite do mundo compactua com a visão tripartite presente no pensamento do Ocidente Medieval, que atribui funções a estes povos baseadas nas atitudes dos três personagens bíblicos<sup>24</sup>. Enquanto os africanos eram denegridos por serem descendentes do filho que escarneceu da nudez de seu pai (dentre vários outros crimes que lhe foram atribuídos posteriormente) e marcados com a “corrupção” da tez negra, os semitas aproximaram-se do Oriente por sua proximidade com o Paraíso, território que estaria prometido aos jafetitas juntamente com a servidão dos herdeiros de Canaã<sup>25</sup>. O esforço de conciliar o conhecimento bíblico com o da antiguidade e a teoria das similitudes entre pontos geográficos é uma tentativa de preenchimento dos espaços desconhecidos pela cultura greco-romana e uma das marcas do repúdio ao vazio presente na latinidade<sup>26</sup>.

Outra reelaboração medieval interessante ao caso dos cinocéfalos, homens do Oriente com rosto de cães<sup>27</sup>. Sendo representados desde a Antiguidade como uma união

<sup>22</sup> MACEDO, José Rivair. “Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval”. In: *Signum*, nº 3, 2001, São Paulo: ABREM, pp. 104-108.

<sup>23</sup> E utilizada por Heródoto. HARTOG, op. cit., 1993, pp. 55-59.

<sup>24</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. “A Castração de Noé: Iconografia, Folclore e Feudalismo”. In: *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Ed. da USP, 1996, pp. 71-89.

<sup>25</sup> Genesis 9:25-27 - “Noe vir agricola exercere terram et plantavit vineam bibensque vinum inebriatus est et nudatus in tabernaculo suo quod cu vidisset Ham pater Chanaan verenda scilicet patris sui esse nuda nuntiavit duobus fratribus suis foras at vero Sem et Iafeth pallium inposuerunt umeris suis et incedentes retrorsum operuerunt verecunda patris sui faciesque eorum aversae erant et patri virilia non viderunt evigilans autem Noe ex vino cum didicisset quae fecerat ei filius suus minor ait maledictus Chanaan servus servorum erit fratribus suis dixitque benedictus Dominus Deus Sem sit Chanaan servus eius dilatet Deus Iafeth et habitet in tabernaculis Sem sitque Chanaan servus eius”

<sup>26</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, pp. 149-250 e 359-364.

<sup>27</sup> VIGNOLLO, Paolo. “Una nación de monstruos. Occidente, los cinocéfalos y las paradojas del language”. In: *Revista de Estudios Sociales*, nº 27. Bogotá: Universidad de los Andes, 2007, pp. 140-149. A popularidade de São Cristóvão é tamanha que se torna um dos alvos da crítica de Erasmo de Rotterdam. O humanista do século XVI coloca que o povo pouco interesse têm nos apóstolos e os Pais da Igreja, mas

do mundo natural com o humano, seriam sábios, porém animais. Em algumas miniaturas Preste João é figurado como um cinocéfalos; entretanto, o caso mais chamativo é o do santo dos viajantes, São Cristóvão, que desponta na iconografia como um gigante com rosto de cachorro que atravessa o rio que separa os mundos, levando o Menino Jesus em seus ombros – explícito papel representativo da divindade mediadora.

Desta maneira, a geografia cristã recria os conhecimentos antigos e pagãos em uma visão cristocêntrica. Como em outras formas de conhecimento da época, este paradigma de forma alguma é um todo uniforme, mas sua coesão baseia no caráter aglutinante típico do conhecimento medieval, menos preocupado com a veracidade do que com a utilidade. Como observado por Umberto Eco:

(...) E como para os medievais a autoridade tem nariz de cera e cada enciclopedista é um anão às costas dos enciclopedistas precedentes, não haverá dificuldade não só em multiplicar os significados nas também os próprios elementos do mobiliário mundano, inventando criaturas e propriedades que servem (por causa das características curiosas e tanto melhor se, recordava Dionísio, estas criaturas forem diferentes em relação ao significado divino que veiculam) para tornar o mundo um imenso acto de fala.<sup>28</sup>

A partir da segunda metade do século XI, há uma ampliação das fronteiras medievais. Ainda que a descrição de paisagens continue sendo parca<sup>29</sup>, com o surgimento de uma poética que valoriza o *locus amoenus* e o espaço da margem. A natureza vai perdendo o seu valor de instrumento de castigo divino para associar-se com a alma humana e o misticismo das representações do macrocosmo no corpo humano<sup>30</sup>. As criaturas monstruosas descritas em tratados anteriores passam a despertar mais curiosidade do que medo: na cúpula de Vézelay (1125) os apóstolos aparecem pregando para pigmeus e cinocéfalos, com Cristo estendendo seus braços para todos<sup>31</sup>.

Esta rede de “sobre-significados”<sup>32</sup> foi se adensando paulatinamente conforme seguimos do século XI ao XIV. O espaço começava a tomar formas diversas, mais abertas e ao mesmo tempo menos alegóricas. O meio rural se reorganiza com novas técnicas de irrigação e drenagem, o que permite a expansão dos cultivos, como parrerais

---

fazem amplas festas a São Cristóvão e São Jorge. ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da Loucura*. Texto captado em <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/elocio.pdf> em 25/06/08.

<sup>28</sup> ECO, op. cit., 2000, p. 86.

<sup>29</sup> MARTIN, op. cit., 1996, p. 129-131. PAUL, Jacques. *Historia Intelectual del Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 2003, p. 226-229.

<sup>30</sup> PAUL, op. cit., 2003, p. 229-230.

<sup>31</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, p. 257.

<sup>32</sup> ECO, op. cit., 2000, p. 96.

e oliveiras<sup>33</sup>. Juntamente ao processo de construção ou recuperação das muralhas (que retomam sua importância perdida desde a Antiguidade), multiplicam-se pontes e estradas, abrindo espaço para um ressurgimento das cidades<sup>34</sup>. Nelas, artesãos se reúnem buscando proteção mútua de nobres locais - que enriquecem cada vez mais com os impostos cobrados que com suas terras<sup>35</sup>. Recebem também camponeses, que se aproveitam da onda de monetarização e compram sua liberdade de seus senhores com o retrocesso da corvéia<sup>36</sup>. As fronteiras medievais, até então delimitadas pelo vago, passam a ter valor material<sup>37</sup>.

Nas letras dos clérigos é colocado que, uma vez que o lugar das coisas é o lugar dos significados, faz-se necessário definir um pouco mais o que é o lugar<sup>38</sup>. Este esforço inicialmente é colocado nas enciclopédias, onde o acúmulo de informações passa por um trôpego processo de filtragem e organização<sup>39</sup>. As concepções espaciais mais quantitativas ainda eram circunscritas basicamente à numerologia<sup>40</sup>; mas, com a Reconquista espanhola e o saque de textos da Antigüidade em árabe (posteriormente traduzidos para o latim), deu-se fôlego às universidades e os métodos de mesura aplicados à realidade, especialmente com são Tomás de Aquino<sup>41</sup>. Concomitantemente, vemos uma maior mobilidade dos acadêmicos por toda a Europa em busca de conhecimento<sup>42</sup>, e um raciocínio mais causal e heurístico nos livros de pregação contra os infiéis<sup>43</sup>.

No decorrer do século XIII, a expansão comercial e o encontro com os mongóis fizeram com que este esforço fosse testado de maneira mais ampla. Ainda assim, esta não era uma carta de boas-vindas a povos estranhos, e sim um alargamento do sistema

<sup>33</sup> MARTIN, op. cit., 1996, p. 130-133. ANDERSON, op. cit. 2007, pp. 181-185.

<sup>34</sup> LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 6-39.

<sup>35</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006, pp. 41-44.

<sup>36</sup> LE GOFF, Jacques. *Historia Universal volumen 11: La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1979, pp. 201-202.

<sup>37</sup> SCHMITT, Jean Claude. "A História dos Marginais". In: LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 358.

<sup>38</sup> SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais: Ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 64.

<sup>39</sup> ECO, op. cit., 2003, pp. 82-89.

<sup>40</sup> MARTIN, op. cit., 1996, pp. 125-128.

<sup>41</sup> ECO, op. cit., 2000, p.p 92-97. PAUL, Jacques. *Historia Intelectual del Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 2003, pp. 198-99 e 420-426. ZUMTHOR, op. cit., 1994, p. 261.

<sup>42</sup> LE GOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 178.

<sup>43</sup> ODORICO DA PORDENONE; GUGLIELMI, Nilda (trad.). *Relación de viaje*. Buenos Aires: Biblos, 1987, p. 21. A racionalidade (e mesmo grande tolerância) destas pregações tem um belo exemplo nas obras de Raimundo Lúlio, onde desponta: RAIMUNDO LÚLIO; JAULET, Esteve (trad.). *O livro do gentio e dos três sábios*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

de representações para elementos predeterminados. Neste sentido, não podemos confundir aceitação com tolerância; a renovação do universalismo cristão condiz mais com uma unidade do que uma fraternidade. Segundo Paul Zumthor:

A nova racionalidade reivindicada pela escolástica a partir do século XIII freava as exuberâncias intelectuais e as convertia em obsessão de desejo de unidade. (...) A medida que aumenta o número de viajantes e se dão a conhecer seus relatos, a crença nos monstros vai se erodindo, a medida que se estende espacialmente o conhecimento direto do homem sobre o mundo, que retira do horizonte terrestre desconhecido, os monstros são retirados também passo a passo. (...) Nunca se buscou o outro como tal, se tropeçava nele.<sup>44</sup>

## 1.2 – Peregrinações

Tomemos um aspecto tradicional em todas as culturas sedentárias, a peregrinação<sup>45</sup>. Advindo do somatório de práticas presentes no cristianismo primitivo e ao paganismo ocidental, o ato de peregrinar mostra-se uma prática de cunho cultural profundamente imersa na dinâmica sócio-política e econômica do medievo.

As peregrinações serviam como uma expressão de solidariedades populares que tendem a não passar pelo crivo imediato da Igreja, sendo relacionadas a uma prática de divisão comum de poder<sup>46</sup>, além de estarem ligados aos locais de adoração de divindades pagãs (como a Virgem Negra de Chartres e a fonte e gruta sagradas de Monte Gargano<sup>47</sup>). O espírito peregrino é imbuído da mesma mística que encarna nas visões e nos sonhos; um estado limítrofe da realidade em que o estranhamento do mundo físico é suplantado pelo êxtase hierofânico, o sofrimento do corpo físico é ao mesmo tempo provação e necessidade iniciática para que se preencha o espiritual em uma unidade divina intermediada pelo local sagrado<sup>48</sup>.

<sup>44</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, p. 262.

<sup>45</sup> SOT, Michel. “Peregrinação”. In: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). Bauru: EDUSC, 2006, vol. II, p. 353. ZUMTHOR, Paul, op. cit., 1994, pp. 178-179.

<sup>46</sup> *Idem*, p. 179.

<sup>47</sup> SLOT, op. cit., pp. 364-365.

<sup>48</sup> *Idem*, p. 353-355. ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 26-28. LE GOFF, Jacques. “O Deserto-Floresta no Ocidente Medieval”. In: *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, s. d., pp. 39-58. MARTIN, 1996, op. cit., pp. 29-31.

Assim como diversas outras manifestações culturais até o século XI, a Reforma Gregoriana atua para abarcar esta atividade no seio da estrutura eclesiástica<sup>49</sup>. Os peregrinos passam de um status de expatriados e exilados para “viajantes da fé”, que procuram as relíquias não mais em cavernas e catacumbas, mas em igrejas e monastérios tipicamente citadinos<sup>50</sup>.

O prestígio de uma cidade pode ser grandemente medido pela quantidade de relíquias que concentra. Estes artefatos sacros atraíam peregrinos e, conseqüentemente, divisas ao local<sup>51</sup>. Os estabelecimentos religiosos locais se interessavam muito por esse tipo de destaque, lembramos da ambição do bispo de Compostela, Diego Gimenez, em tornar a cidade “a cabeça das Igrejas ocidentais” e a forte reação do papado contra estas aspirações; assim como a disputa pelos ossos dos Reis Magos se tornou a arena em que se desenvolvia o embate político entre o papa Alexandre III e Frederico Barba Ruiva<sup>52</sup>. A hierarquia eclesiástica tendia a refutar as peregrinações curtas, uma vez que traziam mais benefícios materiais à comunidade local do que ao clero propriamente dito. Além disso, o maior caminho implicava uma expansão em larga escala (temporal e espacial) do cristianismo romano, pontilhando seu itinerário com igrejas e monumentos que remetiam a um passado providencial e estruturando organicamente viajantes e cristandade. Com o curso dos anos, os itinerários de peregrinação ordenam a teia em que transita o homem medieval, indicando sua apropriação do espaço no tempo<sup>53</sup>.

Ainda assim, em uma sociedade predominantemente sedentária como a medieval a peregrinação pode ser um fator anárquico, devido ao seu ímpeto e objetivos sobrenaturais. Provoca a hostilidade daqueles que se julgam mais razoáveis, especialmente após o século XIII, quando se organizam protestos contra estes viajantes. Muitas vezes estes protestos são reação aos grupos de bandoleiros que se vestem como peregrinos, aproveitando-se de éditos e bulas protegendo os penitentes. Estas leis se

---

<sup>49</sup> GOMES, Francisco José Silva. A Cristandade Medieval entre o mito e a utopia. In: *Topoi- Revista de História*. Rio de Janeiro: PPGHIS da UFRJ/7 Letras, set. 2002, nº 5, pp. 221-231.

<sup>50</sup> *Idem*, p. 354-360. PORTO, Thiago de Azevedo. “Domingos de Silos e a transladação de São Vicente e suas irmãs: uma análise sobre o papel do corpo e das relíquias no culto aos santos”. In: SILVA, Andréa Cristina Lopes Frazão da (org.). *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008, pp. 267-276. Entretanto, o sentimento de sentir-se estranho ao mundo perdura no franciscanismo, que torna a própria existência uma peregrinação. IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 152. FALBEL, Nachman. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: Edusp, 1995.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 185.

<sup>52</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 98. VISALLI, Angelita Marques. “Carta de Preste João em Occitano: uma versão particular para um sonho mais antigo”. In: OLIVEIRA, Teresinha (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: Eduem, 2002, pp. 165-185.

<sup>53</sup> ZUMTHOR, 1994, op. cit., pp. 181-182.

realizam no mesmo esforço de enquadrar o fenômeno em uma ordem sedentária que exorcizasse a figura pouco cristã do vagabundo<sup>54</sup>.

Outra forma de intervenção no ato de peregrinar diz respeito não às restrições impostas a este, mas à sua aplicação como pena religiosa ou laica. Normalmente imposta a membros da aristocracia política-militar, o ato de viajar com um manto humilde, desarmado e despojado de luxos obriga o penitente a afastar-se da corrupção da soberba. Com o aumento das hostilidades contra os islâmicos, era permitido ao viajante que portasse armas para se defender dos ataques de infiéis, seja em sua pessoa ou nas mãos de criados e companheiros. As solidariedades forjadas em sua decorrência foram importantes para o surgimento das ordens de cavalaria, que permaneceram fiéis ao propósito de canalizar os excessos de uma elite guerreira a um preceito institucionalizado e condizente às formas de manifestação religiosa dos séculos XI-XIV<sup>55</sup>.

O maior exemplo da composição de vontades expressas através da peregrinação é o das Cruzadas<sup>56</sup>. Desde que o imperador Constantino mandara erguer o Santo Sepulcro em Jerusalém atendendo à sua mãe, santa Helena, a cidade se torna o principal receptáculo das idealizações peregrinas. Sua tomada pelos persas e muçulmanos afastam o itinerário da realidade de grande parte do Ocidente. Ainda que os islâmicos tenham se mostrado em grande parte tolerantes aos peregrinos ocidentais, poucos podiam resistir às intempéries e aos custos da viagem.

Com a onda de renovação espiritual do século XI, estas dificuldades surgem como uma provação à religiosidade popular. O supracitado conflito entre papado e Império se desdobrava entre os locais de peregrinação ocidentais faz com que os anseios voltarem-se ao túmulo de Cristo com esperança e negação das instituições vigentes<sup>57</sup>. Estas aspirações são redirecionadas pela Igreja, que conclama estas massas a libertarem o Santo Sepulcro das mãos dos muçulmanos e resgatarem os cristãos que lá se encontram ameaçados. Esta assimilação é alimentada pelos anseios milenaristas que viam em Jerusalém palco do surgimento do Anticristo e do retorno de Jesus<sup>58</sup>.

---

<sup>54</sup> *Idem*, p.180.

<sup>55</sup> FLORI, Jean. “Jerusalém e as Cruzadas”. In: LE GOFF; SCHMITT (orgs.), 2006, op. cit., vol. II, pp. 12-23.

<sup>56</sup> Refiro-me a “Cruzadas” como substantivo, de inicial maiúscula, às ações militares empreendidas no esforço da conquista e manutenção de Jerusalém.

<sup>57</sup> SOT, 2006, op. cit., p.360.

<sup>58</sup> FLORI, 2006, op. cit., pp. 14-22.

Entretanto, a institucionalização política destes sentimentos acabou fazendo com que as Cruzadas perdessem força. Uma vez que os peregrinos se tornam soldados, o aspecto transcendental e espontâneo procurado se esvanece em meio a ordens e carnificina; a fuga do mundo deixa de operar quando a Jerusalém terrestre se sobrepõe à espiritual e o salvacionismo dá lugar à conquista. Com a queda de Acre em 1291, o papado institui a proibição das peregrinações à Palestina. Ainda assim (ou mesmo por esta causa), isto não impede que penitentes procurem o local a despeito dos perigos da jornada e de condenação eclesiástica, o que demonstra que esta manifestação de fé não dependia de uma autorização da Igreja, mas de um impulso mais primitivo<sup>59</sup>. Mas no imaginário da maioria dos ocidentais, desde o momento em que foi conquistada pelas coroas européias, Jerusalém está perdida.

Entretanto, no registro, ela permanece. Os casos mais representativos de literatura de viagem do Ocidente até o século XII são os relatos com objetivo de peregrinação, que desempenham um importante papel ao exortar um sentimento de comunidade espiritual entre seus leitores e penitentes.

Os relatos de peregrinação remontam a São Jerônimo no século VI, e mantém uma tradição que indissocia manifestações populares de um corpo regimental<sup>60</sup>. São mais voltados para guiarem os suplicantes do que a criar um corpo coeso; indicam lugares santos, hospedagem e uma geografia frouxa. Mesmo aqueles que não podem seguir o caminho o fazem como audiência destas obras e pelas ilustrações nelas contidas<sup>61</sup>. Essas obras são definidas pelo caráter sucinto e pouco descritivo; o itinerário era mais uma linha pontilhada por considerações vagas e simbólicas (“uma floresta”, “o vale”, “são feios”) do que uma rota contínua<sup>62</sup>.

Além da coesão comunitária, destacava-se o papel do peregrino-narrador, que

(...) Traz, talvez sem desejar fazê-lo claramente, o itinerário de uma santidade; a memória se projeta no espaço sagrado e no discurso mediante o qual desempenha uma função de iniciação. Trata-se de uma função forte, que corresponde a um dos recortes específicos do cristianismo medieval, da religião mais do espaço do que do tempo.<sup>63</sup>

A aristocracia secular e religiosa procura canalizar este movimento em seus interesses. O papa Calixto II (1119-1124) lança o seu Códice identificando-se como

<sup>59</sup> ZUMTHOR, 1994, op. cit., p.179.

<sup>60</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, p. 191.

<sup>61</sup> *Idem*, pp. 285-286.

<sup>62</sup> MARTIN, op. cit., 1996, pp. 130-132.

<sup>63</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, p. 287.



peregrino de Santiago e Jerusalém; como patrono desta prática, reúne no quinto livro de sua obra diversas rotas sinalizando as paragens seguras (e fiéis ao papado) para os penitentes, com descrições mais vívidas que as até então vistas<sup>64</sup>. Desta maneira, se fixavam tipologias dos peregrinos e suas rotas, buscando fugir das experiências de espiritualidade mais acentuada, que articula um discurso profético em torno de um itinerário.<sup>65</sup>

### 1.3 – Os limites entre espiritual e utópico

É impossível compreendermos as alterações da Idade Média sem conhecermos a dinâmica espiritual deste período; o plano religioso é a arena que desenvolve a quase totalidade das contendas internas e externas entre grupos medievais.

Como Roger Chartier coloca, os conflitos de representações são tão decisivos para uma civilização quanto os econômicos, pois impõem valores e criam laços de dominação<sup>66</sup>. Entretanto, diferentemente dele, acredito que nem sempre as relações entre representações se dão de forma conflitiva, nem necessariamente de forma intencional. Há uma margem de troca facilitada pelo universalismo cristão e pela tendência oral em todos os estratos sociais e nichos culturais que impede uma separação total e ativamente opositiva na sociedade medieval. Já na fundação da cristandade latina, Gregório Magno atribui uma sacralidade ao poder civil, em uma união que mantém grande parte da unidade religiosa no Ocidente<sup>67</sup>. Apesar de este gesto pretender deixar clara uma separação entre Igreja, nobreza e plebe, a circulação de idéias nunca foi hermética.

Jean-Claude Schmitt nos coloca propriamente que a religião cristã é a religião da Bíblia<sup>68</sup>. Este é o ponto central para uma sociedade que se replica e divide constantemente, e garante a especialização de um grupo sacerdotal que intermedia o

<sup>64</sup> SEBÁSTIAN, Santinago; LÓPEZ, Santiago. *Mensaje simbólico del arte medieval: Arquitectura, liturgia e iconografía*. Madri: Encuentro, 1994, pp.279-311. PEDRERO-SANCHÉZ, Maria Guadalupe. “Os perigos do Caminho de Santiago segundo o ‘Codex Calixtinus’”. In: In: STEIN, Ernildo (org.) *A Cidade de Deus e a Cidade dos Homens*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 291-308.

<sup>65</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, p. 272.

<sup>66</sup> CHARTIER, Roger. “Por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: CHARTIER, Roger (org.) *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990, pp. 16-18.

<sup>67</sup> RIBEIRO, op. cit., 2002, p.179.

<sup>68</sup> SCHMITT, Jean-Claude. “‘Religion populaire’ et culture folklorique”. In: *Annales Économies Sociétés Civilisations*, Paris: Armand Collin, 31e Anné, n ° 5, sept-oct, 1976, pp. 941-953.

acesso às Escrituras através das letras e que se coloca como mantenedora da herança greco-romana e hebraica. Mas não há pastor sem rebanho, e se a fé é o único meio representacional estruturado do medievo, ele deve afrouxar suas premissas para saciar sua pretensão universalista.

Para que funcione como uma ideologia, a religião latina deve permear todos os aspectos da vida de seus sujeitos, como o espaço. O conhecimento do espaço é definido por seu monopólio da escrita, que se mostra mais durável que a memória laica. Aos espaços desconhecidos, depara-se com pensamentos que residem na fronteira com a heresia, como o milenarismo que motiva a primeira onda de peregrinações maciças ao Oriente, ou as visões e sonhos.

A interdependência entre uma espiritualidade “eclesiástica” e uma “popular” torna difícil tomar padrões fixos de identificação (ou mesmo de identidade) cultural. Se por um lado as lendas locais são descontextualizadas, tiveram oportunidade de um registro de longo prazo e puderam manter-se enraizadas à sua comunidade sem sofrer represálias. Por outro lado, ao estruturar as formas de manifestação simbólica, torna-se o próprio meio de contestação social.

A primazia da Igreja sobre a ideologia religiosa reside em sua capacidade organizativa frente às manifestações laicas<sup>69</sup>. Mas mesmo esta proteção institucional não consegue abarcar as mudanças econômicas e sociais ocorridas entre o século XI e XIII. A monetarização da economia e a urbanização multiplicaram a influência e riqueza das figuras proeminentemente cidadinas, como mercados, portos e instituições religiosas.

A ostentação da Igreja se manifesta justamente em um período que os anseios milenaristas são fortemente sentidos em amplas camadas populares. Ao contrário das perspectivas escatológicas presentes na patrística, o temor suscitado pelo fim do mundo dá margem para a esperança de uma realidade renovada e idealizada<sup>70</sup>. Populariza-se a idéia que o clero católico tornara-se corrupto e ambicioso, distante das virtudes apostólicas primitivas. O Anticristo não viria do Oriente, e sim no seio do próprio papado.

---

<sup>69</sup> ALMEIDA, Néri de Barros. "A documentação hagiográfica e o estudo da relação entre níveis de cultura na Idade Média". In: *Con(s)ciência Revista Cultural, Técnica e Científica*, nº7, Vitória da Conquista: UESB, 1997, p. 64-87.

<sup>70</sup> TÖPFER, Bernard. "Escatologia e Milenarismo". In: LE GOFF; SCHMITT, op. cit. 2006, vol. I, p. 354.

As heresias passam de seu caráter eminentemente teológico<sup>71</sup> para um contexto de mobilização social que perturbava a instituição do apostolado romano. A ausência de parâmetro histórico e legal para lidar com uma heresia popular e a ineficácia de um diálogo fez com que a Igreja delegasse às instituições seculares sua perseguição, aplicando a pena da excomunhão àqueles que falhassem<sup>72</sup>. Paulatinamente, montava-se uma rede de proteção ideológica por meio da legislação canônica que culmina na Inquisição. O esforço de conversão era realizado não mais às margens do espaço cristão, mas nas cidades latinas; sendo substituído pelo processo inquisitorial quando as palavras não bastavam<sup>73</sup>.

Esta postura era presente principalmente nas duas novas ordens religiosas, a dos pregadores (dominicanos) e dos menores (franciscanos). Enquanto que os primeiros foram instituídos por um cônego que decide viver na pobreza para abafar as heresias no interior do Languedoc, Francisco de Assis tem sua origem em uma rica família de mercadores de tecidos, filho da cidade, “grande gastador”, admirador de aventuras e de romances de cavalaria<sup>74</sup>. Apesar de considerar-se inculto (*idiota*) e não ter cursado o *trivium* e o *quadrivium*<sup>75</sup>, dominava o francês<sup>76</sup> e tinha um conhecimento razoável de latim<sup>77</sup>. Após despir-se de sua vida anterior e entrar em uma prática de desapego ao luxo e ao corpo, não queria erguer uma Ordem de fato, apenas estabelecer uma comunidade de uma dúzia de pessoas próxima à Rivo Torto com a bênção papal. Entretanto, este movimento escapou de seu controle: atingiu uma popularidade além do esperado, agremiando mais de dois mil membros em dez anos<sup>78</sup>; viu-se obrigado a enquadrar sua Ordem em um modelo rígido para seguir os desígnios do papa, que a empurrava cada vez mais em direção do monaquismo que tanto repudiava.

Nos últimos anos de Francisco via-se uma divisão entre os membros de sua fraternidade. Alguns assumiam o papel que lhe fora colocado pelo papado como

---

<sup>71</sup> Santo Agostinho contara 88 heresias no século V, e Isidoro de Sevilha 70 no século VII. ZERNER, Monique. “Heresia”. In: LE GOFF; SCHMITT, op. cit. 2006, vol. I, p. 503.

<sup>72</sup> FABEL, Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 16.

<sup>73</sup> *Idem*, p. 19.

<sup>74</sup> LE GOFF, Jacques. op.cit., 2007, pp. 59-62.

<sup>75</sup> *Trivium* compreende a gramática, retórica e dialética; *quadrivium* são as artes da aritmética, geometria, astronomia e música; cursos que compreendiam na essência das artes liberais. CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957.

<sup>76</sup> Língua que preferia escrever e que se via falando sozinho às vezes. Também era a principal língua de literatura cavaleiresca e poesia em sua época. Seu nome de batismo era Giovanni Bernardone, mas por este hábito é apelidado de “Francesinho” (*Francisco*) por seus amigos. LE GOFF, op. cit., 2007, pp. 58-60 e 129.

<sup>77</sup> IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 39.

<sup>78</sup> IRIARTE, op. cit., 1985, p.49

estudiosos, mensageiros e pregadores, identificados como “conventuais”. Outros preferiam a vida heremítica, na pobreza absoluta e de negação do mundo físico e do conhecimento além das Escrituras, conhecidos como “espirituais”<sup>79</sup>. Estes últimos representavam um problema para a Igreja por concentrar o maior número de seguidores do joaquimismo.

Joaquim de Fiore foi um ex-cisterciense do século XII, fundador de uma congregação que acabou sendo dissolvida no Quarto Concílio de Latrão (1215). Destacou-se por profetizar a divisão da história em eras evangélicas distintas: a do Pai, em que Deus se manifestava através dos reis e dos anciãos, demandando obediência e temor; a do Filho, que abre espaço para a sabedoria e aos clérigos através da fé; e a derradeira idade do Espírito Santo, onde a liberdade, o amor e a espiritualidade envolveriam toda a humanidade em fraterna contemplação. Apesar de elaborar suas obras ainda no seio da Igreja, suas idéias se tornam catalisadoras de movimentos heréticos que condenam o crescente interesse do episcopado pelas questões financeiras e terrenas, especialmente nutridas por setores do próprio clero<sup>80</sup>. Os espirituais franciscanos viam o santo de Assis como o portador angélico do Evangelho Eterno do Espírito Santo, com a Igreja tentando deturpar seus ensinamentos ao modificar seu Testamento, vida e regras para o seu interesse<sup>81</sup>. Em um mundo efêmero, renova-se o sentimento da marginalidade voluntária.

O crescente interesse do papado no poder político e econômico não repercutiu apenas nas aspirações espirituais. Desde que Frederico Barba-Ruiva fora eleito sem a confirmação de Roma, os conflitos entre Império e Igreja se tornaram frequentes, desencadeando excomunhões a imperadores e invasões aos Estados Papais<sup>82</sup>. Além das armas institucionais e militares, o simbolismo também atua como fonte promotora dos ideais de ambos envolvidos. O reflexo deste conflito faz-se sentir mesmo em ambientes bem diversos às cortes imperiais e papais.

Em meio às batalhas dos cruzados na Terra Santa e com a notícia dos ataques mongóis aos muçulmanos, Jacques de Vitry exalta seus homens dizendo que o rei Davi das Duas Índias viria em auxílio às suas tropas contra os muçulmanos. Este “rei Davi”

---

<sup>79</sup>SUSSIN, Luis Carlos. “‘Sine Proprium’: Deposição ontológica e antropológica em conflito”. In: STEIN, Ernildo (org.) *A Cidade de Deus e a Cidade dos Homens*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 611-624. FALBEL, Nachman. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: Edusp, 1995, pp. 145-176.

<sup>80</sup>FALBEL, op. cit., 1976, pp. 72-80.

<sup>81</sup>IRIARTE, op. cit., 1985, pp. 96-98.

<sup>82</sup>PARISSE, Michel. “Império”. In: LE GOFF; SCHMITT, op. cit. 2006, vol. I, pp.614-616.

seria o filho de uma das figuras que melhor expressa a relação dos medievais com o espaço imaginado: Preste João<sup>83</sup>.

O Império de Preste João, vasto território que se imaginava existir no Oriente, reuniria diferentes povos vivendo em harmonia sob o comando daquele personagem ao mesmo tempo rei e sacerdote; o oposto, portanto, do que ocorria na Europa de então, dividida e em conflito constante entre imperador e papa, que disputavam o poder único e supremo.<sup>84</sup>

A primeira carta de Preste João data de 1165, onde se dirigia ao imperador bizantino Manuel Comneno clamando por um contato com o papa. Fora elaborada por Oto Babenberger, tio de Frederico Barba-Ruiva, Imperador do Sacro Império, que recebe a carta e descreve o mítico governante para sua corte. Em uma única figura, concentram-se utopias (a unificação das potências terrenas), esperanças (harmonia entre povos de diferentes culturas), aspirações do poder secular (Preste João era nestoriano, porém um rei justo e temente a Deus, oferecendo um antecedente para o imperador germânico excomungado) e da Igreja (a unificação do mundo sob o Catolicismo, pois se colocava como o mais alto dos imperadores e um presbítero, o mais baixo dos clérigos, ansioso de se submeter ao papa). Outros aspectos interessantes que demonstram a interpenetração cultural no medievo através dos elementos de uma mesma carta são a liberdade sexual entre os seus vassallos sob a aura de pureza (onde mesmo os sacerdotes poderiam ter relações carnavais sem incorrer em pecado), sua ligação com os Reis Magos (de quem seria descendente e teria tomado o exemplo dos reis-sacerdotes), a veiculação de suas cartas (surgem inicialmente em latim, sendo rapidamente traduzida em várias línguas vulgares) e a forma do texto (as cartas em língua vernácula normalmente são em verso, para facilitar a declamação pública)<sup>85</sup>.

A figura de Preste João se soma à de Alexandre Magno nas representações do Oriente neste cenário de retorno a um passado heróico e puro. Nas versões dos séculos XI-XV do *Roman d'Alexandre*, o macedônio aparece lutando contra demônios,

<sup>83</sup> ALLSEN, Thomas. "The rise of Mongolian empire and Mongolian rule in north China". In: FAIRBANK, John King; FRANKE, Herbert; TWITCHETT, Denis (orgs.). *The Cambridge History of China. Vol .6: Alien Regimes and Border States, 907-1368*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 329-364. LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 59-62.

<sup>84</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. "A Cocanha como utopia e Dante como poeta do Absoluto". In: *IHU Online* p. 25-28. O referente artigo pode ser visualizado no seguinte sítio [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=61&id\\_edicao=117](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=61&id_edicao=117) – última visita em 28/10/2008.

<sup>85</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. "A construção de uma utopia: o império de Preste João". In: *A Eva Barbada: Ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 89-107. VISALLI, Angelita Marques. "Carta de Preste João em Occitano: uma versão particular para um sonho mais antigo". In: OLIVEIRA, Teresinha (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: Eduem, 2002, pp. 165-185.

muçulmanos, os povos malditos de Gog e Magog e o Anticristo. Ao mesmo tempo em que assume o manto do cavaleiro perfeito, as jornadas do imperador apresentam um Oriente idealizado e maravilhoso esperado pelos anseios escatológicos do Ocidente<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> BØE, Sverre. *Gog and Magog: Ezekiel 38-39 as Pre-text for Revelation 19:17-21 and 20:7-10*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001, p. 219-228. PRADO, Pedro Custódio. *Alexandre Magno: Aspectos de um mito de longa duração*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 99-126. LE GOFF, Jacques. “O Ocidente medieval e o Oceano Índico: um horizonte onírico”. In: *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980, pp. 263-280.

## 2 - Viagem, letra e verdade<sup>87</sup>

### 2.1 – A literatura de viagem entre a marginalidade e a instituição

No mundo ocidental, os livros de viagem não dispunham do destaque que os escritos semelhantes gozavam na língua árabe (na forma dos *rihla*)<sup>88</sup>. Ainda assim, viajar nunca deixou de ser um tema explorado por todas as manifestações literárias do Ocidente. A história da cristandade romana é a história da viagem de um clero que, unido pelo latim, registra e adapta o avanço de sua religião. Ao passo que a Igreja criava uma estrutura no espaço, camponeses, senhores, reis, funcionários, fugitivos e vagabundos iam se adaptando à nova organização do espaço e fazendo seu registro; enquanto que outros eram exortados pela nova religiosidade a peregrinar pelos lugares sagrados. É também através dos viajantes que se conhecem as novidades, que são registradas por aqueles que têm interesse em atribuir-lhes um caráter documental ou para que sejam passadas para outras pessoas, sejam lidas ou recitadas<sup>89</sup>.

Escrever sobre o ato de viajar é estabelecer um paradoxo. O fascínio e curiosidade do novo não podem ser precisados pelas letras ou por palavras que escapem a realidade vivenciada por seus leitores/ouvintes. Aqui os limites do espaço encontram os da linguagem, e a adequação dá lugar à marginalidade.

É essencial notar que esse mundo, durante muito tempo, soube-se limitado em seu espaço. Para utilizar a palavra “margem” em seu sentido original, esse espaço é “limitado”. Ele é cercado de terras e de mares desconhecidos, cujo conhecimento se esfuma progressivamente à medida que se afasta do centro: vastas orlas incertas, reservatórios de “mirabilia”, de maravilhas e prodígios, como, a oeste, a Islândia, onde os autores do século XII situam as possíveis bocas do purgatório, e ainda a Irlanda, o País de Gales, em que os romanos cortesões situam o reino de Artur e a demanda do Graal. Porque esse vago que cerca as terras seguras, do mesmo modo que a margem – expressão dos copistas da Idade Média – cerca o texto e limita a página, alimenta uma imaginação coletiva cujos excessos o descobrimento progressivo da Terra não consegue exaurir: ela povoa as costas do oceano Índico (representado fechado, em vez de aberto), o país dos negros etíopes, e depois, as “Índias Ocidentais” – nossas Américas -, de monstros que

<sup>87</sup> Apesar da importância do tema, vai além do escopo da presente pesquisa uma análise aprofundada da literatura medieval, especialmente no tocante das hagiografias, *exemplia* e romances de cavalaria. Retirei-me aqui às tópicos pontuais que circundam a proposta deste estudo.

<sup>88</sup> MACEDO, José Rivair; MARQUES, Roberta Pôrto. “Uma Viagem ao Império do Mali no Século XIV: o Testemunho da *Rihla* de Ibn Battuta (1352-1353)”. In: MACEDO, José Rivair (org.). *Os viajantes medievais da Rota da Seda*. Porto Alegre, EDUFRGS (no prelo).

<sup>89</sup> LOPES, Paulo. “Os livros de viagens medievais”. In: *Medievalista on line*. Ano 2, nº 2, 2006, pp. 4-5. Obtido em 29/11/07 no sítio <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/medievalista-viagens.htm>

desafiam a razão (embora também sejam tidos como produto da criação de Deus) ou de Bons Selvagens que parecem ignorar o Pecado.<sup>90</sup>

Uma vez que a letra para os medievais era mais que uma forma de expressão, mas uma instituição<sup>91</sup>, a marginalidade do viajante é um perigo para a estabilidade de uma ordem predeterminada. Mas é justamente ao apreender estes conteúdos que um esforço ideológico se define, mesmo que inconscientemente. O universo religioso transborda as margens do cristianismo ortodoxo, cristaliza elementos externos e ameniza a distância do mundo<sup>92</sup>.

Desta maneira, devemos ter cuidado em não estabelecer uma delimitação clara entre as categorias culturais, literárias e tipológicas ao analisarmos um relato de viagem, deixando que ele fale por si antes de avaliá-lo pela quantidade e qualidade de informações que contém<sup>93</sup>.

São obras de caráter diverso, que têm na sua base propósitos igualmente diferenciados. No entanto, apesar das múltiplas variantes, a articulação, presente em todas, do discurso documental com o literário atribui-lhes um perfil singular. O discurso documental, dominante, faz com que a descrição, principalmente do mundo urbano, assumam uma importância crucial, prevalecendo sobre os aspectos narrativos, o discurso literário. Daqui resulta um dado inequívoco: os livros de viagens oferecem uma visão bastante clara da concepção do mundo e da realidade na Idade Média, ao mesmo tempo que constituem uma fonte incontornável para compreender aspectos muito diversos da cultura medieval.<sup>94</sup>

---

<sup>90</sup> SCHMITT, Jean Claude. "A História dos Marginais". In: LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.357.

<sup>91</sup> ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: A "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 96-116.

<sup>92</sup> ALMEIDA, Néri de Barros. "A documentação hagiográfica e o estudo da relação entre níveis de cultura na Idade Média". In: *Con(s)ciência Revista Cultural, Técnica e Científica*, nº7, Vitória da Conquista: UESB, 1997, pp. 72-74.

<sup>93</sup> HARTOG, op. cit., 1999, p. 47.

<sup>94</sup> LOPES, op. cit., 2006, p. 5.



## 2.2 – Individualismo, aventura e viagem

A partir do século XII, os relatos de peregrinação, fortemente ligados à hagiografia, são imbuídos de uma poética e oferecidos em verso para uma audiência pagante<sup>95</sup>. Paulatinamente, estreita-se a relação entre autor e *leitor* que extraía prazer das letras<sup>96</sup>, permitindo uma produção literária em língua local voltada para um nicho específico. Conforme sua popularidade aumenta, criam-se identidades locais atreladas a línguas nacionais, como no caso espanhol<sup>97</sup>.

Estas histórias trazem um personagem novo: o cavaleiro errante. Sua mobilidade não é uma maldição ou selvageria; seja por devoção, honra ou iniciação, vaga de um lugar a outro fazendo o bem e partindo em seguida. Posteriormente, com o fortalecimento das monarquias, essas figuras tendem a ser vistas mais como causadoras de problemas do que como defensores da Igreja e de seu rei.<sup>98</sup>

O espírito aventureiro está presente também nas Ordens pregadoras. Conforme comentamos anteriormente, Francisco era um ávido leitor da literatura cavaleiresca, e sua vida religiosa foi marcada pelo desejo (freqüentemente frustrado) de pregar em terras longínquas. Sua proposta de espiritualidade envolvia uma relação mais direta entre o homem e Deus; eram poucos os livros carregados por franciscanos em suas atividades de conversão, valendo-se de sermões personalizados e valorizando a introspecção da fé<sup>99</sup>. Uma vez que o mundo natural era uma obra divina, não havia motivos para temê-lo; mas este não era o lar da pureza e do espírito, e toda oportunidade de deixar esta vida em nome da fé devia ser valorizada. Assim, além do esforço de conversão, o franciscanismo patrocinou uma leva de viajantes buscando ativamente o martírio<sup>100</sup>.

<sup>95</sup> ZUMTHOR, op. cit. 1994, p. 298.

<sup>96</sup> *Idem*, op. cit., 1993, pp. 105-106

<sup>97</sup> *Ibidem*, 1994, p. 150 e 366.

<sup>98</sup> *Ibidem*, pp. 194-208

<sup>99</sup> IRIARTE, op. cit., 1985, pp. 159-163. Tamanha era a identificação com o ideal da cavalaria que o capítulo da Porcúncula emulava a Távola Redonda em suas reuniões LE GOFF, op. cit., 2007, p. 109.

<sup>100</sup> Iriarte nos conta do caso de um frade do século XIII que, determinado ser martirizado, começa a pregar dentro das mesquitas de Jerusalém. Seu desejo é atendido na quarta tentativa. IRIARTE, op. cit., 1985, pp. 176-182.

### 2.3 – Etimologia, transgressão e simulacros

Com a expansão militar e comercial, as autoridades da patrística são colocadas em questão pela experiência vivenciada. Pregadores, comerciantes e cruzados não encontram os elementos místicos prometidos, retratando um mundo diferente do imaginado. Para relatar este momento que impõe um déficit de parâmetros, os viajantes recorrem a freqüentes comparações com sua realidade imaginada originária. Quando este artifício não suporta as exigências do real, surge um discurso que ao menos permita estabelecer uma métrica para o entendimento de seu receptor. As comparações em geral não tendem a reduzir o que é notado, mas sim forçar ao máximo o fato observado no espaço ocidental do saber<sup>101</sup>.

Desta maneira, rompe-se o princípio defendido por Isidoro de Sevilha de que o objetivo último da escrita é legitimar o nome<sup>102</sup>; a etimologia deixa de ser produtora da verdade para se tornar uma ferramenta duvidável, como Marco Polo atesta em seu unicórnio-rinoceronte<sup>103</sup>. Ainda assim, como o mesmo exemplo nos coloca, a palavra não se rompe, e sim a verdade derivada dela - fazendo necessário nascer uma retórica da diferença ante a desagregação do universo simbólico<sup>104</sup>.

Esta retórica ultrapassa a permitida por Agostinho, na forma de um “véu” didático que encobre o Verbo na forma de Criação para não cegar os homens. Para o bispo de Hipona o mito só é verdadeiro quando é necessariamente falso (assim como não há mentira em um ator no palco); então o que dizer de lugares e relatos que tratam de coisas impossíveis, mas verdadeiras<sup>105</sup>?

Estas viagens transpassam o conhecimento compartilhado no momento em que lidam com injunções narrativas<sup>106</sup> que lhe obriguem a um esforço teórico para conciliar o mundo *de que se fala* ao mundo *em que se fala*. Este se desenvolve através de uma “poética da transgressão”<sup>107</sup>; um argumento retórico que permita a aceitação do escrito por seus ouvintes e leitores e propicie a aceitação do incrível como verossímil<sup>108</sup>.

<sup>101</sup> MARTIN, op. cit., 1996, pp. 137-147.

<sup>102</sup> CARRETO, Carlo F. Clamote. “A Verdade dos Simulacros: A (Re)Criação do Mundo na Narrativa Medieval”. In: *Signum*, nº 8, São Paulo: ABREM, 2006, p. 35.

<sup>103</sup> ECO, Umberto. *Kant e o Ortitorrinco*. Lisboa: Difel, 1999, p.65-66

<sup>104</sup> CARRETO, op. cit., 2006, p. 48.

<sup>105</sup> *Idem*, p. 35.

<sup>106</sup> Por injunções narrativas entendo as exigências que o real impõe ao registro. HARTOG, op. cit., 1999, pp. 74-78.

<sup>107</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, pp. 359-365.

<sup>108</sup> CARRETO, op. cit., 2006, p. 47.

Na realidade do Ocidente Medieval dos séculos XIII e XIV, onde ainda é embrionária uma divisão clara entre autoria, ficção e verdade, como é possível criar este efeito? Aqui, ao contrário dos romances “realistas”, a elaboração de um simulacro da realidade não é uma proposta de modelo em que os *topos* são apropriados subrepticamente pelo interesse do autor<sup>109</sup>. Entre a aglutinação simbólica agostiniana e o empirismo escolástico, a retórica nas viagens do fim do medievo é um produto da tensão entre o lugar inimaginado e a tentativa de integrá-lo em sistemas representacionais mutantes e sobrepostos<sup>110</sup>. O “efeito de real”<sup>111</sup> desejado não se restringe apenas à sua recepção imediata, mas à necessidade do narrador de compor um conhecimento crível a si mesmo e validado por sua audiência.

Assim, narrador, lugar, discurso e audiência se confundem, elaborando uma visão que perpassa diversas intencionalidades, reveladas através da retórica do desejo de unidade (ou mesmo o sentido da fragmentação) de um lugar no mundo.

Não se trata de pôr em relação um lugar e um texto, ou de reduzir o texto ao lugar, mas de delinear o lugar do narrador no interior da narrativa, o que, extrapolando o texto, pode apontar um lugar e “interditar” outros – ou circunscrever um lugar.<sup>112</sup>

---

<sup>109</sup> *Idem*, pp. 59-70.

<sup>110</sup> ZUMTHOR, op. cit., 1994, pp. 368-366.

<sup>111</sup> CARRETO, op. cit., 2006, p. 59.

<sup>112</sup> HARTOG, op. cit., p. 363.

### 3 – Requisitado sob obediência

#### 3.1 – O narrador e sua viagem

Quem é Odorico de Pordenone? Talvez o único consenso entre as várias obras já escritas sobre o frade<sup>113</sup> é que quase nada se sabe sobre ele além de seu relato e a data de sua morte. Filtrando os exageros<sup>114</sup> de suas elegias, *ellogio storico*, *vita* e entradas em hagiografias franciscanas, podemos levantar alguns dados biográficos sobre o narrador.

Odorico nasceu na região do Friuli, no norte da atual Itália, entre 1270 e 1290. Seu nome é derivado de Ulrico, Uldarico ou Ulrich, estando relacionado com São Uldarico, arcebispo de Augsburg morto em 973. A nacionalidade de sua família é defendida como austríaca ou tcheca, povos atraídos para a região por Otokar II da Boêmia para adensar suas guarnições<sup>115</sup>. Teria vestido o hábito franciscano por volta dos 15 anos de idade, vivido longe dos livros no eremitério.

Com a invasão mongol que já tomara grande parte da Rússia e Hungria no século XIII<sup>116</sup>, a Igreja e o rei (são) Luís IX da França articulam nas Ordens mendicantes o papel de intermediários dos poderes do Ocidente com os orientais. Esta tarefa não é uma tentativa de conversão de fato<sup>117</sup>, mas uma missão diplomática e de espionagem, onde os religiosos gozavam do privilegiado status delegado aos

---

<sup>113</sup> GUGLIELMI, Nilda (trad.). *Relación de viaje*. Buenos Aires: Biblos, 1987. PINTARELLI, Ari E. (OFM) (trad.). *Crônicas de Viagem: Franciscanos no Extremo Oriente Antes de Marco Polo (1243-1330)*. Coleção Pensamento Franciscano, vol. II, Porto Alegre: Edipucrs, 2005. STRASMANN, Gilbert (trad.). *Der Reise nach China des Odorico de Pordenone*. Berlin: Erich Schmidt, 1968. YULE, Henry (ed.). *Cathay and the Way Thither – vol.2*. London: Hakluyt Society, 1866. ROMB, Anselm (OFM). *Mission to Cathay: The Biography of Blessed Odoric of Pordenone*. New Jersey: Anthony Guild Press, 1955. MOULE, A. C. “A Small Contribution to the Study of the Bibliography of Odoric” (1); “A Life of Odoric of Pordenone” (2). In : *T'oung Pao*. Vol. XX, nº 5, Amsterdam: Brill, 1920, pp. 301-322 e 275-290. TESTA, Giulio Cesare. *Il vero Catai rivelato da Odorico*. 2006 Retirado de <http://www.odorichus.it/testi:realcathay-testo> em 24/09/07. CAMERON, Nigel. *Barbarians and Mandarins: Thirteen Centuries of Western Travelers in China*. Chicago: University of Chicago Press, s. d., pp. 107-123.

<sup>114</sup> Que envolvem dois encontros com a Virgem, dois com o Demônio, duas visões com São Francisco, um ano de jejum, três exorcismos, um cadáver incorruptível (até mesmo a golpes de espadas) e de “doce odor”, centenas de curas e mesmo uma ressurreição. *Acta Sanctorum*. Januarii, Tomus I. Bruxelles: Culture et Civilisation, 1966, p. 1061-1070. *Annacleta Franciscana*. Vol. III, folio 150, Quaracchi, 1897. MOULE, op. cit. (2), 1920, pp. 278-290.

<sup>115</sup> GUGLIELMI, op. cit., 1987, p. 10

<sup>116</sup> SINOR, Davis. “The Mongols in the West”. In: *Journal of Asian History*, vol. XXXIII, nº 1, Bloomington: Indiana University, 1999, pp. 1-44.

<sup>117</sup> Para desgosto do enviado de Luís, Guilherme de Rubruck, que se queixa frequentemente de não estar exercendo suas atividades pias CAMERON, op. cit., pp. 28-63.

embaixadores entre os povos das estepes orientais<sup>118</sup> para circular livremente e anotar suas mercadorias, táticas de guerra e objetivos.

Odorico parte para o Oriente entre 1316 e 1318, utilizando o caminho de Pádua até Constantinopla e Trebizonta, iniciando uma jornada que durará pelo menos doze anos. A indagação maior é o motivo que fez com que um eremita dos arredores de uma cidade portuária falida realiza uma marcha até o Oceano Pacífico. Os registros franciscanos falam que ele já tivera uma experiência como intérprete do Vigário Conrado de Pigau na Rússia tártara, mas são os mesmos textos que atestam que convertera mais de cinquenta mil infieis ao cristianismo<sup>119</sup>. De qualquer forma, em seu registro o frade não menciona nenhuma vez suas atividades religiosas ou mesmo atesta uma vontade de efetuá-las.

De Trebizonta, Odorico atravessa a Ásia Menor, passando por Hormuz, Tauriz, Sultanieh (a nova capital dos il-khans), Casan e Yezd. Toma um trajeto irregular, demorando de três a quatro anos para chegar a Tanam em um trajeto que podia ser completado em três meses. De lá vai para Hormuz, onde embarca em um navio oriental conhecido como *iasse* (atualmente chamados de “juncos”), até a cidade indiana de Tana. Lá descobre que três frades franciscanos foram martirizados depois de atritos com seus governantes islâmicos em 1321, toma seus ossos como relíquias e segue ao sul por embarcação por várias localidades da Índia Oriental (Malabar, Cinglin, Polumbum e Mobar, Madras) e as ilhas do Índico (Ceilão, Sumatra, Bornéu e Dondim)<sup>120</sup>.

A viagem continua por mar até a China Meridional, conhecida como Índia Superior pelos Ocidentais (que Odorico chama de Manzi). Em Zaiton (Chun-Cho) deposita as relíquias dos mártires na confraria franciscana local e continua por Fuzo (onde presencia a pesca com mergulhões), Camsay (onde tenta dissuadir, sem sucesso, um monge budista de que a alma humana pode retornar em animais) até chegar a Cambalic (Beijing), residência do Khan Yesün Temür, onde permanece por três anos de silêncio em seu relato. Pouco fala também de sua jornada de volta; sabemos que retorna pelo continente, onde visita o Tibete e ruma para a Pérsia, onde fala do “Velho da Montanha” e o seu Paraíso artificial.<sup>121</sup>

<sup>118</sup> ROMB, op. cit., 1955, p. 86. DAVIS, op. cit., pp. 4-6. ALSEN, op. cit. 1988, pp. 492-494.

<sup>119</sup> *Annacleta Franciscana*. Vol. III, folio 150, Quaracchi, 1897.

<sup>120</sup> YULE, op. cit., 1886, vol. II, cap. 1-29, pp. I-XXIV.

<sup>121</sup> *Idem*, cap. 30-49, pp. XXIV-XXXIX.

Sabemos que em 1330 o idoso franciscano é convocado de Pordenone para a corte de João XXII<sup>122</sup> em Avignon, interrompendo seu desejo de mais uma viagem ao Oriente, desta vez acompanhado de 50 frades. Sua última jornada em direção à sede francesa do papado acaba incompleta, ficando internado em Pádua em decorrência de problemas pulmonares. Frei Guilherme de Solagna toma seu depoimento requisitado “por obediência” pelo *Reverendo Patri fratri* Guido da província de Santo Antônio. Odorico morre meses depois e seu corpo é trasladado para Udine.

### 3.2 – Um relato escrito

Assim como no caso de Heródoto<sup>123</sup>, só podemos conhecer Odorico e seus objetivos interpretando sua obra. Igualmente circunscrito em uma sociedade no processo de solidificação da separação entre o oral e o escrito, o relato do franciscano se diferencia do viajante de Helicarnasso por ser ele próprio uma manifestação oral apreendida pelas letras. Não é uma construção estilística digna de admiração<sup>124</sup>, como o próprio escriba deixa claro<sup>125</sup>, mas por este mesmo motivo torna-se uma obra passível de ampla divulgação.

Em um movimento contrário ao da literatura cavalheiresca, que ganhava *popularidade* local em língua vulgar e em verso, através do relato de viagem em latim o texto ganha uma *abrangência* de público que ultrapassava as barreiras nacionais. A organização do texto em capítulos curtos que encerravam um determinado espaço permitia pausas para que a platéia se espantasse e comentasse o local descrito. Além desta função, esta orientação do *corpus* textual criava um itinerário que pontilhava uma realidade entre o “lá” e o “cá”, convidando o leitor ou ouvinte a acompanhar uma narrativa que ia paulatinamente afastando-se do mundo conhecido sem causar um rompimento que afetasse sua verossimilhança. Transporta a platéia para uma

<sup>122</sup> Que não tinha relações nem um pouco amigáveis com os franciscanos. FALBEL, op. cit., 1995, p. 145-176. IRIARTE, op. cit., 1985, p. 96-98.

<sup>123</sup> HARTOG, op. cit. 1994, pp. 31-43 e 369-377.

<sup>124</sup> Como não o é a maioria dos relatos de viagem medievais; nem todo viajante têm um Rusticello de Pisa esperando em sua cela para florear suas descrições. É interessante destacar a observação de Paul Zumthor de que ao tratar do espaço, o verso era utilizado em obras que lidavam o espaço em que se vivia (daí temos a criação dos simulacros do capítulo anterior), enquanto que a prosa (mais favorável à descrição) lidava com as paisagens longínquas. op. cit. 1994, p. 371.

<sup>125</sup> Cap. 51: “Prædicta autem fideliter frater Guillelmus de Solagna in scriptis redegit sicut prædictus frater Odorius Boemus ore proprio exprimebat, anno Domini M.ccc.xxx mense Maii Paduse in loco Sancti Antonii. Nec curavit de latino difficili et curioso ac ornato, sed sicut ille narrabat sic iste scribebat, ad hoc ut omnes facilius intelligerent quæ dicuntur, etc”. YULE, op. cit., 1886, p. X/III.

marginalidade voluntária que vai deixando de ser espiritual com o esfacelamento do universo simbólico para a excitação da aventura<sup>126</sup>, função que é fermentada na segunda metade do século XIV pelo fechamento do Oriente da *pax mongolica* e do isolamento pela Peste, onde a obra de Odorico é reapropriada por “Jean de Mandeville”. Esta relato fictício é uma das principais fontes de inspiração dos *conquistadores*, que procuram riquezas e aventuras nas “Índias” da América<sup>127</sup>.

A oralidade não é um movimento de sentido único na obra odoricana. Uma vez que seu relato foi captado pouco antes de sua morte por um escriba e não redigido pelo próprio, sua composição foi semelhante ao dos letrados que ditavam a um secretário. Na narração dos fatos para Solgna, Odorico se via obrigado a usar o referencial disponível imediatamente para manter a cadência narrativa. Assim, como Yule sugere:

Other and minor difficulties or exaggerations are, I dare say, to be accounted for by accidents of dictation, and must not be judged too hardly. For instance, the narrative says that Odoric saw at Champa a tortoise as big as the dome of St. Anthony's at Padua. The Friar, be it remembered, was in the convent of St. Anthony, when he dictated the story; perhaps lying ill as some of his biographers assert. He tells William de Solagna that he *saw a very big tortoise* “How big?” quoth Gulielmo all agape; “Was it as big as the dome yonder?” “Well, yes,” says the sick traveller, perhaps without turning to look, and certainly without making a very accurate comparison, “I dare say it might be” And down it goes in regular narration: “*Vidi ibi testudinem majoron, revolution tralli eglesiae Sancti Antonii de Padua.*”<sup>128</sup>

Há uma grande possibilidade de que o texto tenha sido posteriormente transcrito das *notas tironianas* de Guilherme de Solagna e revisado por Guido de Pádua. Mesmo que se possa reconhecer uma coesão do relato, há partes que destoam da cadência e linguagem do restante de seu corpo, como a passagem pelo “vale terrível” no capítulo 49, onde o frade se delonga a explicar sons, aparece pedindo clemência divina e revela que sentiu medo (muito distante do quinquagenário que queria escalar a montanha onde estava a arca de Noé do capítulo 2). A função desta passagem parece ser de reintegração ao território ocidental e de sustentação da ordem bíblica e escatológica do mundo; Odorico estaria voltando pelo vale que separa o Oriente do Oriente mantendo a

<sup>126</sup> ZUMTHOR, op. cit. 1994, p. 369.

<sup>127</sup> GREENBLATT, Stephen; *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 45-74 e 159-195.

<sup>128</sup> YULE, op. cit., 1886, vol. I, pp. 26-27.

uma estrutura teocêntrica simbólica vigente depois de presenciar tantas contradições entre o esperado e o presenciado/narrado<sup>129</sup>.

### 3.3 - Representações da santidade

Outro ponto que apresenta divergências é o interlúdio hagiográfico dos capítulos 6 a 15, que apresentam uma descrição dos diálogos e ações pessoais destoantes do resto da obra, bem como sua organização no espaço da letra (9 capítulos) e da narrativa (praticamente inexistente uma descrição de Tana e seus habitantes). A martirização valorizada por um frade que não descreve perigo (ou vontade) algum de ser atingido pelo mesmo destino nos sugere uma propaganda ao meio espiritual franciscano; o frade retratado como o mais pio dentre os executados, Tomás de Tolentino, fora encarcerado diversas vezes por suas opiniões radicais sobre a pobreza e críticas ao papado<sup>130</sup>.

Odorico não é um homem que demonstra preocupação com a santidade. Só fala da Virgem na descrição do martírio; primeiro em sua evocação por Tiago de Pádua para protegê-lo das chamas (capítulo 8), e quando vai recorrendo a todas as oblações possíveis para não ter suas relíquias jogadas ao mar caso não façam o navio em que se encontram sair da calmaria que o imobiliza. Primeiro implora a Deus, depois promete várias missas em nome de Maria, por fim acaba jogando um osso pequeno dos mártires na água – o que finalmente traz o vento (capítulo 14).

Só faz alusão a quatro outros santos. Já no primeiro capítulo não chama de santo o patriarca de Alexandria do século IV Atanásio, que estaria enterrado nas portas de Erzurum<sup>131</sup>. Também não sabe identificar o nome do hino criado por ele, apenas seu primeiro verso<sup>132</sup>. Recorre ao *topos* da sepultura de São Tomé na Índia no capítulo 18,

---

<sup>129</sup> Ezequiel 38:15 e 39:11 – “Virás, pois, do teu lugar, do extremo norte, tu e muitos povos contigo, montados todos a cavalo, grande ajuntamento, e exército poderoso (...) E sucederá que, naquele dia, darei ali a Gogue um lugar de sepultura em Israel, o vale dos que passam ao Oriente do mar; e pararão os que por ele passarem; e ali sepultarão a Gogue, e a toda a sua multidão, e lhe chamarão o vale da multidão de Gogue.” Apocalipse 20:6-7 - “E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha.” *A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, ed. revista, 1985.

<sup>130</sup> GUGLIELMI, op. cit., 1987, p. 111. PINTARELLI, op. cit., 2005, p. 291.

<sup>131</sup> Remontando à prática grega de enterrar seus heróis nas portas das cidades para protegê-las. HARTOG, op. cit., 1994, 161-164.

<sup>132</sup> PINTARELLI, op. cit., 2005, p. 284.



reclamando que estaria cheia de ídolos e tomada por nestorianos<sup>133</sup>. Por fim, utiliza a imagem de São Cristóvão para descrever um grande ídolo nesta cidade, onde as peregrinações assemelham-se às para a sepultura de Pedro Apóstolo<sup>134</sup>. Notemos que os santos estão presentes na narrativa apenas como entidades referenciais, não há uma apologia às suas ações pias; eles atuam como mero intermediário para que a mensagem se faça entendida. Ao contrário do que vemos nos registros pós-colombianos, é a realidade do “próprio” que é descontextualizada para que se apreenda o vivenciado.

### 3.4 – A medida das *mirabilia*

Curiosamente, neste mesmo ídolo a terminologia de religiosidade ocidental aparece expressa em seu culto. Ele reside em uma igreja (*ecclesia*), seus fiéis vão prostrando-se (*venia*) no percurso até ela, e em seguida “*Accipiunt insuper unum thuribulum cum incenso etiam igne adolentes desuper illam longitudinem venie ipsius*”<sup>135</sup>. A cerimônia prossegue com cânticos maravilhosos<sup>136</sup> enquanto os fiéis despejam ouro, prata e pedras preciosas em um lago artificial. O grande ritual de traslado do ídolo culmina com centenas de pessoas sendo esmagadas pela procissão do gigante de ouro, enquanto que outras se interpõem na frente deste com facas afiadas e aspergem seu sangue por sua extensão – tornando-se santos aos olhos de seus companheiros.

É desta forma que a narrativa de viagem, se se pretende relação fiel, deve comportar uma atenção especial às maravilhas. Como Hartog coloca, o discurso etnográfico normalmente estrutura-se da seguinte

---

<sup>133</sup> Que identifica como “os piores hereges”. Esse é o único momento em que há um julgamento negativo dos nestorianos<sup>133</sup>. Paradoxalmente, estes cismáticos ofereciam abrigo aos missionários católicos romanos em suas jornadas ao Oriente. GUGLIELMI, op. cit., 1987, p. 110.

<sup>134</sup> “(...) ydolum mirabile valde quod omnes contratge Indias multum reverentur. Nam ipsum est magnum quantus sanctus Christoforus communiter depingitur a pictoribus, et est totum de auro, positum super unam magnam cathedram, quæ auro. Et habent ad collum unam cordam de lapidibus preciosis. Quæ autem corda precium multum et Ejus ecclesia totum de auro, puro. Nam tectum totum est de auro ; similiter et pavimentum. Ad hoc ydolum orandum occurrunt gentes de longinquo sic christiani de longe vadunt ad Sanctum Petrum”. YULE, op. cit., 1886, vol. II, p. XV.

<sup>135</sup> *Idem*.

<sup>136</sup> Ainda que dois séculos separem os relatos, há uma grande semelhança da descrição destes cânticos e cerimônias por Odorico à obra de Jean de Léry, quando o missionário calvinista trata da música dos selvagens brasileiros e expressa a incapacidade da palavra (especialmente a escrita) em apreender a totalidade emocional e perceptiva. CERTEAU, Michael de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982, pp. 231-261.

forma: abertura referente à natureza da região; a passagem em revista dos nomes do local; menção das *mirabilia*<sup>137</sup> e por fim a história política<sup>138</sup>.

A importância delegada às maravilhas é anunciada por Odorico já na abertura de sua obra; ele não pode deixar de lado aquilo que seu público espera. É na maravilha que se traduz a diferença: nela transcreve-se o incompreensível, classifica-se o extraordinário. No caso acima, somente aproximando o ritual de provável origem védica à peregrinação, missa e martírio, a audiência sofre o impacto total da devoção dos indianos em suas ações suicidas.

Há ainda o importante caso das digressões; situações que escapam aos moldes da comparação, inversão e analogia, requerendo que se use a segurança dos números para conquistar verossimilhança<sup>139</sup>. Este tipo de distinção é especialmente aplicada às descrições da corte do Khan, onde a hierarquia perfeita é representada pela maneira com que se colocam seus histriões e nobres. No caso das descrições das cidades chinesas, o autor recheia de detalhes sobre o sistema tributário, os correios e os portos para reforçar a credibilidade da narrativa; aqui os números são tão altos que podem recair no ridículo aos olhos de um ocidental. Assim, o frade ainda lança mão da autoridade da autopsia (“eu vi”) no texto, evocando um personalismo à narrativa.<sup>140</sup>

O mesmo instrumento que insere a primeira pessoa no texto pode excluir a terceira. O narrador se arma de um silêncio aberto (*alia sunt quæ non scribo*) que cria um suspense, permitindo que a audiência preencha por si com as *mirabilia* que melhor lhe apeteçam, ao mesmo tempo em que aumenta sua própria autoridade em um jogo de “eu sei mais do que conto”.

---

<sup>137</sup> O conceito de *mirabilia* é explorado pelos autores de maneiras diferentes, sendo intercambiável com o grego *thôma*. A ausência de uma definição rígida para o termo não chega a ser um problema no caso da literatura medieval, cujas delimitações são igualmente flexíveis, como Umberto Eco coloca (op. cit., 2000, p. 83-84). Para algumas definições interessantes, veja LE GOFF, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, s. d., p. 31-37. SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 98-100. POIRION, Daniel. “A morte e o maravilhoso em Maria de França”. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (orgs). *A morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 204. GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.16. HARTOG, op. cit., p. 245-251 e CARRETO, op. cit., p. 33-79. Apesar de Le Goff e Giucci diferenciarem *mirabilia* (de fundo pagão) e *miracula* (de fundo político-institucional), na narrativa de Odorico as primeiras são utilizadas de maneira praticamente intercambiável; tendo 5 ocorrências de palavras derivadas de *miracula* e 31 de *mirabilia*, duas destas referindo-se a prodígios dos mártires.

<sup>138</sup> HARTOG, op. cit., 1994, p. 245.

<sup>139</sup> *Idem*, p. 248-250.

<sup>140</sup> *Ibidem*, p. 297-302

### 3.5 – As palavras que revelam

Ainda que a etimologia como sistema de explicação do universo estivesse em crise na época de Odorico, as palavras utilizadas nos revelam muito de sua visão de mundo e esforço em compreender os novos elementos em sua visão particular. Mesmo os enganos do frade e confusões de tradução trazem concepções de um contato intercultural sempre à margem do engano.

Some surprise was generated by the bestseller written by WOOD, researcher in the British Library, who places Odorico in vacillating positions; either as witness for Polo or accomplice and debtor. The diagnosis is that both were “slightly afflicted by the same tendency to exaggerate”, and to Odorico goes the prize of dunce for saying that there were 12,000 bridges in Hangzhou instead of 360. But when she judges that “his vast number was repeated (or perhaps copied) by friar Odoric”, she doesn’t take into account the linguistic fact that 12,000 is a Chinese way of saying “a great many”.<sup>141</sup>

Outro exemplo de encontro lingüístico está na palavra *merdacas*, referida a uma *magna pipa*, no capítulo 38. Trata-se de um monolito oval de 70 centímetros de altura e 1,82 metro por 1,35, pensando 3.5 toneladas e com capacidade para cerca de mil litros. Decorada com motivos aquáticos e com mangueiras adornadas com pérolas, ficava no centro do aposento imperial, onde por condutos distribuía bebida para os convidados. Sucintamente, uma perfeita *mirabilis*, mas que não podia ser nem expressa em números ou relacionada a uma realidade ocidental. Assim, Odorico recorre à tradução (palavra derivada de trazer o outro ao mesmo<sup>142</sup>) para dar um batismo a este prodígio. Até pouco, pensava-se que o nome era derivado de *seda merdachascia* (“seda crua”) ou do árabe *marda-kusch* (“açafraão”), por sua cor. Odorico foi o único viajante ocidental que fala dela, e logo foi desacreditado. Entretanto, no século XVIII ela fora redescoberta pela dinastia Qing e eleita patrimônio cultural. Em 1946, Pope Hennessy a identifica com a *merdacas* do franciscano, mas a peça continuou no museu da Cidade Proibida sem nome algum.<sup>143</sup>

Com a descoberta da câmara imperial mongol por arqueólogos em 1998, o nome da peça surge: “Mar de Jade”. *Khäs* era a palavra mongol para jade; ouvindo este nome

---

<sup>141</sup> TESTA, op. cit., 2006.

<sup>142</sup> HARTOG, op. cit., 1994, p. 251.

<sup>143</sup> TESTA, op. cit., 2006.

nos três anos em que viveu em Cambalic, Odorico o trouxe para seu relato através do *mer d'khäs*<sup>144</sup>.

Basta analisar as diferentes acepções que Odorico usa da palavra tártaro: na primeira parte de sua jornada, os deprecia profundamente e lamenta profundamente pela destruição imposta no Oriente que ainda é àquele que faz parte do simbolismo medieval. Entretanto, não podemos acreditar que o franciscano enquadre todos os mongóis nesta visão: ao chegar a Cassan, cidade dos il-khans, fala que era uma cidade de grande honra até que os tártaros a destruíram (capítulo IV). No Cathay, as referências a tártaros são mais direcionadas ao “imperador dos tártaros”, e não há uma visão negativa destes. Pelo contrário, a ordem de sua sociedade é constantemente exaltada, tornado-se uma maravilha por si só. Mesmo para um religioso católico, a tolerância entre as religiões passa a ser admirada.

As adaptações da língua oferecem não só o que o franciscano vê, mas também como é visto. Nos coloca que os franciscanos eram conhecidos por “rabani franchi”, do turco *rabb*, “mestre, doutor”. Em Camsay, seu anfitrião o chama pelo termo turco *atha*; pacientemente, Odorico explica ao seu notário que assim chamam os “pais”, pessoas a quem devem respeito (capítulo 33). O frade também nos traz que eram ajudados pelos “se-mu-jen”, que no Cathay eram os armênios, persas e turcos residentes, que aderiam mais facilmente ao cristianismo (capítulo 37). Assim, tendo a acreditar que Odorico de fato fez uma primeira viagem à Ásia Central, onde aprendera a falar turco. Entretanto, a “Horda Dourada” era o grupo mongol menos receptivo aos religiosos ocidentais, e o que mais entrou em conflitos armados com os reinos latinos e com o il-khanato<sup>145</sup>, fazendo com que os franciscanos tivessem mais sucesso com as populações da mesma etnia, mas de grupos diferentes.

---

<sup>144</sup> *Idem.*

<sup>145</sup> DAVIS, 1999, op. cit.

## 4 – Conclusão

O diálogo fictício que abre esta pesquisa nos traz uma pergunta: em todas suas viagens, Odorico “saiu” de Pordenone? Não é necessário muito esforço dizer que, como o Marco Polo de Ítalo Calvino, o frade nos traz um pouco de seu próprio mundo em cada capítulo. Se disso pudesse surgir um quadro perfeito de sua realidade, poderíamos concordar com Klaas Woortman:

*A idéia de história formulada no Medievo não conseguia lidar com o particular e com o evento significativo em si mesmo. A conjunção de uma teoria transcendental da humanidade com a noção de uma Grande Cadeia do Ser criava sérios obstáculos para a apreciação do Outro em seus próprios termos. Porém, a recusa do novo impedia experienciar a alteridade. Foi armado com uma tal concepção da humanidade que boa parte do pensamento europeu iniciou seu encontro com o Novo Mundo.*<sup>146</sup>

Talvez pudéssemos concordar com o professor Woortman se nos ocupássemos de uma bibliografia seleta de alguns membros do alto sacerdócio. Em suas correspondências, o papa Inocêncio IV se comunicava com um homem que ele acreditava chamar-se “Raban Atha”, representante dos il-khans persas; podemos ver que na verdade este era o título de seu correspondente nestoriano<sup>147</sup>. Mas somente alguém que tivesse imprimido um esforço de aprender turco saberia disso.

A diferença entre “tártaros” e “esse povo”, ou simplesmente “imperador”, sem colocar com precisão quem são os seus súditos, nos parece revelar um dado importante: Odorico sabia das diferenças e da fragmentação do império mongol. Quanto mais o frade adentra no Oriente, menos referências ao Ocidente são feitas. Mais ainda, menos parâmetros ocidentais são aplicáveis; ao falar da riqueza de um homem livre, refere-se a sua renda em “tangar” de arroz, unidade turca para peso (capítulo 46). O público do narrador também espera perder seus limites ao ser maravilhado pelo diferente, e a diferença também traz o contraste, a certeza, e com ela, a credibilidade. Quando fala de Camsay, Odorico ressalta que procurou várias fontes de religiões e proveniências diferentes para saber da população da cidade para dar como certo um dado tão importante (capítulo 32).

<sup>146</sup> WOORTMANN, Klaas. “O selvagem na ”gesta Dei”: história e alteridade no pensamento medieval”. In: *Revista Brasileira de História*. Julho/Dezembro, vol. 25, nº 50, 2005, p.259-314

<sup>147</sup> RICHARD, Jean. *Historie dès Croisades*. Paris: Editions Fayard, 1996, p. 364.

No decorrer deste trabalho, me referi diversas vezes à “marginalidade” de viajantes, penitentes e relatos. Algumas vezes este estado é imposto, em outras, especialmente as aqui tratadas, é uma busca voluntária, mesmo sem se saber o que é procurado.

Em muitos sentidos, este é o trabalho do historiador: buscar o passado, sem a certeza do que se procura. Ao se viajar pelas fontes, devemos nos deixar impressionar pelas diferenças entre o seu mundo e o nosso, ter a sensibilidade de que nossos conceitos não são plenamente aplicáveis às maravilhas observadas. Ao apreender sua “língua”, percebemos as diferenças dentro de suas realidades, que então se fazem debater em várias vozes e argumentos. Só assim podemos fazer a viagem de volta, mas com a certeza que as palavras certas sempre nos faltarão, pois este não é mais o mundo de que se conta. Não é nem lá, nem aqui, mas se faz entender. A marginalidade do historiador é o que garante a verdade de seu relato.

## 5 – Fontes e Bibliografia

### 5.1 - Fontes

*Acta Sanctorum*. Januarii, Tomus I. Bruxelles: Culture et Civilisation, 1966, p. 1061-1070.

*Annacleta Franciscana*. Vol. III, folio 150, Quaracchi, 1897.

*A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, ed. revista, 1985.

GUGLIELMI, Nilda (trad.); ODORICO DA PORDENONE. *Relación de viaje*. Buenos Aires: Biblos, 1987.

#### *King James Version Latin Bible*

PINTARELLI, Ari E. (OFM) (trad.); JEAN DE PIAN DEL CARPINE; GUILHERME DE RUBRUC; JOÃO DE MONTECORVINO; ODORICO DE PORDENONE. *Crônicas de Viagem: Franciscanos no Extremo Oriente Antes de Marco Polo (1243-1330)*. Coleção Pensamento Franciscano, vol. II, Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

STRASMANN, Gilbert (trad.); ODORICO DE PORDENONE. *Der Reise nach China des Odorico de Pordenone*. Berlin: Erich Schmidt, 1968.

YULE, Henry (ed.); ODORICO DA PORDENONE; RASHĪD AL-DĪN ṬABĪB; FRANCESCO BALDUCCI PEGOLOTTI; JOANNES DE MARIGNOLIS; *Cathay and the Way Thither – vol.2*. London: Hakluyt Society, 1866.

GIOVANNI DEL MARIGNOLLI; IBN BATUTA; BENTO DE GÓIS. *Cathay and the Way Thither – vol.2*. (textos latinos no original) London: Hakluyt Society, 1866.

## 5.2 Bibliografia

AARON, J. *Les catégories de la culture médiévale*. Paris: Gallimard, 1983

ANDERSON, Andrew Runni. *Alexander's Gate, Gog and Magog, and the Inclosed Nations*. Cambridge.: Medieval Academy of America, 1932.

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BALLARD, Michel; DUCELLIER, Alain (org.). *Migrations et diasporas méditerranéennes: Xe-XVIIe siècles*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2002.

BERND, Zilá. “O maravilhoso como discurso histórico alternativo”. In: *Discurso histórico e narrativa literária*. 1ª ed. Campinas: UNICAMP, 1998, v. 1, p. 127-133.

BILLER, Peter. *The Measure of Multitude*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edicoes 70, 1982.

BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (orgs). *A morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996

BUBENICEK, Venceslas. “Figures de l'altérité chez Odoric de Pordenone (Itinéraire, 1351)”. In: *Travaux de Littérature*, nº17, Boulogne: Association pour la diffusion de la recherche littéraire. 2004. p. 233-248.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

CAHEN, Claude. *Oriente y Occidente en tiempos de las cruzadas*. México: Breviarios, Fondo de Cultura Económica, 1989.

CAMERON, Nigel. *Barbarians and Mandarins: Thirteen Centuries of Western Travelers in China*. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

CAMPBELL, Mary B. *Witness and the Other Wolrd*. Ithaca: Cornell University Press, 1988



CARDOSO, Ciro Falmarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARRETO, Carlo F. Clamote. “A Verdade dos Simulacros: A (Re)Criação do Mundo na Narrativa Medieval”. In: *Signum*, nº 8, São Paulo: ABREM, 2006

CENTENO, Yvette; FREITAS, Lima de (org.). *A simbólica do espaço: cidades, ilhas, jardins*, Lisboa: Estampa, 1991

CERTAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

CHAUNU, Pierre. *O tempo das reformas: 1250-1550: história religiosa e sistema de civilização*. Lisboa: Edições 70, 1993.

CROSBY, Alfred. *A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental (1250-1600)*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DARTHOLME, O. R. *Imagining the World: Mythical Belief Versus Reality in Global Encounters*. Westport: Greenwood Publishing Group, 1994.

DELUNEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos XIII-XVIII)*. Bauru: EDUSC

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1994

DUMÉZIL, Georges. *Mythes Et Dieux des Indo-Européens*. Paris: Flammarion, 1992.

ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992

FAIRBANK, John King; FRANKE, Herbert; TWITCHETT, Denis. *The Cambridge History of China. Vol .6: Alien Regimes and Border States, 907-1368*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

FALBEL, Nachman. *Heresias medievais*. Coleção Khronos nº 9. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FALBEL, Nachman. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: Edusp, 1995.

FALCÃO, Ana Margarida (org.). *Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito*. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

FAVIER, Jean. *De Marco Polo a Christophe Colomb: 1250-1492*. Paris: Larousse, 1968

FRANCO JÚNIOR, Hilário. “Modelo e imagem: o pensamento analógico medieval”. In: *Anais: IS Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*. Belo Horizonte: PUC - Minas, 2003 pp. 39-58.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Ed. da USP, 1996

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMES, Francisco José Silva. A Cristandade Medieval entre o mito e a utopia. In: *Topoi- Revista de História*. Rio de Janeiro: PPGHIS da UFRJ/7 Letras, set. 2002, nº 5, pp. 221-231.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: Edusp, 1996.

GUREVITCH, Aron. *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Caminho, 1990

IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ISIDORO DE SEVILHA, *Etimologias*. Retirado de <http://www.thelatinlibrary.com/isidore.html> em 25/10/08.

LABARGE, Margaret Wade. *Viajeros medievales: los ricos y los insatisfechos*. Madrid: Nerea, 2000.

LAWRENCE, Marilyn; REGALADO, Nancy Freeman; VITZ, Evelyn Birge. *Performing Medieval Narrative*. Rochester: D.S. Brewer, 2005.

LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, Jacques *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006, vol. I e II.

LOPES, Paulo. “Os livros de viagens medievais”. In: *Medievalista on line*. Ano 2, nº 2, 2006. Obtido em 29/11/07 do sítio <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/medievalista-viagens.htm>

MACEDO José Rivair. “Estudos Medievais no Brasil: tentativa de síntese”. In: *Reti Medievali Rivista*, vol. VII, 2006. Retirado do sítio [http://www.dssg.unifi.it/\\_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm](http://www.dssg.unifi.it/_RM/rivista/saggi/RivairMacedo.htm) em 12/07/08.

MACEDO, José Rivair. “Nobreza, heresia e banditismo social no século XIII: o caso dos faidits”. In: *Textos de história: Revista da Pós-Graduação em História da UnB*. Brasília: Editora UnB, Vol. 4, nº 1, 1996.

MACEDO, José Rivair. “Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval”. In: *Signum*, nº 3, 2001, São Paulo: ABREM, pp. 101-132.

MACEDO, José Rivair. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre: Editora Universidade, 2000.

MARTIN, Hervé. *Mentalités Médiévales: XI<sup>e</sup> - XV<sup>e</sup> Siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

MITTER, Partha. *Much Maligned Monsters: A history of European reactions to Indian art*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MORÁS, Antônio. *Entes sobrenaturais na Idade Média: Imaginário, Representação e Ordenamento Social*. São Paulo, Annablume, 2000 p.15-59.

NEWTON, Arthur Percival. HUNT, E. D. *Travel and Travellers of the Middle Ages*. New York: Routledge, 2003.

OLIVEIRA, Teresinha (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: Eduem, 2002.

PAUL, Jacques. *Historia Intelectual del Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 2003.

PEDRERO-SANCHÉZ, Maria Guadalupe. “Os perigos do Caminho de Santiago segundo o ‘Codex Calixtinus’”. In: In: STEIN, Ernildo (org.) *A Cidade de Deus e a Cidade dos Homens*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 291-308.

PRADO, Pedro Custódio. *Alexandre Magno: Aspéctos de um mito de longa duração*. São Paulo: Annablume, 2006.

RAIMUNDO LÚLIO; JAULET, Esteve (trad.). *O livro do gentio e dos três sábios*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

RICHARD, Jean. *Historie dès Croisades*. Paris: Editions Fayard, 1996.

RUST, Leandro Duarte. “Tempo da Igreja? Jacques Le Goff e a representação monástica do tempo”. In: *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SCHMITT, Jean Claude. “A História dos Marginais”. In: *A História Nova*. LE GOFF, Jacques (org.). São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 352-391.

SCHMITT, Jean-Claude. “‘Religion populaire’ et culture folklorique”. In: *Annales Économies Sociétés Civilisations*, Paris: Armand Collin, 31e Anné, n ° 5, sept-oct, 1976, pp. 941-953.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Para ler os medievais: Ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SEBÁSTIAN, Santinago; LÓPEZ, Santiago. *Mensaje simbólico del arte medieval: Arquitectura, liturgia e iconografía*. Madri: Encuentro, 1994.

SILVA, Andréa Cristina Lopes Frazão da (org.). *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008

SINOR, Denis. “The Mongols in the West”. In: *Journal of Asian History*, vol. 33, nº1, 1999, retirado do sítio <http://www.indiana.edu/~Ejahist/> em 28/09/08.

SOUZA, Néri de Almeida. “História Cultura, Cultura Folclórica e Hagiografia”. In: *História*, São Paulo, v.17-18, 1998-1999, pp. 244-245.

T’SERSTEVENS, Albert. *Les précurseurs de Marco Polo*. Paris: Arthaud. 1959.

TEDLOCK, Dennis. *The Spoken Word and the Work of Interpretation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983.

TZANAK, Rosemary. *Mandeville's Medieval Audiences*. London: Ashgate Publishing 2003.

VALVERDE, José Filgueira. *Tiempo y gozo eterno en la narrativa medieval: La Cantiga Ciii*. Madri: Edicións Xerais de Galicia, 1982.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VIGNOLLO, Paolo. “Una nación de monstruos. Occidente, los cinocéfalos y las paradojas del language”. In: *Revista de Estudios Sociales*, nº 27. Bogotá: Universidad de los Andes, 2007.

VISALLI, Angelita Marques. “Carta de Preste João em Occitano: uma versão particular para um sonho mais antigo”. In: OLIVEIRA, Teresinha (org.). *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: Eduem, 2002, pp. 165-185.

VOISENET, Jacques. *Bêtes et hommes dans le monde medieval: Le bestiaire des clercs du Ve au XIIe siècle*. Turnhout: Brepols, 2000.

YULE, Henry. *Cathay and the Way Thither – vol. I*. London: Hakluyt Society, 1866

ZIERER, Adriana. “Literatura e Imaginário: Fontes Literárias e Concepções Acerca do Além Medieval nos Séculos XII e XIII”. In: *Outros Tempos. Revista de História da Universidade Estadual do Maranhão*. V. 1, 2º semestre de 2004.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo: representación del espacio en la Edad Media*. Madrid: Catedra, 1994.

## APÊNDICE

Texto em latim de Odorico de Pordenone<sup>148</sup>

---

<sup>148</sup> O texto a seguir foi retirado de YULE, Henry (ed.); ODORICO DA PORDENONE; RASHĪD AL-DĪN ABĪB; FRANCESCO BALDUCCI PEGOLOTTI; JOANNES DE MARIGNOLIS; *Cathay and the Way Thither – vol.2*. London: Hakluyt Society, 1866. A obra foi editada antes de 1920, tendo seus direitos autorais liberados para reprodução e disponível no sítio <http://dsr.nii.ac.jp/toyobunko/III-2-F-b-2/index.html.en>

## APPENDIX I.

### LATIN TEXT OF ODORIC, FROM A MS. IN THE BIBLIOTHÈQUE IMPÉRIALE.

#### DESCRIPTIO ORIENTALIUM PARTIUM FRATRIS ODORICI BOEMI DE FORO JULII PROVINCIÆ SANCTI ANTONII.

##### 1. *De Trapesondâ et Armeniâ Majori.*<sup>1</sup>

LICET alia multa et varia de ritibus et conditionibus hujus mundi a multis enarrentur, tamen est sciendum quod ego frater Odoricus de Foro Julio,<sup>2</sup> volens transfretare et ad partes infidelium volens ire ut fructus aliquos lucri facerem animarum,<sup>3</sup> multa magna et mirabilia audiui<sup>4</sup> atque vidi quæ possum veraciter enarrare.<sup>5</sup> Nam primo<sup>6</sup> transiens Mare Majus, me<sup>7</sup> transtuli Trapesondam, quæ Pontus antiquitus vocabatur. Hæc terra valde est bene situata; ipsa enim est scala<sup>8</sup>

<sup>1</sup> These headings have been interpolated by the editor as before stated. (See Biogr. and Introd. Notices.)

<sup>2</sup> *Hak.* de portu Vahonis; *Mus.* de portu Nahomonis.

<sup>3</sup> *Bol.* Et hoc de licentiâ prælatorum meorum qui hoc concedere possunt secundum regulæ nostræ instituta.

<sup>4</sup> *Bol.* a fide dignis.

<sup>5</sup> *Far. then has*: Præsens itaque opusculum in capitula dividens de multis gestis quæ vidi et audiui in oriente septentrione et meridie, intendo aliqua sub brevi compendio enarrare, nec intendo de singulis reddere rationem, multa nihilominus primitus mittens quæ apud multos incredibilia viderentur. Neque enim ego illa crederem nisi propriis auribus audivissem aut hæc talia respexissem. Quatuordecim annis cum dimidio in habitu almi confessoris Christi Francisci in hujusmodi partibus sum moratus. Ad petitionem reverendi fratris Guidoti tunc præsens provincialis ministri provinciæ sancti Antonii hoc breve opusculum in Paduâ compilavi. Siquid igitur studioso lectori in hoc opusculo visum fuerit divinæ bonitati et non meæ imperitiæ imputetur. Siquid autem nimis incredibile vel a veritate devium fuerit visum diligentis lectoris caritas, non mordax insultus aut latrans dente canino, corrigat et emendet.

<sup>6</sup> *Far.* Primo itaque de Venetiis cum galeis recedens.

<sup>7</sup> *Hak.* et *Mus.* de Pera juxta Constantinopolim.

<sup>8</sup> *Bol.* schola(!)



quædam, videlicet Persarum, Medorum et omnium eorum que sunt ultra mare. In hac enim terra vidi quoddam quod michi placuit valde.<sup>1</sup> Nam vidi hominem quemdam secum ducentem plures quam quatuor milia perdicum. Iste homo per terram veniebat, perdices non<sup>2</sup> per aerem volabant; has perdices ipse ducebat ad quoddam castrum quod vocatur Canega,<sup>3</sup> distans a Trapesonda tribus dietis. Hæc perdices hujus erant conditionis et proprietatis. Nam cum ille homo vellet quiescere vel dormire, omnes se aptabant circa eum, more pullorum gallinarum; et sic isto modo eas ducebat Trapesondam, usque ad palatium imperatoris. Quæ cum sic essent ante eum de eis tot accipiebat quot ipse volebat. Alias autem predictus homo ad locum de quo prius illas acceperat perducebat. In hac civitate positum est corpus Athanasii super ipsius portam civitatis.<sup>4</sup> Hinc recedens ivi in Armeniam Majorem, ad quamdam civitatem que vocatur Aritiron<sup>5</sup>; hæc civitas multum erat bona et opulenta multo tempore jam transacto, et adhuc esset nisi fuissent Tartari et Sarraceni, qui eam multum<sup>6</sup> destruxerunt. Nam ipsa multum inundat pane carne et aliis victualibus multis præterquam<sup>7</sup> vino et fructibus. Ista civitas<sup>8</sup> multum est frigida. De ipsa enim dicunt gentes quod altior est terra, quæ hodie habitetur in mundo.<sup>9</sup> Hæc autem multum habet bonas aquas, cujus ratio est hæc ut videtur. Nam venæ harum aquarum oriri videntur et scaturire a flumine Eufrate quod per unam dietam distans ab ista civitate labitur inde. Hæc autem civitas est via media, eundi Thauris. De hac recedens ivi ad quemdam montem qui vocatur Sovisacalo.<sup>10</sup> In hac contrata est mons ille<sup>11</sup> in quo est archa Noæ. In quem libenter ascendissem si mea societas me præstolari voluisset; et quem quum ascendere voluerim tamen gens illius contratæ dicebat quod nullus unquam poterat ascendere illum montem. Nam hoc videtur et dicitur Deo altissimo non placere.

## 2. De civitatibus Thauris et Soldoniâ.

De ista contrata recedens me transtuli Thauris, civitatem magnam et regalem que Susis<sup>12</sup> antiquitus dicebatur. In ista ut dicitur est Arbor Sicca, in una moscheta et<sup>13</sup> in una ecclesia Sarracenorum: hæc civitas nobilior est et melior pro mercimoniis quam alia aliqua civitas que hodie sit in mundo. Nam non reperitur hodie aliquid in mundo quod sit comestibile<sup>14</sup> vel quod sit alicujus mercimonii, cujus illic magna copia

<sup>1</sup> *Ven.* Ut. quoddam valde pulchrum.

<sup>2</sup> Miscopied probably for *vero* as in most others. *Ven.* has hominem... perdices...sequebantur.

<sup>3</sup> *Ven.* Zanega; *Ut.* Zanga; *Far.* Tanegar; *Hak.* Zauena; *Bol.* Tegana; *Ram.* Zanga. *The true reading doubtless Zegana.*

<sup>4</sup> *Ven.* Is enim est qui fecit symbolum quod incipit Quicumque vult salvus esse ante omnia opus est ut teneat catholicam fidem, etc.

<sup>5</sup> *Ven.* Arziron; *Ut.* Aceron; *Far.* Arzirai; *Hak.* Azaron; *Mus.* Arciron; *Bol.* Caricon; *Ram.* Aeron.

<sup>6</sup> *Hak.* pro magnâ parte. *Far.* omits multum.

<sup>7</sup> *Far.* primitus instead of præterquam.

<sup>8</sup> *Ven.* regio.

<sup>9</sup> Sit altior civitas totius universi.

<sup>10</sup> *Ven.* Sobissacelo; *Ut.* Sollisaculo; *Far.* Bobis (?Sobis) Sachalo; *Hak.* as in *Ven.*; *Mus.* ditto; *Bol.* Sarbi-Sarbolo; *Ram.* Sollisaculo; *Marc.* Sobissacallo.

<sup>11</sup> *Ram.* il monte Gordico.

<sup>12</sup> *Bol.* Suors. *Ram.* Suci, . . . qual fu sotto il dominio di Assuero Re. So *Ven.*

<sup>13</sup> Et in should be id est, as in *Ven.*, *Mus.* and *Far.* *Hak.* and *Bol.* omit about the Arbor secco altogether.

<sup>14</sup> *Bol.* here inserts nihil alicujus utilitatis, necessitatis, aut mercimonii.

non habeatur. In tantum autem est nobilis civitas illa, quod est quasi incredibile de hiis quæ illic habentur, hæc enim multum bene est posita atque sita. Nam quasi totus mundus pro mercimoniis illi correspondet civitati.<sup>1</sup> De hac volunt dicere Christiani quod ex ista civitate plura recipit imperator ille quam rex Franciæ habeat de toto suo regno. Penes hanc civitatem est unus mons salinus magnam copiam salis toti exhibens civitati. De hoc sale unusquisque accipit tantum quantum vult et petit et nichil alicui solvendo. In hac civitate multi Christiani cujuslibet generationis<sup>2</sup> commorantur, quibus ipsi Sarraceni in omnibus dominantur, multa autem alia sunt in ista civitate quæ nimis longum foret aliis enarrare. Ab hac civitate Thauris recedens ivi per decem<sup>3</sup> dietas ad quamdam civitatem que vocatur Soldonia.<sup>4</sup> In hac civitate tempore estivo moratur imperator Persarum. In yeme autem vadit ad quamdam contratam<sup>5</sup> que est super mare quod vocatur mare Bachuc.<sup>6</sup> Hæc civitas magna terra est et frigida, in se habens bonas aquas, ad quam civitatem portantur multa et magna mercimonia, quæ illic venduntur.

### 3. De Civitate Magorum; De Mari Arenoso, et Terrâ Huz.

De hac civitate recedens cum caravanis et<sup>7</sup> cum quadam societate ivi versus Indiam Superiorem, ad quam dum sic irem per multas dietas applicui ad unam civitatem trium magorum que vocatur Cassan,<sup>8</sup> civitatem regalem et magni honoris; verumptamen Tartari eam multum destruxerunt, hec civitas multum habundat pane et vino et multis aliis bonis. Ab hac civitate usque Iherusalem quo magi iverunt non virtute humana sed virtute divina et miraculose cum sic cito iverint, sunt bene quinquaginta dietæ. Multa autem alia sunt in hac civitate quæ non multum expedit enarrare.<sup>9</sup> Inde recedens ivi ad quamdam civitatem nomine Gest<sup>10</sup> a qua distat mare arenosum per unam dietam, quod mare est valde periculosum et mirabile. In hac civitate Gest est copia maxima victualium et omnium aliorum bonorum quæ jam dici possent: potissime autem ficum illic copia maxima reperitur; uvæ autem siccæ et virides ut herba, et multum minutæ illic reperiuntur uberius et abundantius quam in aliqua parte mundi. Hæc est tertia melior<sup>11</sup> civitas quam Persarum imperator possideat in toto suo regno. De hac dicunt Sarraceni quod in ea nullus Christianus ultra annum vivere umquam valet.<sup>12</sup> Multa autem alia illic habentur. Ab hac recedens et transiens per multas civitates et terras ivi ad quamdam civitatem nomine Conium,<sup>13</sup>

<sup>1</sup> *Hak. and Mus. instead of the last three words confluere potest.*

<sup>2</sup> *Mus. has de omni natione.*

<sup>3</sup> *Far. has 14.*

<sup>4</sup> *Ut., Hak. Soldania; Far. Solonia; Bol. Soldolina; Marc, Soldonia.*

<sup>5</sup> *Bol. alone has quæ vocatur Axam.*

<sup>6</sup> *Ven. Bachac; Ut. and Ram. Bacud; Far. Abachuc; Hak. and Mus. Bakuc; Bol. Abacut, and applies the next sentence to the city on that sea; hæc magna est et calida; Marc. Bacuch.*

<sup>7</sup> *Should be id est as in Ven., who has haravanis. Hak. cum quadam societate caravanorum; Bol. quadam soc. Tartarorum.*

<sup>8</sup> *Ven. Cassam; Far. Casim; Hak., Mus. Cassan; Bol. Casan.*

<sup>9</sup> *Bol. quæ scribere non curavi. Hak. multa mirabilia quæ pertranseo.*

<sup>10</sup> *Far. Iese, perhaps Iesd; Ven., Hak., Mus. and Bol. Gest.*

<sup>11</sup> *Bol. de melioribus simply.*

<sup>12</sup> *Far. omits ultra annum.*

<sup>13</sup> *Sic in Ven.; in Hak. and Ut. Comum; in Mus. Comam; in Far. Come-*

quæ antiquitus civitas magna fuit; hæc maximum dampnum intulit Romæ tempore jam transacto: ejus autem muri bene quinquaginta miliarum sunt capaces. In ea sunt palacia integra adhuc inhabitabilia,<sup>1</sup> tamen multis victualibus ipsa habundat. Ex hac recedens et veniens per multas terras et civitates perrexi ad terram Job<sup>2</sup> quæ est cunctorum victualium multum pulcher situs.<sup>3</sup> Penes hanc terram sunt montes in quibus sunt pulcherrima pascua pro animalibus habundanter. Illic etiam melius manna et in majori copia reperitur, quam in terra aliqua quæ hodie sit in mundo. In ipsa etiam habentur quatuor bonæ perdoes minores<sup>4</sup> quam uno grosso veneto. In ea sunt pulcherrimi senes, ubi homines nent et filant, mulieres vero non. Hæc terra correspondet a capite Caldeæ versus tramontanam.<sup>5</sup>

#### 4. De Moribus Caldeorum; de Indiâ infra terram et Ormes.

Exinde exiens ivi in Caldeam que est regnum magnum, ad quam dum sic irem ivi per juxta turrim Babel quæ per quatuor dietas forte distat ab ea.<sup>6</sup> In hac Caldea est sua lingua propria;<sup>7</sup> in qua sunt pulchri homines, mulieres vero turpes. Illi homines compti vadunt et ornati, ut hic nostræ incedunt mulieres. Qui homines super capita sua sunt portantes fasciola aurea et de perlis, mulieres autem sunt ferentes solum unam vilem interulam<sup>8</sup> attingentem usque ad genua, habentemque manicas largas et longas quod usque ad terram ipsæ attingunt: hæc autem mulieres ambulat discalciatæ portantes sarabulas<sup>9</sup> usque ad terram. Hæc tricæ et diezæ (?) non portant sed earum capilli undique disparguntur. Hic autem sicut homines post ipsas vadunt mulieres, ita illic prius homines mulieres incedunt.<sup>10</sup> Alia autem multa in hac civitate sunt que non multum expedit enarrare. Hinc ego recedens veni in Indiam quæ est infra terram quam ipsi Tartari multum destruxerunt. In ea sunt homines ut plurimum<sup>11</sup> tantum datulos comedentes, quorum xlii libræ<sup>12</sup> minori uno grosso illic habentur. Sic etiam de aliis multis. Ex hac India recedens et transiens per multas contratas ad mare oceanum ego veni: prima autem terra quam inveni vocatur Ormes, que est terra multum et bene murata, terra multorum ac magnorum mercimoniorum. In ea tantus et ita immensus calor est quod pilia<sup>13</sup> et testi-

rum; in *Bol.* Coprum. *Marc.* Conio; *Ram.* Como; *Wadding's Annals,* Karum. *Mandeville* has *Cornaa*.

<sup>1</sup> This is also the sense in *Far.* *Hak.* has non habitata; *Mus.* minime tamen inhabitata; *Ven.* inhabitata tamen.

<sup>2</sup> *Ven.* nomine Hus, sic in *Far.*, *Hak.*, *Mus.* *Bol.* has Ur; *Marc.* has only città la quale ha nome Hus. *The introduction of Job's name is probably interpolated.*

<sup>3</sup> *Hak.* and *Mus.* omnium victualium plenissima est, et pulcherrime situata. *Bol.* has nearly the same.

<sup>4</sup> *Should be minoris or pro minori as in the other manuscripts.*

<sup>5</sup> *Hak.* correspondet Chaldeæ versus transmontana.

<sup>6</sup> *Hak.* omits the distance.

<sup>7</sup> *Ram.* Nella ditta Caldea è il vero idioma Caldeo qual noi chiamamo lingua Caldea.

<sup>8</sup> *Hak.* and *Mus.* camisiæ; *Bol.* tunicellam.

<sup>9</sup> *Sic Ven.* et *Mus.*; *Ut.* cerabulas; *Hak.* Serablans; *Bol.* scrobullas.

<sup>10</sup> *Par. 2* has hæc etiam mulieres vadunt post viros sicut apud nos viri post mulieres. Et alia multa.

<sup>11</sup> *Bol.* instead of ut plurimum has pulchri.

<sup>12</sup> *Mus.* has quatuor libræ, et pro minori quarteria uno grosso. *Ram.* 40 libre.

<sup>13</sup> *Ven.* and *Far.* parilia for virilia as in *Hak.* and *Mus.*

culi homini exeunt coram et descendunt usque ad dimidium tibiaram. Ideo que gens illius contratæ si vivere volunt sibi faciunt unam unctionem qua illa unguunt. Nam aliter homines penitus morerentur, et dum sic sunt uncta in quibusdam sacculis illa ponunt circumcirca se cingentes.

5. *De Navigio ferrum nullum habente, in quo se transtulit Fr. Odoricus Tanam Indiæ.*

In hac contrata homines utuntur navigio quod vocatur Iasse siccum solem spago.<sup>1</sup> In unum istorum navigiorum ego ascendi in quo nullum ferrum potui in aliquo<sup>2</sup> reperire. In quod dum sic ascendissem in xxviii<sup>3</sup> dietis me transtuli usque ad Tanam<sup>4</sup> in qua pro fide Christi gloriosum martirium passi fuerunt quatuor nostri fratres minores: hæc terra multum bene est situata. In ea magna copia panis et vini et arborum reperitur. Hæc terra antiquitus fuit valde magna. Nam ipsa fuit terra regis Pori,<sup>5</sup> qui cum rege Alexandro prælium maximum commisit:<sup>6</sup> hujus terræ populus ydolatræ. Nam adorant ignem, serpentem et arbores. Hanc terram regunt Sarraceni qui eam ceperunt violenter, nunc subjacentes Daldili.<sup>7</sup> In hac reperiuntur diversa genera bestiarum. In qua potissime sunt leones nigri in maxima quantitate. Sunt autem symiæ et gattimaymones,<sup>8</sup> et noctuæ<sup>9</sup> ita magnæ sicut habentur hic columbæ. Hi etiam mures sunt ita magni sicut hic sunt canes scherpi.<sup>10</sup> Ideoque illic canes capiunt mures (quia) muriligæ seu katti ad hoc nihil valent.<sup>11</sup> In hac contrata quilibet homo ante domum suam habet unum pedem faxiolorum<sup>12</sup> ita magnum sicut hic una esset columpna; hic pes faxiolorum minime desiccatur dum modo sibi exhibeatur aqua, et multæ aliæ novitates sunt illic quas multum pulchrum esset audire. In hac contrata quæ Tana nuncupatur, ut jam dictum est, passi sunt gloriosum martirium quatuor fratres minores pro fide Christi quod per hunc modum habetur.

6. *Martyrium iv. Fratrum in civitate Tanæ.*

Dum predicti fratres essent in Ormes, passi<sup>13</sup> fuerunt cum una navi ut irent Polumbum;<sup>14</sup> in qua dum essent portati fuerunt malo suo velle,<sup>15</sup>

<sup>1</sup> Should be sutum solo spago as in Mus. Hak. has sutum sparto; Ven. sutum solum spagio; Bol. has navigio quod vocatur Iassefutum, an obvious misreading. Marc. has vase for the name of the shipping.

<sup>2</sup> Should be aliqua parte as in Mus. Bol. has in quo nullum Fratrum potui reperire, an absurd misreading.

<sup>3</sup> Ram. vinti giorni.

<sup>4</sup> This is Cavam in the transcript made for me, probably a misreading. Ven. has Tanam, the others Thanam or Thana, except Bol. which has Chanaam; Marc. Tana. Ram. Thana.

<sup>5</sup> Bol. has Ponti vel Parti.

<sup>6</sup> Mus. sicut in vitâ ejusdem Alexandri plenius invenitur.

<sup>7</sup> Hak. has regis Daldilo: all have this name nearly the same.

<sup>8</sup> The Italian Marc. has cocoveggie, screech owls, but bats are meant.

<sup>9</sup> Bol. cathi magni.

<sup>10</sup> Far. only has porci parvi; Ven. has sarpi sive canes; Hak. sicut sunt hinc scepi; Mus. scoipi id est canes tales; Bol. sicut in terris nostris canes qui dicuntur Depi. Marc. also has scherpi.

<sup>11</sup> Far. omits quia . . . . valent.

<sup>12</sup> Ven. plantam unam fasiolorum; Hak. fasciculorum; Mus. fasciolorum; Far. omits the sentence entirely.

<sup>14</sup> Mus. Polumbrum.

<sup>13</sup> For pacti as in Ven., etc.

<sup>15</sup> Hak. has violenter deportati sunt; Mus. vellent nolent.

usque ad Tanam ubi sunt xv domus Christianorum, scilicet Nestoriorum, qui sunt scismatici et heretici. Et dum sic essent istic sibi invenerunt hospicium, et hospitati sunt in domo cujusdam illorum. Dum autem sic manerent illic, orta fuit quædam lis inter virum illius domus et ejus uxorem quam ille sero ipse fortiter verberavit. Dum vero sic esset verberata et quæsta fuit coram lo cadi<sup>1</sup> uno episcopo in lingua sua. Quam mulierem ipse cadi interrogavit si probare posset quæ dicebat. Tunc autem ipsa respondit dicens se bene probare posse. Nam quatuor Raban Franchi scilicet quatuor viri religiosi in lingua nostra, illic erant in domo cum michi hoc fecit: hos interrogate, qui vobis dicent veritatem. Ipsa autem muliere sic loquente, unus de Alexandria ibi præsens rogavit Cadi ut mitteret pro eis quos dicebat homines maxime scientiæ et scripturas bene scire. Ideoque dicebat bonum esse de fide disputare cum eis. Quod audiens sic ipse Cadi misit pro eis, qui dum sic ante eum adducti fuissent isti quatuor fratres, scilicet frater Thomas de Tolentino de Marchia Anthonitana, frater Jacobus de Padua, frater Demetrius<sup>2</sup> qui erat frater laycus sciens linguas, et frater Petrus de Senis domi ut res custodiret,<sup>3</sup> ad ipsum Cadi perrexerunt. Dum sic essent coram lo Cadi,<sup>4</sup> ipse cum ipsis disputare cœpit de fide nostra. Cum autem illi infideles sic disputarent cum istis, dicebant Christum solum purum hominem et non Deum. Quod cum sic dixissent, ille frater Thomas Christum esse unum Deum et hominem probavit rationibus, et exemplis in tantum eos confudit Sarracenos quod penitus ipsi contrarium dicere non volebant.<sup>5</sup>

7. *Idem.*

Tunc videns ille Cadi se sic esse confusum ab eis, coram toto populo clamare cœpit voce magna dicens: Et tu quid dicis de Machometo? Quid dicis de Machometo? Nunc autem istam consuetudinem habent Sarraceni, qui si se verbis defendere non possunt se ensibus tuentur et pugnis. Dum autem eum interrogasset sic Cadi,<sup>6</sup> responderunt fratres dicentes, si tibi probavimus rationibus et exemplis Christum verum Deum et hominem esse qui legem dedit in terra, et Machometus exinde venit qui legem contrariam isti fuit; si sapiens es, quid sit de Deo<sup>7</sup> tu optime scire potes. Tunc ille cadi et alii Sarraceni alta voce dicentes clamabant: Tu quid in tantum<sup>7</sup> dicis de Machometo? Tunc frater Thomas respondit: Vos tantum dicere poteritis de eo quid dico, quod tacere hoc nimium verecundabor unum ex quo me vultis respondere vobis.<sup>8</sup> Respondeo vobis et dico quod Machometus filius perditionis est, et est cum dyabulo patre ejus positus in inferno; non solum ipse sed et omnes qui hanc legem tenent et observant. Cum ipsa sit pestifera nequam et falsa

<sup>1</sup> *Ut. also has* Locadi; *the others* Cadi or Kadi, id est episcopo. *Ven.* mane conquesta est cadi, &c.

<sup>2</sup> *Boll.* Zorzanus.

<sup>3</sup> *This should be as is noted in the margin,* dimisso fratre Petro domi, etc. It is thus in *Far., Hak.* and *Mus.* *Ven.* has ut rex custodiret, a slip.

<sup>4</sup> Better with these last words omitted from *ad ipsum* as in *Ven.*

<sup>5</sup> *Hak.* omits from nunc autem.

<sup>6</sup> *Should be* de eo, as in the other MSS.

<sup>7</sup> *Ven.* and *the others* have iterum.

<sup>8</sup> *Mus.* has Tu inscius quid dico de eo videre potes? tamen ex quo vultis quod plane vobis respondeo, dico, etc. *Hak.* Vos omnes videre potestis quod dico de eo, etc. *The others* have nearly the same as above.

totaque contra domini<sup>1</sup> et animarum salutem. Hoc audientes Sarraceni omnes alta voce unanimiter clamare cœperunt;<sup>2</sup> Malum dixerunt de propheta! et tunc ceperunt fratres et eos in sole vinxerunt ut virtute caloris intensi duram<sup>3</sup> paterentur mortem. Cum illic tantus sit calor ut si quis per spatium unius missæ perseveraret in sole, ipse penitus moreretur. Et tum illic in sole fuerunt laudantes et glorificantes Deum, a tertia usque ad nonam semper, ylares et sani. Sic hoc videntes Sarraceni inter se consilium habuerunt et ad fratres venerunt dicentes: Volumus accendere magnum et copiosum ignem in quem vos projiciemus; et si ut dicitis<sup>4</sup> ita sit vera, ignis vos non comburet; si autem falsa sit et mala, penitus vos comburemini ab igne.<sup>5</sup> Tunc fratres responderunt eis dicentes: Parati sumus intrare ignem et carcerem, et quidquid nos, cadi, poteris facere pro fide nostra, semper invenies nos paratos, verum tamen unum facere debes,<sup>6</sup> quod si ignis nos comburet, non hoc credas ex fide nostra procedere, sed solum ex peccatis nostris, cum propter peccata nostra nos bene comburi permetteret ipse Deus, hoc semper salvo, quod fides nostra ita perfecta est et bona sicut in mundo umquam esse posset. Nam ab hac non est in mundo alia fides, nec esse potest quæ salvum faciat aliquem nisi ista.

8. *Idem.*

Dum autem sic ordinatum esset quod isti fratres comburi deberent vox evolavit et fama corruit per totam illam terram.<sup>7</sup> Itaque tunc omnes de dicta terra tam parvi<sup>8</sup> quam magni tam homines quam mulieres ad hoc finaliter intuendum penitus occurrerunt. Ipsi autem fratres ducti fuerunt super medanum,<sup>9</sup> scilicet super plateam civitatis, ubi accensus erat ignis valde copiosus. Qui dum sic accensus esset, frater Thomas ibat ad projiciendum se in ignem. Et dum vellet se in ignem se projicere quidam Sarracenus eum per capucium cepit dicens: Non vadas tu illuc cum sis senex. Nam super te aliquod experimentum<sup>10</sup> habere possis, propter quod ignis te comburere non posset. Sed alium ire permittas. Tunc statim quatuor Sarraceni fratrem Jacobum de Padua violenter ceperunt, eum in ignem projicere satagentes, quibus ipse dixit: Me permittatis quia libens in hunc ignem projiciam memet ipsum.<sup>11</sup> Ipsi autem ad sua verba non attendentes statim in ignem<sup>12</sup> projecerunt. Dum autem sic eum in ignem projecissent, et ipse sic in igne permaneret, ignis tam altus et tam magnus ipse erat quod nullus eum unquam poterat intueri; ejus tamen vocem audiebant invocantis semper nomen Virginis gloriosæ. Tunc igne totaliter consumpto ipse frater Jacobus stabat super prunas lætus et gaudens, cum manibus in modum crucis in

<sup>1</sup> Dominum. *Ven.* Deum.

<sup>2</sup> *Ven.* Moriatur! Moriatur! quod malum, etc.

<sup>3</sup> *Ven.* diram; *Mus.* durissimam.

<sup>4</sup> *Ven.* ut ducitis.

<sup>5</sup> *Hak.* si autem vos combusserit patebit quod fides vestra nulla sit; *and Mus.* nearly the same. *The others nearly as here.*

<sup>6</sup> *Ven.* sciatis.

<sup>7</sup> *Ven.* Vox et fama per totam civitatem insonuit. *Far.* Vox evolavit et fama insonuit.

<sup>8</sup> *Ven.* pueri.

<sup>9</sup> *Hak.* omits medanum.

<sup>10</sup> *Hak.* carmen aliquid vel experimentum.

<sup>11</sup> *Mus.* pro fide meâ libenter ignem intrabo. So in *Hak.* also.

<sup>12</sup> *Mus.* turpiter. *Hak.* violenter.

cœlum levatis, mente integra et puro corde dominum semper laudando. Et quamquam ignis fulcit ita magnus et copiosus, nichil tamen de eo<sup>1</sup> læsum vel combustum breviter fuit inventum. Hoc videns populus cœpit unanimiter exclamare, dicens : Isti sunt sancti, isti sunt sancti ! Nephas est offendere eos. Nam merito videmus quod fides sua sancta est et bona ! Hoc dicto frater ille Jacobus vocatus fuit de igne, et sic sanus exivit et illæsus. Tunc hoc videns, lo cadi<sup>2</sup> voce magna cœpit clamare dicens : Sanctus non est, sanctus non est ! sed ideo non comburitur quod tunica quam habet in dorso est tela terræ Abrahæ. Ideo nudus expolietur et in ignem sic mittatur. Ut autem finaliter hoc compleretur venerunt pessimi Sarraceni et in duplo plus quam prius ignem accenderunt. Et tunc fratrem Jacobum exuerunt, cujus corpus insuper abluerunt, et ipsum optime oleo perunxerunt, et ut ignis major esset et fortius ageret et arderet, et ad hoc ut ipse frater citius comburi posset, oleum in struem lignorum in copiam maximam dejecerunt, et ipsum fratrem Jacobum in ignem cum impetu impulerunt. Frater autem Thomas et frater Demetrius de foris stabant genibus flexis in orationibus magnis et devotionibus persistentes, et sic frater Jacobus ignem iterum exivit illæsus sicut et prius fecit.

#### 9. *Idem.*

Hoc videns populus unanimiter clamabat dicens ; Peccatum est, peccatum est offendere eos quoniam sancti sunt ! Et sic in populo rumor maximus habebatur. Hoc secundum miraculum videns Lomelic, scilicet Potestas, ad se fratrem Jacobum vocavit et eum se suis fecit indui vestimentis. Et dixit : Vadete fratres, ite cum gratia Dei, quia nullum malum patiemini vos a nobis. Nam bene videmus vos esse bonos et sanctos, et fidem vestram esse veram et sanctam et bonam finaliter nos videmus. Sed ut vobis securius consulamus vos hanc terram exite quam citius potestis, quia ipse Cadi pro posse nititur et laborat vobis auferre vitam. Dum hoc sic diceret, completorium quasi erat, et tunc totus populus ydolatræ omnesque alii, stupefacti et exterriti, dicentes permanebant : Tot et tanta magna mirabilia vidimus nos ab istis, quod nescimus quid nos tenere debeamus et observare ! Dum sic dixissent tunc Lomelic<sup>3</sup> accipi fecit illos tres fratres quos ipse portari fecit ultra quoddam brachium maris per aliquantulum spacium ab illa terra, ubi burgum unum erat, ad quod ille in cujus jam domo fuerant hospitati illos sociavit,<sup>4</sup> et sic in domo unius ydolatræ sibi hospicium invenerunt. Dum sic autem illic manerent perrexit cadi ad Lomelic dicens ei ; Quid facimus ? lex Machometi destructa est, nec<sup>5</sup> aliud fiat, nam isti Raban Franchi (scilicet viri religiosi), nunc ibunt predicando per totam contratam istam, et cum tot et tanta fecerunt ipsi in hac contrata, quæ totus populus jam vidit, omnes convertentur ad eos, et sic lex Machometi aliquid ulterius non valebit. Verumptamen ut ipsa totaliter non sit destructa, tu unum scire debes, quod Machometus precepit in Alchoran (scilicet in lege sua) quod si aliquis unum interficeret Christianum tantum meritum ipse haberet ut si iret ad Meham. (Unum scire vos debetis quod Alchoran lex Sarracenorum est sicut Christianorum est lex evangelium. Mecha est

<sup>1</sup> *Hak.* nec pannus nec capillus læsus per ignem inventus.

<sup>2</sup> *The others have not the lo.*

<sup>3</sup> *Hak.* Melich. *Mus.* Melik.

<sup>4</sup> The immediately preceding words are wanting in *Mus.*

<sup>5</sup> *Ven.* nisi ; *Far.* ni, one of which is required.

locus ubi jacet Machometus, ad quam Mecham vel locum sic vadunt Sarraceni sicut Christiani pergunt ad Sepulchrum.)<sup>1</sup> Tum Lomelic respondit Cadi dicens; Vade et facias sicut tu vis.

10. *Idem.*

Hoc dicto, statim ille Cadi accepit quatuor homines armatos ut irent ad interficiendum istos fratres, qui dum sic transissent quamdam aquam facta est nox. Et sic illo sero illos non potuerunt invenire. Statimque Lomelic capi fecit omnes illos Christianos qui erant in terra, et eos carceri mancipavit. Cum autem perventum esset ad dimidium noctis, tunc fratres ut dicerent matutinum surrexerunt, et tunc homines illi qui missi fuerant ad eos illos invenerunt, et illos extra terram sub arbore quadam adduxerunt. Dum autem sic illi adduxissent ipsos eis dicebant, Vos scire debetis quod mandatum habemus ab ipso Cadi et Lomelic, ut vos interficere debeamus, quod tamen adimplemus nos invite, cum sitis vita bona homines et sancti. Sed tamen nos aliter facere non valeamus. Nam si suæ non obediremus jussioni, nos cum liberis nostris et uxoribus penitus moreremur. Hiis isti fratres responderunt sic dicentes: Vos qui huc venistis ut per mortem temporalem vitam æternam valeamus adipisci, quod vobis est preceptum facite. Nam pro fide nostra et amore Domini nostri Jhesu Christi,<sup>2</sup> quæ nobis adhibetis nos tormenta parati sumus viriliter sustinere. Unde sic istis audacter respondentibus et constantius, Christianus ille qui eos associaverat, et illi quatuor homines mali, multum ad invicem altercabant.<sup>3</sup> Nam eis respondebat Christianus et dicebat: Si gladium aliquem ego haberem aut quod vultis non fieret aut me cum ipsis neci finaliter daretis. Tunc illi fecerunt fratres expoliari. Statimque frater Thomas junctis manibus simul in modum crucis capitis abscisionem suscepit. Sed fratrem Jacobum unus percussit in capite et eum usque ad oculos scidit, statimque caput abscidit. Frater autem Dometrius uno gladio in mamilla fortissime fuit percussus. Exinde sibi caput fuit abscisum. Dum autem sic ex martirio suo animas Deo dedissent, statim aer ita lucidus et ita clarus est effectus, quod cuncti fortissime mirabantur; similiter, et luna maximam ostendit claritatem et splendorem. Statim autem post hoc tot et tanta tonitrua et fulmina atque chorusationes evenerunt, quod pene omnes mori finaliter se credebant. Navis etiam illa quæ debebat eos portare Polumbum et portati fuerunt usque ad Canam<sup>4</sup> contra velle suum, taliter fuit submersa, quod de ea et omnibus qui erant in illa nichil unquam breviter scitum fuit.

11. *Idem.*

Mane autem facto misit Cadi acceptum res illorum fratrum et tunc inventus fuit frater Petrus de Senis, trium aliorum fratrum socius. Quum eum sic reperissent ipsum ceperunt et eum duxerunt ad Cadi; quem ipse Cadi et alii Sarraceni alloquentes sibi maxima promittebant, si fidem suam vellet abnegare et illam Machometi integraliter confiteri. Ipsi autem dum sic sibi loquerentur, ipse de eis trufabatur et eos

<sup>1</sup> The whole of this is expressed in *Mus.* in quite different and more diffused language; but, as the meaning is the same, the variations are not worth specifying.

<sup>2</sup> *Hak.* et *Mus.* qui pro nobis crucifigi et mori dignatus est.

<sup>3</sup> *Mus.* multum audacter et constanter cum illis quatuor armatis altercatus est.

<sup>4</sup> *For* Tanam.



mirabiliter deridebat. Eo autem sic ipsos deridente, ipsum tormentare cœperunt a mane usque ad meridiem, diversis generibus tormentorum. Quod quamquam sic ei inferrent semper tamen in fide immobilis permanebat et constanter, illorum falsam ostendendo et eam viriliter destruendo. Cum autem videntes Sarraceni a sua non velle discedere voluntate, illum super quemdam arborem suspenderunt, in quam a nona usque ad noctem ipse permansit. Cum autem ad noctem fuit perventum, de arbore ipsum acceperunt sine aliqua læsione de mundo. Hoc illi videntes<sup>1</sup> ipsum per medium diviserunt, et mane facto nichil de eo breviter fuit inventum. Verumtamen uni personæ fide dignæ fuit revelatum quod Deus occultaverat ejus corpus usque ad certum tempus, in quo tamen sibi placuerit ipse illud manifestabit. Ut autem Deus opem ostenderet quod eorum animæ jam regna celestia obtinebant,<sup>2</sup> illa die qua beatissimi fratres gloriosi martires sunt effecti, ille Lomelic dormitioni se dedit; qui dum sic in lecto dormiret ecce sibi apparuerunt isti martires gloriosi lucidi, ut sol ac splendidi, singulos enses in suis manibus retinentes, et super Lomelic taliter eos vibrantes ac si dividere voluerunt ipsum totum. Quod videns ipse Lomelic voce sic alta cepit clamare. Quid ad ejus clamorem tota ipsius familia occurrit festinanter petens ab eo quid ipse haberet atque vellet. Ipsum autem dum sic interrogassent ipse respondit dicens: Illi Raban Franchi quos interfici feci huc ad me venerunt suis ensibus, quos habebant, occidere me volentes. Ideoque ipse Lomelic misit pro Cadi cui totum, quod sibi acciderat enarravit, consulens ipsum quid de hoc esset finaliter peragendum, cum se crederet ab eis penitus interire. Tunc Cadi sibi consuluit ut pro eis magnam elemosinam exhiberet, si vellet evadere de istorum manibus interfectorum. Tunc statim misit pro illis Christianis quos ipse in carcere detinebat, qui cum venissent ad eum, ipse indulgentiam ab eis de eo quod sibi fieri fecerat humiliter postulavit, faciens se socium eorum et fratrem. Hoc autem facto tunc precepit ut si quis unquam offenderet aliquem Christianum ipse penitus moreretur; et sic omnes illæsos abire permisit. Post hoc autem ipse Lomelic eis quatuor moschetas, scilicet iiii ecclesias fecit edificari, in quarum qualibet quosdam sacerdotes Sarracenos fecit morari.

12. *Idem.*

Audiens ipse imperator Doldali<sup>3</sup> istos fratres talem subiisse sententiam, misit et ordinavit ut ipse Lomelic penitus caperetur, et ipse ad eum vinctis manibus duceretur. Qui cum ante eum sic fuisset adductus, eum interrogabat quare mori fecerat tam crudeliter istos fratres. Cum autem interrogatus sic fuisset, respondit ei: Istos fratres sic mori permisi quia ipsi subvertere volebant legem nostram, et malum etiam dixerunt de propheta. Tunc sibi dixit imperator: Tu, crudelissime canis, cum vidisti quod Deus bis liberavit eos ab igne, quo modo fuisti sic ausus ut eis talem mortem inferres. Hæc cum dixisset, eum cum tota familia sua per medium scindi fecit. Et quia talem mortem istos fratres<sup>4</sup> in suum meritum fecit sustinere, hoc ipse passus fuit tantum in detrimentum.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> *Hak.* videntes illum lætum vivum et illæsum.

<sup>2</sup> *Hak.* ostenderet animas suorum martyrum jam in cœlis consistere et congaudere cum Deo et angelis et aliis sanctis ejus. *Mus.* nearly the same. *Ven.* omits.

<sup>3</sup> *Ven.* Dodoli; *Far.* Dodili; *Mus.* Dodili; *Hak.* Dodsi; *Marc.* dol Dali.

<sup>4</sup> *Mus.* Petro de Senis. *Hak.* fratri.....influxerat.

<sup>5</sup> *Far.* Cadi autem hoc audiens de terra illa atque de imperatoris dominio clam fugit. *Hak.* also ending et sic evasit. *Mus.* et evasit.

In hac autem contrata consuetudo quædam observatur. Nam nunquam corpus aliquod sepelitur, sed ipsa corpora solum in campaneis dimituntur, et ex nimio calore cito destruuntur et consumuntur. Verum corpora horum fratrum bene quatuordecim diebus illic fuerunt in sole, et ita recentia et integra sunt inventa sicut erant illa die qua passi fuerunt suum martirium gloriosum. Sic autem videntes qui in illa terra aderant Christiani, sua corpora acceperunt, quæ postea sepulturæ tradiderunt.<sup>1</sup>

13. *Fr. Odoricus colligit ossa fratrum ; miracula per illa operata.*

Tunc ego frater Odoricus de suo sciens martirio glorioso illuc ivi,—et sua corpora ego accepi quæ jam fuerunt tradita sepulturæ.<sup>2</sup> Quia per sanctos suos Deus ipse multa et magna mirabilia operatur, per istos voluit potissime operari. Nam ego frater Odoricus cum ossa istorum fratrum sic acceperem et pulchris toaleis<sup>3</sup> alligassem, ipsa in Indiam Superiorem ad unum locum nostrorum fratrum cum uno socio et famulo deferebam.<sup>4</sup> Dum autem ea sic portarem, ibi domo cujusdam habui hospitari,<sup>5</sup> et ipsa ossa, imo potius reliquiæ sanctæ dici debent, supposui capiti meo et me dedi dormitioni. Et dum sic dormirem ipsa domus a Sarracenis subito fuit accensa, ut me facerent mori.<sup>6</sup> Alta voce populi universi [sic]. Nam hoc est imperatoris preceptum ut cujus domus accenditur<sup>7</sup> ipse penitus moriatur. Ipsa domo sic accensa socius meus cum famulo exivit domum, me in ea cum ossibus remanente, qui dum sic essem in domo jam ardente, ossa horum fratrum ego accepi et<sup>8</sup> in uno angulo ipsius me aptavi.<sup>9</sup> Sic autem igne domum comburente, tres anguli ipsius domus fuerunt combusti, illo solo in quo eram remanente : me autem sic in illo angulo residente, ignis desuper me aderat non me lædens nec ipsius domus angulum comburens ; quamdiu autem in domo cum istis ossibus permanebam, ignis nunquam descendebat sed ad modum æris<sup>10</sup> ipse desuper residebat. Cum autem domum egressus fuisset, tunc ipsa totaliter fuit combûsta, non solum ipsa sed et multæ aliæ quæ illi contiguæ videbantur, et sic inde illæsus exivi.

14. *Idem.*

Aliud quoque insuper evenit quod michi accidit in eundo. Nam dum sic per mare cum istis ossibus ego irem ad unam civitatem quæ vocatur Polumpum,<sup>11</sup> ubi piper nascitur habundanter, nobis defecit totaliter

<sup>1</sup> *Here Far. alone has* "Passi autem fuerunt hi beati martyres pro fide Christi martyrium gloriosum anno ab incarnatione Domini nostri Jhesu Christi MIII....."

<sup>2</sup> *Boll. et apertis sepulchris suscepti ossa eorum humiliter et devote.*

<sup>3</sup> *Toaleis, towels. Ven. has manutergiis ; Mus. tuallis.*

<sup>4</sup> *Here Boll. has* omnipotens quoque Deus qui per prophetam mirabilis in sanctis suis dicitur, etiam per istos sanctos sua voluit mirabilia demonstrare.

<sup>5</sup> *Boll. et cum cum socio pergerem ad quiescendum.*

<sup>6</sup> *Mus. tanquam reus (reum) illius ignis accensi.*

<sup>7</sup> *Mus. ut si quis reus incendii domus esset. These two last variations seem to be glosses.*

<sup>8</sup> *Boll. et invocato Dei auxilio.*

<sup>9</sup> *Boll. Mira Dei clementia qui se pie clamantibus non elongat !*

<sup>10</sup> *Ut. has ad modum crucis extensus, which seems an arbitrary embellishment of the copyist.*

<sup>11</sup> *Should be Polumbum, as in Ven., Far., Mus ; Hak. has Polumbrum ; Marc. Polumbo et Polombo.*

ipse<sup>1</sup> ventus. Quapropter venerunt ydolatræ suos deos adorantes ut eis ventum prosperum exhiberent, quem illis tamen dare minime potuerunt. Deinde venerunt Sarraceni, et ut etiam ventum haberent multum laboraverunt, et tum illum suis supplicationibus nunquam habere potuerunt. Deinde michi et socio meo preceptum fuit ut orationes ad Deum nostrum fundere deberemus;<sup>2</sup> quatenus nobis finaliter exhiberet. Qui si haberi posset nobis honorem maximum exhiberet, et ut alii hoc intelligere non possent, ille rector navis Armorice<sup>3</sup> [*sic*] fuit locutus dicens: Si ventus haberi non posset hæc ossa nos projiciemus in mare. Tunc ego hæc et socius audientes orationes, fecimus ipsi Deo; qui videntes ventum haberi non posse, ad honorem Virginis gloriosæ multas missas promisimus celebrare si ventum possemus nos in aliquo tunc habere. Cum autem ventum nos habere minime poteramus,<sup>4</sup> tunc accipiens ex ossibus istis unum, ipsum dedi famulo nostro ut iens ad caput<sup>5</sup> navis ipsum in mare projiceret festinanter. Tunc ipso osse in mari sic projecto, statim ventus ita nobis effectus est prosper, quod nunquam nobis defecit donec accessimus nos ad portum, ad quem meritis istorum fratrum devenimus cum salute.

15. *Idem.*

Cum autem illic in Polumbo fuimus nos ad portum, aliam navim nomine Lonclum<sup>6</sup> nos ascendimus ut jam dictum est. In Indiam Superiorem nos venimus ad quamdam civitatem Zaiton,<sup>7</sup> in qua sunt duo loca nostrorum fratrum, ut ibi istas reliquias sanctas poneremus. Nunc autem in ista navi erant bene septingenti,<sup>8</sup> inter alios homines et mercatores.<sup>9</sup> Nunc ydolatræ isti hanc consuetudinem in se habent. Nam antequam ipsi applicent ad portum, per totam inquirunt navim ut videant quid esset in ea, maxime si sibi essent ossa mortuorum, quæ si reperirent,<sup>10</sup> illa in mare projicerent ipsi statim, et habentibus illa mortis periculum maximum immineret.<sup>11</sup> Cum autem sic requirerent, sed<sup>12</sup> in magna fuerint quantitate, nunquam tum illa invenire in aliquo potuerunt.<sup>13</sup> Sic autem dante Deo illa ad locum nostrorum fratrum tulimus diligenter, ubi cum honore et reverentia maxima fuerunt posita

<sup>1</sup> *Boll.* necessarius nobis.

<sup>2</sup> *Boll.* Posthæc mihi et socio meo mandarunt cuncti qui erant in navi dicentes: Vos surgentes adorate Dominum Deum vestrum; si vestris orationibus salutem consequamur honorem vobis maxime impendemus; sin autem, vos cum ossibus istis in pelago submergemus.

<sup>3</sup> *For* Armenice *as in Ven.* and all the others.

<sup>4</sup> *Boll.* ego clamavi ad Dominum Jesum Christum ut per merita istorum Fratrum dignaretur nostrum desiderium exaudire.

<sup>5</sup> *Far* has apodium navis.

<sup>6</sup> *Ven.* Zuncum; *Ut.* Zocum; *Far.* Cocum; *Mus.* Conchum; *Hak.* has omitted the term; as also *Boll.*, *Marc.* Zochi.

<sup>7</sup> *Ven.* Caytam; *Ut.* Zaytum; *Far.* Caitam; *Mus.* Caychan; *Hak.* Carchan; *Boll.* Sandon; *Ram.* Zailo.

<sup>8</sup> *Mus.* absurdly has in illa autem navicula erant bene LXX Christiani.

<sup>9</sup> *Ven.* inter nautas et mercatores.

<sup>10</sup> *Ven.* quod si mortuorum ossa reperta essent, statim, etc.

<sup>11</sup> *Ven.* has dicentes habentibus...imminere. *Hak.* Et per hoc bonum portum attingere et mortis periculi evadere crederent.

<sup>12</sup> *Ven.* has licet.

<sup>13</sup> *Mus.* embellishes, licet...illa frequenter tangerent, semper tamen eorum oculi sic miraculose delusi fuerunt, quod illa minime perpenderunt; *Hak.* has nearly the same; *Boll.* Domino Deo qui absconderat animas eorum in abscondito faciei suæ, ossa eorum ab infidelibus occultante.

condecenter.<sup>1</sup> Et sic multa alia operatur omnipotens Deus per istos sanctos fratres, cum adhuc hoc habeatur apud ydolatrias et Sarracenos. Nam cum ipsi morbo aliquo detinentur, vadunt et accipiunt de terra illa in qua fuerunt imperfecti,<sup>2</sup> illam abluentes. Quæ cum sit ipsa lota, eam bibunt, statimque ab infirmitatibus suis totaliter liberantur.<sup>3</sup>

16. *Quomodo habeatur Piper ; De regno Minibar.*

Ut autem sciamus quomodo habeatur piper, sciendum est quod in imperio<sup>4</sup> quodam ad quod applicui nomine Mimbar<sup>5</sup> nascitur ipsum piper ; et non in aliqua parte mundi nascitur nisi ibi.<sup>6</sup> Nemo enim in quo nascitur ipsum piper continet bene in se xviii dietas. Et in ipso nemore sunt duæ civitates, una nomine Flandrina,<sup>7</sup> altera vero Zinglin.<sup>8</sup> In ista Flandrina habitantium aliqui sunt Judæi, aliqui vero Christiani. Inter has duas civitates<sup>9</sup> bellum intestinum semper habetur, ita tamen quod Christiani semper superant et vincunt Judæos. In hac contrata habetur piper per hunc modum. Nam primo nascitur in foliis quasi heleræ,<sup>10</sup> quæ folia juxta magnas arbores plantantur sicut hic nostræ ponuntur vites ; hæc folia producant fructum ut uvarum racemi producantur. In tanta autem producant quantitate quod quasi videntur frangi. Cum autem ipsum erit maturum viridis est coloris. Et sic vindemiatur ut hic vindemiantur uvæ, ponendo<sup>11</sup> illud in solem ut desiccet, quod cum desiccatum est ipsum in vasis collocatur.<sup>12</sup> In hoc etiam nemore sunt flumina in quibus sunt multæ malæ cocoldrigæ<sup>13</sup> (scilicet multi mali serpentes).<sup>14</sup> A capite nemoris istius versus meridiem civitas quædam habetur nomine Polumbum<sup>15</sup> in qua nascitur melius zinziber quod nascatur in mundo. Tot et tanta sunt mercimonia in ista civitate quod multis incredible videtur.

17. *De moribus Indorum de Polumbo.*

Omnes in hac contrata adorant bovem pro deo suo, ipsum dicentes esse quasi sanctum, quem sex annis faciunt laborare et in septimo positus est in communi.<sup>16</sup> Hunc autem ritum in se continent et observant, qui est abhominabile.<sup>17</sup> Nam quolibet mane accipiunt duo bacilia de auro

<sup>1</sup> *Hak.* Ubi in pace requiescunt.

<sup>2</sup> *For* interfecti.

<sup>3</sup> *Boll.* præstante Domino nostro Jesu Christo.

<sup>4</sup> *Far.* has absurdly in pipere.

<sup>5</sup> *Ven.* Minibar ; *Hak.* Do ; *Far.* Minibarum ; *Mus.* Mimbar ; *Boll.* Ezaminibar ; *Ram.* Muubar.

<sup>6</sup> *Ven.* Nusquam alibi ; *Hak.* in nulla parte mundi tantum quantum ibi ; *Far.* non...nisi ibi.

<sup>7</sup> *Ram.* Alandrina.

<sup>8</sup> *Hak.* Cyncilim ; *Far.* Flandriam...Canglin ; *Mus.* Zingelyn ; *Marc.* Gingilin ; *Ram.* Ziniglin.

<sup>9</sup> *Better Hak.* inter quos.

<sup>10</sup> *Ven.* ederæ ; *Far.* oleri.

<sup>11</sup> *Mus.* et grana ponuntur ad.

<sup>12</sup> Et sic piper nascitur et custoditur.

<sup>13</sup> *Ven.* flumina habentia...cochodrillos ; *Hak.* and *Far.* cocodili ; *Mus.* cocodrilli.

<sup>14</sup> *Mus.* Et sunt etiam in isto nemore multi alii serpentes quos homines per stupam et paleas comburunt, et sic ad colligendum piper secure accedunt. *Hak.* has the like.

<sup>15</sup> *Hak.* et *Mus.* Polumbum, and the former says nothing of the ginger.

<sup>16</sup> *Mus.* ab omni opere ipsum faciunt quiescere in loco solempni et communi ipsum ponentes et dicentes hunc ipsum animal esse sanctum. So *Hak.*

<sup>17</sup> *Ven.* simply talem autem consuetudinem et modum observant.

vel argento, quæ, quum dimittunt bovem ipsum de stabulo, ponunt sub illo. In uno quorum accipiunt urinam in altero vero immundiciam aliam.<sup>1</sup> De urina lavant facies suas, de altero vero immunditia ponunt primo in medio visus in uno loco; deinde super ambabus summitatibus genarum, et postea in medio pectore; ita quod in quatuor locis ipsi ponunt; quæ cum sic fecerunt dicunt se fore sanctificatos.<sup>2</sup> Et sicut facit populus sic et rex et regina. Hii similiter aliud ydolum adorant quod est per dimidium homo et per dimidium bos: hoc ydolum per os respondet quod multotiens sanguinem xl<sup>3</sup> virginum petit et requirit huic ydolo; ita homines et mulieres vovent suos filios<sup>4</sup> et suas [filias] ante ydolum istud, ut sibi eorum sanguis ymmolatur.<sup>5</sup> Unde multi moriuntur isto modo. Sic autem multa alia facit populus iste<sup>6</sup> quæ scribere et audire abhominatio esset quædam. In hac etiam insula multa alia habentur et nascuntur quæ non expedit scribere multum. Aliam autem consuetudinem pessimam habent ydolatræ hujus regni. Nam quando homo aliquis moritur, ipsum comburunt mortuum, et si uxorem habet ipsam comburunt vivam, cum dicant eam ire ad manendum<sup>7</sup> cum marito suo in alio mundo. Si autem mulier filios habet ex marito suo, cum eis manere potest<sup>8</sup> si vult. Si autem mulier moriatur, lex aliqua non inponitur viro, cum possit si vult aliam accipere in uxorem. Alia autem consuetudo illic habetur, nam mulieres vinum bibunt, homines vero non; mulieres etiam faciunt sibi radi visum et barbam, homines vero non;<sup>9</sup> et sic de multis aliis mirabilibus et bestialibus que illic fiunt quæ etiam scribere non expedit multum.

18. *De regno Mobar ubi est corpus B. Thomæ Apostoli, et de conditionibus ydololatrarum.*

Ab hoc regno sunt decem dietæ usque ad unum aliud regnum, nomine Mobar,<sup>10</sup> quod est multum magnum regnum, habens sub se multas civitates et terras. In hoc autem regno positum est corpus beati Thomæ apostoli, ecclesia cujus plena est ydolis multis. Penes etiam quam sunt forte xv domus Nestorinorum et Christianorum qui nequissimi et pessimi sunt heretici.<sup>11</sup> Similiter in regno isto est ydolum mirabile valde quod omnes contratæ Indiæ multum reverentur. Nam ipsum est magnum quantus sanctus Christoforus communiter depingitur a pictoribus, et est

<sup>1</sup> *Ven.* stercus.

<sup>2</sup> *Hak.* pro tota die illa.

<sup>3</sup> *Far.* has iiii or virgines; *Hak.* aliquotiens pro stipendio petit sanguinem xl, etc.

<sup>4</sup> *Par.* 2. Et filias dare sicut hic alicui religioni, et sic per istum modum homines interficiunt filios suos et filias; *Ven.* to the same effect; also *Far.*, *Hak.*, et *Mus.* sicut Christiani aliqui alicui religioni vel sancto in cælo. So also *Ram.*

<sup>5</sup> *Ram.* secondo che il profeta dice.

<sup>6</sup> *Hak.* bestialis. Immo, etc.

<sup>7</sup> *Hak.* in aratura et cultura cum viro suo in alio mundo.

<sup>8</sup> *Ven.* nec ei ad verecundiam imputatur; *Mus.* sine verecundia et improprio; *Hak.* improprio. Communiter tamen omnes præeligunt comburi cum marito.

<sup>9</sup> *Mus.* faciunt sibi radi cilia supercilia et barbam, et homines non, et sic est de aliis multis vilitatibus utriusque sexus. In *Hak.* it is cilia et supercilia et barbam also...et sic de multis aliis vilibus contra naturam sexus eorum.

<sup>10</sup> *Far.* has Bobarum; *Ram.* Mebor.

<sup>11</sup> *Hak.* et in circuitu ecclesiæ simul Canonici vivunt in 15 domibus Nestoriani, i.e., mali Christiani et Schismatici. *From Mus.* simul should be sicut; also...Christiani pessimi cismatici et nequissimi heretici. *Far.* has xvi domus.

totum de auro,<sup>1</sup> positum super unam magnam cathedram, quæ etiam est de auro. Et habent ad collum unam cordam de lapidibus<sup>2</sup> preciosis. Quæ autem corda precium multum et maximum valet.<sup>3</sup> Ejus ecclesia tota est de auro puro. Nam tectum totum est de auro; similiter et pavementum.<sup>4</sup> Ad hoc ydolum orandum occurrunt gentes de longinquo sic christiani de longe vadunt<sup>5</sup> ad Sanctum Petrum. Ipsorum autem ad ydolum venientium alii cum corda ad collum pergunt;<sup>6</sup> alii cum manibus super unam tabulam ad collum ligatam; alii cum cultello in brachio<sup>7</sup> fixo et non remouent usque quo pervenerunt ad ydolum, ita quod totum brachium postea habent marcidum.<sup>8</sup> Alii etiam sunt aliter facientes. Nam exeunt domum suam faciunt tres passus; in quarto autem faciunt unam<sup>9</sup> veniam ita longam super terram sicut unus illorum esset. Accipiunt insuper unum thuribulum cum incenso etiam igne adolentes desuper illam longitudinem veniæ<sup>10</sup> ipsius. Sic enim faciendo usque ad ydolum ipsi vadunt unde bene magno tempore aliquando differunt ire ad ydolum ipsum cum sic ut dictum est semper faciendo vadunt. Cum autem sic vadunt, volentes aliquid facere signum unum<sup>11</sup> faciunt illic ubi faciunt hoc, ut sciant quantum processerunt. Hoc autem sic ipsi continuant donec ad ipsum ydolum devenerunt.<sup>12</sup>

19. *De aliis consuetudinibus ydololatrarum.*

Apud autem ecclesiam ydoli hujus est unus lacus manu factus<sup>13</sup> ad quem accedentes peregrini<sup>14</sup> projiciunt in ipsum aurum vel argentum vel aliquos lapides preciosos. Et hoc faciunt ipsi in honorem ydoli hujus et ecclesie edificationem, unde multum aurum et argentum lapidesque preciosi habentur in isto lacu. Ideoque cum in ecclesia ejus aliquid facere fieri volunt,<sup>15</sup> inquirunt per lacum istum et inveniunt omnia hæc que in ipso sunt projecta. Die autem<sup>16</sup> illo quo hoc ydolum sanctum<sup>17</sup> fuit, accedunt<sup>18</sup> illi de contrata accipientes ipsum de ecclesia, et illud

<sup>1</sup> *Hak.* et *Mus.* purissimo et splendidissimo.

<sup>2</sup> *Hak.* et *Mus.* Chordulam sericam cum lapidibus.

<sup>3</sup> *Hak.* cum lapidibus pretiosissimis quorum aliquis valet plusquam unum regnum.

<sup>4</sup> *Hak.* et *Mus.* et superficies parietum interius et exterius.

<sup>5</sup> *Ven.* peregre; *Far.* has vadunt Romam; *Mus.* sicut ad Stum. Jacobum aut Stum. Petrum.

<sup>6</sup> Alii cum manibus retro ligatis.

<sup>7</sup> Vel tibia.

<sup>8</sup> *Ven.* has corruptum; *Hak.* et *Mus.* add Illum reputant sanctum et bene cum deo suo.

<sup>9</sup> *Ven.* unam unciam veniam, which I do not understand; *Mus.* has unam venam sive lineam, a mistaken gloss; *Marc.* una invenia; *Ram.* una cava.

<sup>10</sup> *Ut.* has unciæ (?); *Far.* instead of veniæ ipsius has nomine albius which seems nonsense—perhaps misread by my copyist; *Mus.* lineæ sive venæ ipsius.

<sup>11</sup> *Far.* has signum unum abbie, probably a misreading for illic.

<sup>12</sup> The whole of this passage about the veniæ is omitted in *Hak.* though retained in *Mus.*, and this is, I think, the first material difference between these MSS.

<sup>13</sup> *Hak.* et manifestus.

<sup>14</sup> *Mus.* in honorem ydoli et ad edificationem templi.

<sup>15</sup> *Hak.* quando aliquid debet ornari vel reparari.

<sup>16</sup> *Ven.* Annuatim autem die illo, etc.

<sup>17</sup> *Ven.* factum; *Hak.* et *Mus.* die autem annuo constructionis.

<sup>18</sup> *Mus.* Rex et regina illius terræ cum toto populo et omnibus peregrinis accedunt.

ponentes super uno pulchro<sup>1</sup> curru. Deinde rex et regina omnesque peregrini ad hoc cum populo toto, hii omnes similiter congregati ipsum educunt de ecclesia cum cantibus magnis et omni genere musicorum. Hoc autem ydolum cum sit eductus de ecclesia ejus, multæ virgines binæ et [binæ] ipsum<sup>2</sup> antecedunt euntes canendo mirabiliter ante ipsum.<sup>3</sup> Deinde accedunt etiam peregrini qui evenerunt ad hoc festum, et ponunt se sub isto curru, facientes eum super se transire cum dicunt se velle mori pro Deo suo. Et sic currus transiens super illos qui sunt sub eo, cunctos illos frangit per medium et scindit, unde statim moriuntur.<sup>4</sup> Sic autem faciendo ydolum ipsum ducunt usque ad unum locum deputatum, ad quem locum cum ipsum adduxerunt illum ad locum pristinum reducunt cum cantibus magnis et instrumentis sicut prius. Et sic non est annus in mundo in quo plures quingentis hominibus non moriantur isto modo. Horum autem corpora ipsi accipiunt et comburunt,<sup>5</sup> dicentes ea esse sancta cum se mori promiserint pro deo suo.<sup>6</sup> Aliud quoque fit ab istis, nam venit aliquis dicens, Volo me interficere pro deo meo, unde veniunt amici parentes et omnes hystriones de contrata ad faciendum illi festum, qui voluit pro deo suo mori. Unde appendunt ad collum ejus quinque cultellos acutissimos et ipsum<sup>7</sup> ducunt ante ydolum, tunc ille accipit unum ex cultellis illis acutissimis, et alta voce clamat dicens, Pro deo meo michi incido de carne mea. Cum autem inciderit de carne sua, de loco illo in quo voluit, eam projicit in faciem ydoli dicens; Me mori permitto<sup>8</sup> pro deo meo; et sic ibi tandem se interficit pro deo suo. Statimque ipso mortuo corpus ejus comburitur cum illud credatur ab illis esse sanctum quia pro deo suo se ipsum peremit. Sic autem multa alia magna et mirabilia fiunt ab istis quæ minime sunt scribenda. Rex autem insulæ vel provinciæ<sup>9</sup> hujus multum est dives, videlicet auri argenti lapidum preciosorum. In hac autem insula tot bonæ perlæ inveniuntur sicut in aliqua parte mundi, et sic de multis aliis quæ in ista insula reperiuntur. Quæ etiam nimis longum esset scribere.

20. *De Contrata Lamori quæ non videt tramontanam, et de Sumoltra.*

De hac contrata recedens et iens versus meridiem veni per mare oceanum quinquaginta dietis<sup>10</sup> ad unam contratam que vocatur Lamori,<sup>11</sup> in qua incepti amittere tramontanam cum terra michi acceperit eam. In ea autem ita immensus est calor quod omnes illi[tam] homines quam mulieres vadunt nudi,<sup>12</sup> nullo se cooperientes. Hii de me multum truffabantur,<sup>13</sup> qui dicebant Deum Adam fecisse nudum, et ego me malo suo velle vestire volebam.<sup>14</sup> Nam in ista contrata omnes mulieres sunt positæ in

<sup>1</sup> *Hak.* pretiosissimo.

<sup>2</sup> *Ven.* instead of binæ et has hinc et hinc; *Far.* binæ et blnæ; also *Hak.* et *Mus.*

<sup>3</sup> *Hak.* processionaliter combinate modulantes; *Mus.* nearly the same.

<sup>4</sup> *Hak.* et per hoc reputant se mori pro deo suo sancte et secure.

<sup>5</sup> *Hak.* et cineres sicut reliquiæ custodiuntur.

<sup>6</sup> *This about the burning, etc., omitted in Mus.*

<sup>7</sup> *Ven.* cum magnis cantibus.

<sup>8</sup> *Ven.* dicens mori promitto.

<sup>9</sup> *Mus.* illius regionis.

<sup>10</sup> *Far.* has xv dietis.

<sup>11</sup> *Hak.* Lammori; *Mus.* has vocatam Sustabor (?) sive Lamory.

<sup>12</sup> *Far.* has only mulieres. . . . nudæ.

<sup>13</sup> *Ven.* et tu vis ultra ejus velle vestiri.

<sup>14</sup> *Hak.* and *Mus.* qui videntes me vestitum deridebant me, dicentes Deum Adam et Evam fecisse nudos; *Boll.* Deus Adam nudum fecit, cur tu vestitus ambulas contra naturam? *Malo suo velle* = Malgré lui.

communi. Itaque nemo est qui dicere posset veraciter hæc est uxor mea, hic est maritus meus. Cum autem mulier filium vel filiam parit, ipsum vel ipsam dat uni illorum cui vult, cum quibus ipsa jam jacuit eumque vocat patrem suum. Tota terra posita est in communi, itaque nullus cum veritate dicere potest hæc vel illa pars terræ mea est. Domos tamen habent in speciali.<sup>1</sup> Ista gens pestifera est et nequam; ista gens comedit homines sicut nos boves, nam carnem humanam ita comedunt illic sicut hic carnes manzinæ<sup>2</sup> comeduntur, hæc tamen de se bona terra est. Nam magnam copiam carniū bladi et risi [habent], magnaue copia habetur illic de auro,<sup>3</sup> de lignis aloë, [de] ganfara,<sup>4</sup> de multisque aliis quæ ibi nascuntur.<sup>5</sup> Ad hanc insulam accedunt mercatores de longinquo portantes secum homines<sup>6</sup> vendentesque illos<sup>7</sup> infidelibus ipsis, quos cum emerent eos interficiunt<sup>8</sup> et comedunt, et sic de multis aliis et bonis et malis quæ non scribuntur. In hac eadem insula versus meridiem habetur aliud regnum nomine Sumolchra<sup>9</sup> in quo est una generatio gentis singularis signantis se ferro calido parvo bene in duodecim locis in facie. Et hoc faciunt tam homines quam mulieres. Hii semper gerunt bellum cum hiis qui vadunt nudi. In hac contrata est magna copia rerum. Penes quam est unum aliud regnum nomine Rotemgo<sup>10</sup> versus meridiem. Multa quæ non scribo nascuntur in illo regno.

21. *De optima insula Javâ.*

Penes<sup>11</sup> hoc regnum est una magna insula nomine Jana,<sup>12</sup> quæ bene tribus millibus miliarium<sup>13</sup> circumdatur. Rex hujus Janæ habet bene sub se septem reges coronæ. Hæc insula multum bene habitatur. Et est melior insula que habeatur.<sup>14</sup> In ipsa enim nascuntur<sup>15</sup> cubebæ, melegetæ,<sup>16</sup> nucesque muscatæ, multæque aliæ species pretiosæ. In eâ est copia magna victualium preterquam vini. Rex istius insulæ unum habet palatium valde mirabile.<sup>17</sup> Nam ipsum est valde magnum,<sup>18</sup> cujus scalæ multum sunt magnæ altæ latæque: horum graduum unus est

<sup>1</sup> *Ven.* Domos tamen proprias habent; *Hak.* and *Mus.* speciales.

<sup>2</sup> *Far.* Porcinæ.

<sup>3</sup> *Boll.* amaraco *instead of the preceding words.*

<sup>4</sup> *Mus.* Ganfar.

<sup>5</sup> Here *Mus.* inserts Tamen gens pestifera est, etc., omitted before.

<sup>6</sup> *Ven.* infantes; *Hak.* homines pingues.

<sup>7</sup> *Ven.* more bestiarum; *Hak.* and *Mus.* sicut nos vendimus porcos.

<sup>8</sup> *Ven.* in macello; *Boll.* has this much shorter.

<sup>9</sup> *Ven.* and *Ram.* Sumoltra; *Far.* Simultam or Simultra; *Hak.* Sumolera; *Mus.* Simoltra sive Sumolara; *Boll.* Zumptloc (probably misread); *Marc.* Sumoltra.

<sup>10</sup> *Ven.* Bothonigo; *Far.* Betonigo; *Mus.* Boteingo et juxta illud aliud regnum de quo nihil scribo nec de hiis quæ ibi nascuntur; *Boll.* Resengo; *Ram.* Botterigo; *Hak.* omits this kingdom of Rotemgo, etc., altogether; *Marc.* Botemgo.

<sup>11</sup> *Ven.* Juxta.

<sup>12</sup> *Ven.* Java; *Hak.* and *Boll.* Jaua; *Far.* and *Mus.* have Jana; *Marc.* Java.

<sup>13</sup> *Ven.* Secunda melior insularum; *Far.* tertia melior; *Hak.* melior secunda; *Mus.* secunda melior . . . ut dicitur; *Bol.* est de melioribus Indiæ una.

<sup>14</sup> *Far.* tribus milliariis; *Hak.* cujus ambitus per mare bene trium miliarium, etc.

<sup>15</sup> *Ven.* has also camphora; *Far.* ganfora; *Hak.* has garyophylli, cubibæ et nuces muscatæ.

<sup>16</sup> *Mus.* et breviter omnes fere pretiosæ species ibi sunt.

<sup>17</sup> *Boll.* quod multis impossibile videretur.

<sup>18</sup> *Hak.* and *Mus.* et altissime stat.



aureus alter vero argenteus. Pavimentum autem ejus unum laterem habet de auro, alterum vero de argento. Murus vero istius palatii totus est lamatus interius lamis aureis,<sup>1</sup> in quibus lamis sculpti sunt equites solum de auro habentes circa caput unum magnum circulum aureum sicut hic habent nostri sancti; hic autem circulus totus est plenus lapidibus preciosis. Insuper tectum ejus totum est de auro puro; ut autem breviter et finaliter nos loquamur, hoc palatium ditius et pulchrius est quod hodie sit in mundo. Canis<sup>2</sup> tamen grandis Cathai multociens fuit in bello in campo cum isto, quem iste semper vicit et superavit. Sic etiam multa alia sunt quæ non scribo.

22. *De contratâ Talamasin et arboribus ejus farinam dantibus, etc.*

Penes hanc contratam est una alia contrata quæ vocatur Patem<sup>3</sup> quam alii vocant Talamasim.<sup>4</sup> Rex hujus contratæ multas insulas habet sub se. In hac contrata inveniuntur arbores farinam producentes; aliquæ etiam quæ mel producunt<sup>5</sup> aliquodque venenum, quod est periculosius venenum quod sit in mundo. Nam circa ipsum non invenitur aliquod remedium nisi unum. Nam si aliquis de illo veneno sumpsisset accipiat de stercore hominis et ipsum distemperet aqua, quem et<sup>6</sup> bibat, propter quod ab illo veneno totaliter liberabitur.<sup>7</sup> Arbores autem isto modo farinam producunt. Nam ipsæ sunt magnæ, non tamen multum altæ,<sup>8</sup> etiam eas una securi incidunt circa pedem,<sup>9</sup> propter quod quidam liquor ab ipsis exhauritur ad modum collæ<sup>9</sup> quem liquorem ipsi ponunt in saccis factis ex foliis, quos dimittunt per xv dies in sole et in fine xv dierum ex ipso liquore farina facta est, quam postea ponunt per duos in aqua maris; deinde lavant eam aqua dulci et sic faciunt pastam bonam<sup>11</sup> de mundo. Et tunc de ipsa faciunt quid volunt, seu cibos seu panem multum bonum, de quo ego frater Odoricus<sup>12</sup> jam comedi; hæc autem omnia propriis oculis ego vidi. Hujus modi autem panis exterius pulcher est, interius autem<sup>13</sup> niger est. In ripa<sup>14</sup> hujus contratæ versus meridiem est mare mortuum, aqua cujus semper currit versus meridiem. Et si aliquis per juxta ipsius ripam vadit, et cadit in aquam, nunquam ille qui talis invenitur. In hac etiam contrata sunt canaveriæ<sup>15</sup> seu arundines longæ bene pluribus lx passibus, magnæ ut arbores. Aliæ etiam cannæ

<sup>1</sup> *Hak.* parietes . . . laminati laminis aureis; *Boll.* muri quoque ejus intrinsecus laminis aureis sunt vestiti.

<sup>2</sup> *Ven.* Chaam; *Hak.* Canis de Katay.

<sup>3</sup> *Ven.* and *Hak.* Panten; *Far.* Panthen; *Ut.* Paten; *Boll.* Pacen; *Marc.* Paten; *Ram.* Paten.

<sup>4</sup> *Ven.* Malamasin; *Far.* Thamalsi; *Ut.* Malamasmi; *Hak.* Tathala masim; *Boll.* Thalamasym; *Mus.* Thalamasin; *Marc.* Talamaxim; *Ram.* Malamasmi.

<sup>5</sup> *Ven.* Sunt etiam producentes mel, et aliquæ producentes vinum, etc.

<sup>6</sup> *Hak.* in bona quantitate.

<sup>7</sup> *Hak.* statim fugat venenum faciens exire per inferiores partes; *Mus.* to same effect, adding et sic erit salvatus et a veneno totaliter liberatus.

<sup>8</sup> *Far.* has a large hiatus from quem et bibat to this.

<sup>9</sup> *Hak.* magnæ et bassæ; *Mus.* magnæ et multum altæ.

<sup>10</sup> *Hak.* sicut gummæ; *Mus.* sicut gumma collæ.

<sup>11</sup> *Hak.* et *Mus.* et odorifera (m).

<sup>12</sup> *Boll.* non solum pro necessitate sed etiam pro delectatione pluries manducavi.

<sup>13</sup> *Ven.*, *Far.*, *Hak.*, *Mus.*, *Boll.* aliquantulum niger.

<sup>14</sup> *Far.* riveriâ.

<sup>15</sup> *Ven.* Cannæ variæ (no seu arundines). *Far.* has Canaveriæ.

reperiuntur que vocantur Casan.<sup>1</sup> Hæc per terram semper diriguntur ut quædam herba quæ apud nos appellatur gramegna. Et in quolibet nodo ipsarum radices producunt quæ<sup>2</sup> bene efficiuntur longæ uno miliari. In hiis autem cannis inveniuntur lapides de quibus aliquis super se hiis nunquam potest incidi a ferro aliquo nec offendi. Et ut plurimum homines istius contratæ de istis lapidibus sunt super se portantes. Ideoque propter virtutem horum lapidum veniunt homines et accipiunt puerulos suos quos in brachio per quod modicum ipsi incidunt, ubi unum de istis lapidibus isti ponunt ne ipse ferro aliquo cadat. Et ut illum parvum vulnus factum in brachio alicujus pueri cito solidetur, de quodam pulvere unius piscis ipsi<sup>3</sup> ponunt, propter quod vulnus illud parvum statim solidatur. Et quia hujus lapidis magnæ sunt virtutes et de istis illi homines sunt portantes,<sup>4</sup> ex hoc in bello efficiuntur fortes<sup>5</sup> et magni cursores<sup>6</sup> in mari. Verum quia navigantes permare ab istis talibus offenduntur unum remedium invenerunt. Nam ipsi portant propugnacula seu palos acutissimos de uno fortissimo ligno, portant [que] sagittas cum<sup>7</sup> ferro.<sup>8</sup> Et quia homines illi male sunt armati, per mare navigantes eos vulnerant et penetrant istis pilis acutissimis et sagittis. Sic isto modo<sup>9</sup> isti tales ab illis se viriliter defendunt. De cannis istis Casan faciunt vela suis navibus, sestoria,<sup>10</sup> domunculas,<sup>11</sup> multa que alia quæ sibi sunt utilitatis magnæ. Multa etiam alia sunt in contrata ista quæ scribere et audire quasi stupor esset. Quapropter ea scribere ad presens non multum curo.<sup>12</sup>

23. *De rege Campa, habente multos elephantes et multos filios filiasque.*

Ab isto regno per multas dietas est distans aliud regnum nomine Campa,<sup>13</sup> cujus contrata multum pulchra est. Nam in ipsa est copia magna omnium victualium, et bonorum. Rex contratæ illius ut dicebatur quando ibi fui inter filios et filias ducentos<sup>14</sup> bene habebat; cum multas habeat uxores aliasque mulieres quas ipse tenet.<sup>15</sup> Hic rex xiiii milia<sup>16</sup> elephantum domesticorum habet. Quos ita teneri facit et observari,

<sup>1</sup> *Far.* Cassam; *Mus.* Cassati, with the absurd addition ex quibus in apotecariis inveniuntur cassia fistulæ. *Ram.* has casar.

<sup>2</sup> *Ven.* has et instead of quæ, which is better. *Fur.* ramos producunt qui bene, etc. *Hak.* et *Mus.* nearly to the same effect—per unum miliare fere.

<sup>3</sup> *Hak.* et *Mus.* cujus nomen ignoro.

<sup>4</sup> *Ven.* omits this superfluous sentence.

<sup>5</sup> *Ven.* feroces. *Hak.* et *Mus.* communiter triumphant in bellis et in mari, nec possunt isti homines lædi per aliqua arma ferrea.

<sup>6</sup> *Ven.* maximi pirati.

<sup>7</sup> *Ven.* absque, which is required.

<sup>8</sup> *Far.* sine ferro.

<sup>9</sup> *Hak.* has Quod adversarii illius gentis scientes virtutem lapidum provident sibi propugnacula ferrea contra spicula illorum, et arma venenata de veneno, et in manu portant palos ligneos, etc.... et sic confundunt aliquos et perforant inermes ex lapidum securitate. *Mus.* is to the same effect and more diffusely expressed.

<sup>10</sup> *Far.* omits sestoria.

<sup>11</sup> *Ven.* tali ergo ingenio.

<sup>12</sup> *Mar.* Case di stuoie.

<sup>13</sup> This was probably written Çampa; *Ven.* Zampa; *Far.* Canpa or Carpa; *Hak.* Campa; *Marc.* Campa.

<sup>14</sup> *Hak.* 300.

<sup>15</sup> *Bol.* has in this place nec mirabar de hoc cum plures habuerit uxores.

<sup>16</sup> *Hak.* decies millesies et quatuor; *Mus.* xiiii millia.

ab illis hominibus de villis suis<sup>1</sup> qui sibi sunt subjecti sicut hic boves. Aliaque multa animalia tenentur ad socedam. In ista eadem contrata unum mirabile quid reperitur. Nam unaquæque generatio piscium qui sunt in mari, ad hanc contratam in tanta venit quantitate quod dum sic veniunt nichil aliud videtur in mari nisi pisces.<sup>2</sup> Hii autem cum prope ripam sint se projiciunt super illam.<sup>3</sup> Cum sic autem sunt in ripa veniunt homines et tot de ipsis habent et accipiunt et quod ipsi volunt. Hii autem pisces duobus vel tribus diebus manent super ripam. Deinde venit alia generatio piscis faciens hoc idem sicut prima. Sic etiam de aliis singulisque usque ad ultimam ordinate procedunt, quod tantum semel faciunt in anno. Cum de isto quæritur ab illis de ista contrata quare sic fiat, ipsi respondent et dicunt: Quod hoc faciunt isti pisces qui isto modo veniunt suum imperatorem revereri. In eadem etiam contrata vidi unam testitudinem majorem quam esset revolutio trulli ecclesiæ sancti Antonii de Padua.<sup>4</sup> Sic etiam de multis aliis quæ forte aliquibus incredibilia viderentur nisi illa viderent, quare ea scribere non curo. Cum etiam in contrata aliquis moritur habens uxorem, ipse mortuus comburitur, uxor ejus [vero] viva.<sup>5</sup> Nam dicunt quod ipsa cum suo marito vadit ad alium mundum ut illic moretur cum eo.<sup>6</sup>

#### 24. De Insula ubi Cynocephali.

De ista contrata recedens et navigans per mare Oceanum versus meridiem reperi multas insulas et contratas. Quarum una est quæ vocatur Sacimeram.<sup>7</sup> Hæc insula magna est, circuiens bene per duo milia miliarium; in qua homines et mulieres facies caninas habent. Hii unum bovem adorant pro deo suo, propter quod unusquisque unum bovem de auro vel argento semper portat in fronte, in signum quod ille bos est deus eorum. Omnes istius contratæ tam homines quam mulieres nudi vadunt, nihil de mundo portantes nisi unam toaleam<sup>8</sup> qua suam verecundiam ipsi tegunt. Hii sunt magni corpore et valde fortes in bello, ad quod dum sic nudi pergunt solum unum scutum<sup>9</sup> portant quod eos cooperit à capite usque ad pedes. Dum sic autem vadunt ad bellum et eos contingat capere aliquem in bello qui pecunia exigi<sup>10</sup> non possit, statim comedunt ipsum. Si vero pecunia exigi possit eum habita pecunia abire permittunt. Rex istius contratæ bene tres centas<sup>11</sup> perlas portat ad collum multum magnas, propter<sup>12</sup> quod pro diis suis quotidie trecentas orationes ipse facit. Habet etiam unum lapidem preciosum bene<sup>13</sup> longum et magnum unâ spensâ, in manu sua<sup>14</sup> portat, quem lapidem sic

<sup>1</sup> *Bol.* qui nutriuntur a villanis sibi subjectis sicut apud nos boves et alia animalia conservantur.

<sup>2</sup> *Hak.* et *Mus.* per magnum spatium maris nihil videtur nisi dorsa piscium.

<sup>3</sup> *Hak.* et *Mus.* super aridam.

<sup>4</sup> *Hak.* et *Mus.* Ibi etiam sunt testudines ita magni sicut est unus furnus.

<sup>5</sup> *Hak.* et *Mus.* sicut superius de alia contrata dictum est.

<sup>6</sup> *Ven.* ut in alio mundo similiter conversetur cum eo; *Hak.* et *Mus.* add ne ibi aliam uxorem accipiat.

<sup>7</sup> *Ven.* Nicuueran; *Far.* Nichovera; *Hak.* Moumoran; *Mus.* Mochimoran; *Bol.* Insimezan, probably misread; *Marc.* Nicuveran.

<sup>8</sup> *Hak.* et *Mus.* unum pannum lineum.

<sup>9</sup> *Hak.* has unum scutum de ferro; *Mus.* to same effect.

<sup>10</sup> *Ven.* redimi.

<sup>11</sup> *Mus.* cc.

<sup>12</sup> *Ven.* propterea.

<sup>13</sup> *Ven.* instead of bene has rubinum; *Far.* as in text.

<sup>14</sup> *Hak.* in digito suo; *Boll.* ita magnam quam sicut unâ manu gestare possem.

portans una flamma ignis ipse videtur esse.<sup>1</sup> Et ut dicitur iste est nobilior et preciosior lapis qui hodie sit in mundo. Verumptamen magnus imperator Tartarorum Cathai illum lapidem preciosum nec vi, nec pecunia nec etiam ingenio unquam habere potuit. In hac etiam contratâ ipse rex bene justitiam tenet et observat, unde per totum suum regnum quilibet potest ire securus.<sup>2</sup> Multa etiam in hac contrata sunt quæ etiam ego scribere non curo.

25. *De Insula Sillan et ejus mirabilibus.*

Alia est insula Sillan,<sup>3</sup> circuiens bene plura quam duo milia miliarium in qua sunt serpentes infiniti, multaque alia animalia silvestria in magna quantitate<sup>4</sup> ut potissime elephantēs. In hac contrata est unus maximus mons de quo dicunt gentes quod super illo Adam planxit filium suum centum<sup>5</sup> annis. In medio montis hujus<sup>6</sup> est quædam pulcherrima planicies in qua est unus lacus non multum magnus.<sup>7</sup> Sed tamen est bene in eo aqua magna quam dicunt gentes esse lacrimas quas Adam et Eva effuderunt, quod tamen non creditur esse verum,<sup>8</sup> cum tamen intus nascatur aqua illa. Profunditas<sup>9</sup> hujus aquæ plena est lapidibus preciosis. Quæ aqua multum est yrundinibus<sup>10</sup> et sanguisugis plena. Hos lapides non accipit ille rex, sed pro anima sua semel vel bis in anno sub aquas ipsos pauperes ire permittit, et quotquot ex lapidibus istis capere possunt omnes dimittit eis.<sup>11</sup> Et ut ipsi pauperes ire sub aquam possint accipiunt limonem et quemdam fructum quem bene pistant,<sup>12</sup> et illo bene se unguunt et tunc in aquam se mergunt. Et cum sic sint uncti yrundines<sup>13</sup> et sanguisugæ illos offendere non valent. Sic isto modo pauperes sub intrant aquam, et exeunt accipientes si possunt de lapidibus istis preciosis. Aqua quæ descendit per montem exit ab isto lacu. Et<sup>14</sup> ibi fodiuntur boni robini et boni dyamantes reperiuntur et multi, sic et multi lapides alii boni; ibi etiam reperiuntur bonæ perlæ, quo aqua ista descendit ad mare. Unde dicitur quod rex iste habet plures lapides preciosos quam aliquis alius rex qui hodie sit in mundo. In hac insulâ sunt diversa genera animalium sicut avium et multorum animalium quæ morantur ibi. Unde dicunt illi de contrata

<sup>1</sup> *Ven. instead of quem.....esse, has qui recte flamma ignis esse videtur; Hak. dum habet illum videtur ab aliis quasi una flamma ignis et ideo nullus audet sibi appropinquare; Mus. nearly the same.*

<sup>2</sup> *Hak. omits this sentence about the king's justice, etc.*

<sup>3</sup> *Ven. Sillan; Far. Silam; Hak. Ceilan (the MS. in B. M. has Syllan, almost the only difference from Hakluyt's printed copy); Mus. has Salam.*

<sup>4</sup> *Hak. et Mus. et max. multit. leonum ursorum et omnium animalium rapacium.*

<sup>5</sup> *Hak. 500 annis; Mus. as in text.*

<sup>6</sup> *Ven. In montis cujus cacumine.*

<sup>7</sup> *Far. has omitted the non; Hak. et Mus. have parvus.*

<sup>8</sup> *Hak. et Mus. sed probavi hoc falsum esse quia vidi aquam in lacu scaturire; Boll. gentes errore delusæ.....cum tamen videatur ipsa aqua e visceribus terræ scaturire.*

<sup>9</sup> *Ven. Fundus; Far. as in text.*

<sup>10</sup> *Yrundinibus for hirudinibus.*

<sup>11</sup> *Hak. et Mus. ut orent pro anima sua, omitting these last three words above.*

<sup>12</sup> *Ven. limonibus optime frictis optime corpus totum linunt; Ut. accipiunt bavoyrem, id est quemdam fructum quem bene pistant; Far. acc. limones quos bene pistant.*

<sup>13</sup> *as above.*

<sup>14</sup> *Mus. et in transitu quando retrahit se fodiuntur, etc.*

quod hæc animalia multum forensem lædunt non illos qui ibi sunt nati.<sup>1</sup> In hac insula etiam sunt aves multum magnæ sicut sunt anseres, qui duo capita in se habent.<sup>2</sup> Hæc etiam insula maximam copiam habet victualium et multorum aliorum bonorum quæ non scribo.

26. *De Insula Dondin et ejus consuetudinibus turpissimis.*

De ista insula recedens et pergens versus meridiem ad quamdam magnam insulam me applicui quæ vocatur Dondin,<sup>3</sup> quæ idem est quod immundum.<sup>4</sup> In insula ista mali homines commorantur. Nam ipsi carnes aridas<sup>5</sup> comedunt omnemque alium immundiciam quæ jam dici posset.<sup>6</sup> Turpem inter se consuetudinem habent. Nam pater comedit filium et filius comedit patrem, uxor maritum et maritus uxorem; et hoc per istum modum. Ponatur quod pater alicujus illorum infirmetur; filius tunc ipse ibit ad astrologum et ad<sup>7</sup> sacerdotem cui sic dicet: Domine, ite vos ad sciendum a Deo nostro, si pater meus possit ab ista infirmitate liberari vel ex ipsâ mori debet. Tunc ipse sacerdos et alius homo cujus pater infirmatur accedunt ad ipsum ydolum quod est de auro vel de argento eique faciunt orationem et dicunt: Domine, tu es Deus noster, quem pro Deo nos adoramus, nobis respondeas ad ea quæ tibi nos dicemus. Taliter homo multum infirmatur; ideo te petimus si mori debeat ex hoc languore vel liberari. Tunc demon per os ydoli respondet et dicit: Pater tuus non morietur, sed de ista liberabitur infirmitate; verum tale quid sibi facere debes et sic liberabitur ipse. Ita quod ille demon totum ipsum illum modum [dicit] quem circa patrem suum tenere debet.<sup>8</sup> Deinde filius ad patrem accedit, et sibi diligenter servit donec ipse totaliter liberatur.<sup>9</sup> Si autem demon ille dicat ipsum debere mori, sacerdos ad eum accedet et unum pannum<sup>10</sup> super os suum ipse ponet, et sic eum statim suffocabit et morietur. Cum autem sic interfecit eum ipsum incidet in frusta et ad ipsum comedendum invitabuntur amici, parentes, omnesque hystriones<sup>11</sup> de contrata, et ipsum comedent cum cantibus et gaudio magno; ejus tamen ossa accipient, illa ponentes sub terra cum magna sollempnitate. Parentes autem illi qui ad has nuptias non fuerunt sibi ad verecundiam maximam reputabant. Hos tales<sup>12</sup> multum reprehendebam, dicens: Quare sic facitis vos cum hoc quod facitis sit contra omnem rationem. Nam si canis aliquis occideretur et ante alium canem poneretur ipse de illo nullatenus manducaret; ne dum vos qui homines videmini rationales. Ad hoc mihi respondebant dicentes, hoc facimus ne vermes comedant ejus

<sup>1</sup> *Ven. better* nullum forensem lædunt, et solummodo illos qui nati sunt in ipsa; *Far.* to the same effect, also *Hak.*

<sup>2</sup> *Far. absurdly* has mille capita. Probably  $\Pi$  taken for  $M$ .

<sup>3</sup> *Ut. Dandin; Hak. alone* has Bodin, but probably a misprint, as it is Dodin in the MS., which I take for Hakluyt's original; *Mus. Dodyn; Boll. Dodyn; Marc. Dondin.*

<sup>4</sup> *For* crudas as in *Ven.*

<sup>5</sup> *Mus.* idem est quod mundus.

<sup>6</sup> *Hak.* quæ quasi excogitare non poterit, to which *Mus.* adds sive dici.

<sup>7</sup> *Ven.* has id est.

<sup>8</sup> *Boll.* Tunc dæmon quandoque ex Idolo de convalescentia respondit, jubens procuratione illius in fine aliquas fieri ceremonias et oblationes et docens filium quomodo nutriat patrem.

<sup>9</sup> *Mus.* Usque ad plenam convalescentiam juxta documentum diaboli patri ministrat.

<sup>10</sup> *Ven.* pannum linum.

<sup>11</sup> *Ut. jaculatores.*

<sup>12</sup> Ego frater Odoricus.

carnes. Nam si ejus carnes vermes comederent ipsius anima magnas pateretur pœnas; ideoque carnem ejus comedimus, ut ejus anima aliquas non patiat pœnas. Et sic eis tantum dicere poteram quantum ego volebam quia nunquam aliud credere ipsi volebant nec ab isto ritu discedere quem tenebant.

27. *De Indiâ et xxiv millibus Insularum quas habet.*

Multæ aliæ novitates hic habentur quæ non scribo, nam nisi homo eas videret, eas credere non posset, cum in toto non sint mundo tot et tanta mirabilia quæ sunt in isto regno. Hæc autem scribi feci quæ certus sum, et in nullo dubito quia sicut refero ita est.<sup>1</sup> De<sup>2</sup> hac insula<sup>3</sup> diligenter inquisivi multos qui hoc sciunt et omnes uno ore locuntur et dicunt, quod hæc India bene xxiiii<sup>4</sup> milia insularum continet sub se, in qua etiam sunt bene lxiiii reges coronæ. Major pars hujus insulæ<sup>5</sup> bene ab hominibus habitatur. Hic ipsius Indiæ facio finem et nichil de ea dicere volo aliud, sed solum intendo aliquid dicere de India superiori.

28. *Venit Fr. Odoricus ad Indiam Superiorem et Provinciam Manzi.*

Ubi sciendum est quod dum navigarem per mare Oceanum versus Orientem per multas dietas ad illam nobilem provinciam Mansi<sup>6</sup> ego veni quam Indiam vocamus superiorem.<sup>7</sup> De ista India quæsivi diligenter Christianos, Sarracenos, ydolatos, omnes officiales magni Canis<sup>8</sup> qui omnes uno ore loquuntur et dicunt quod provincia Manzi<sup>9</sup> habet bene duo millia magnarum civitatum, quæ in tantum sunt magnæ illæ civitates quod Trevisium neque Vincentia in ipsarum numerum ponerentur;<sup>10</sup> unde tanta multitudo est in ista contrata quod apud nos esset incredibile quoddam.<sup>11</sup> In ipsa est maxima copia panis, vini, risi, carni, piscium, omniumque victualium, quibus homines utuntur in mundo. Omnes homines hujus provinciæ sunt artifices<sup>12</sup> et mercatores qui paupertatem quam habeant<sup>13</sup> dummodo se suis manibus valeant adjuvare nunquam aliquam peterent elemosinam. Hii homines satis sunt corpore pulchri,<sup>14</sup> pallidi tamen, habentes barbam ita raram et longam sicut<sup>15</sup> murilegæ, id est cattæ; mulieres vero pulcherrimæ de mundo.<sup>16</sup>

<sup>1</sup> *Hak.* Ego autem coram Deo nihil hic refero nisi illud de quo certus sum sicut homo certificare poterit.

<sup>2</sup> *Ven.* has in *instead of* de.

<sup>3</sup> *Far.* De hac India Inferiori (*no doubt* Insula *is wrong*) sunt aliæ hæc insulæ quæ nominavi et inquisivi multos qui hoc sciunt, etc.; *Boll.* De magnitudine hujus inferioris Indiæ a multis, etc.

<sup>4</sup> *Hak.* 4400; *Boll.* Viginti quatuor millia.

<sup>5</sup> *Mus.* istius Indiæ; *so also Boll.* *Marc.* has queste isole, which indicates the right reading.

<sup>6</sup> *Mus.* Mansiæ; *Ven.* et *Far.* Manzi; *Hak.* Mancii; *Boll.* Manzy.

<sup>7</sup> *Hak.* quæ India vocatur a Latinis.

<sup>9</sup> *Mus.* Mancy.

<sup>8</sup> *Ven.* Chaam.

<sup>10</sup> *Far.* Tarvisium.

<sup>11</sup> *Boll.* intra muros ipsarum cujuslibet possent stare.

<sup>12</sup> *Ven.* artistæ.

<sup>13</sup> *Mus.* nullam paupertatem habent; *Boll.* qui numquam depauperantur.

<sup>14</sup> *Hak.* Satis formosi.

<sup>15</sup> *Hak.* rasas et parvas barbantes; *Mus.* raras et parvas sed tamen longas sicut murilegi.

<sup>16</sup> *Mus.* Pulcherrimæ et formosæ; *Boll.* nimium sunt formosæ.

28. *De Civitate Cens-Kalan.*

Prima civitas hujus provinciæ quam inveni vocatur Cens scolan;<sup>1</sup> hæc civitas bene ita magna est pro tribus Venetiis,<sup>2</sup> distans a mari per unam dietam, posita super unum flumen, cujus aqua propter<sup>3</sup> ipsum mare ascendit ultra terram bene xii dietis. Totus populus hujus civitatis totiusque provinciæ Manzi Indiæque superioris ydolatræ.<sup>4</sup> Hæc civitas tantum navigium habet et ita magnum quod quasi aliquibus incredibile videretur, unde tota Ytalia non habet navigium ita magnum sicut hæc civitas sola habet.<sup>5</sup> In hâc civitate haberi possunt bene trecentæ<sup>6</sup> libræ zinziberis recentis minori uno grosso. In hac etiam sunt majores et pulchriores anseres ac melius forum<sup>7</sup> quam hoc sit in mundo, unde unus illorum anserum est bene magnus pro duobus de nostris, totus albus ut lac, habens unum os super caput unius ovi quantitate, qui talis coloris est qualis sanguis est. Et hii anseres habent sub gulâ unam pellem per unum semissem<sup>8</sup> pendentem; hii etiam sunt pinguiissimi; unus quorum bene coctus et conditus minor uno grosso haberetur. Et sicut est de anseribus sic etiam de anatibus et gallinis, quæ illic sunt ita magnæ quod magnum mirum est. Hic etiam majores sunt serpentes qui sunt in mundo; hii multum capiuntur ab istis a quibus postea dulciter comeduntur. Unde in tam sollempne ferculum habentur ii serpentes, quod faciens fieri convivium unum<sup>9</sup> de istis non habens serpentibus nil facere diceretur. Hæc etiam civitas magnam habet habundantiam omnium victualium quæ sunt in mundo.

30. *De nobili civitate Zayton et de pastu ydolorum.*

De ista contrata recedens et inde transiens per multas terras et civitates, veni ad quamdam nobilem terram nomine Zayton.<sup>10</sup> In qua nos fratres minores habemus duo loca; ad quæ portavi ossa illorum nostrorum fratrum minorum qui passi fuerunt martirium pro fide Jhesu Christi. In hac civitate est copia omnium illorum quæ sunt necessaria humanæ vitæ.<sup>11</sup> Nam tres libræ et octo uncizæ zuchari minori dimidio grosso<sup>12</sup> habentur ibi. Hæc civitas magna est sicut bis esset<sup>13</sup> Bononia. In hac multa sunt monasteria religiosorum qui ydola universaliter adorant. In uno autem istorum monasteriorum ego fui in quo bene erant tria milia religiosorum habentium<sup>14</sup> xi millia ydola;<sup>15</sup> et unum illorum ydolorum quod minus aliis esse videbatur erat bene ita mag-

<sup>1</sup> *Ven.* Conscale; *Ut.* Censeula; *Far.* Censealam; *Hak.* Censkalon, also *Mus. Boll.* Soustalay (probably misread); *Marc.* Censscalan.

<sup>2</sup> *Ven.* quæ est in triplo major Vincencia; *Ut.* as in text; so also *Far.*; and *Mus.*, though in another place.

<sup>3</sup> *Far.* has prope; *Hak.* prope mare cui contiguatur (?); *Mus.* cujus aqua propter mare ita contiguum bene per xii dietas super ipsam terram ascendit. *Boll.* as in text.

<sup>4</sup> *Ven.* Ydola colit.

<sup>5</sup> This last comparison is omitted by *Hak.*

<sup>6</sup> *Boll.* centum libræ.....unc minori grosso Veneto.

<sup>7</sup> *Ven.* in meliori foro; *Hak.* maius forum (probably misread).

<sup>8</sup> *Hak.* et *Mus.* semipedalem.

<sup>9</sup> *Mus.* has unum ad minus (au moins).

<sup>10</sup> *Far.* Caicham; *Mus.* Kaycon; *Hak.* Kaitam; *Boll.* Saiton; *Marc.* Zaitan.

<sup>11</sup> *Hak.* pro lenissimo foro.

<sup>12</sup> *Ut.* minori pretio uno grosso.

<sup>13</sup> *Mus.* ut fideliter assero.

<sup>14</sup> *Boll.* sub curâ suâ.

<sup>15</sup> *Far.* omits the millia.

num esset sicut Sanctus Christophorus. Illâ autem horâ quâ istis diis suis dant ad manducandum ivi ad videndum. Et hii isto modo comedere sibi dant. Omnia quæ illis offerunt comedenda eis calidissima<sup>1</sup> porrigunt, ita quod fumus illorum ascendit ad ydola quem ipsi pro comestione istorum ydolorum esse dicunt, aliud autem totum pro se habent et manducant;<sup>2</sup> et sic isto modo dicunt se bene pascere deos suos.<sup>3</sup> Verumptamen hæc terra de melioribus est quæ hodie sint in mundo; et hoc in iis que posset habere corpus humanum.<sup>4</sup> Multa alia de hac terra dici possent quæ non ulterius modo scribo.

31. *De civitate Fuzo et de mirabilibus modis piscandi.*

De hac contrata veni versus orientem ad unam civitatem quæ vocatur Fucho,<sup>5</sup> quæ bene circuit per xxx miliaria, in qua sunt majores galli qui sunt in mundo. Gallinæ vero<sup>6</sup> sunt albæ ut nix, non habentes pennas sed solum lanam ut pecus sunt portantes. Hæc civitas multum pulchra et sita super mare de quâ recedens ivi xviii dietis transiens per multas terras et civitates, aliaque diversa multa. Dum autem sic irem veni ad unum magnum montem, in unius cujus latere montis, omnia animalia illic habitancia nigra sunt,<sup>7</sup> et homines et mulieres valde estraneum modum vivendi habent. Ab alio autem latere montis omnia animalia alba sunt,<sup>8</sup> hominesque et mulieres ab aliis diversum modum vivendi habent. Omnes mulieres innuptæ unum magnum barile de cornu in capite portant ut cognoscantur quia nuptæ sunt. Hinc transiens per xviii alias dietas et per multas terras et civitates, et veniens ad unum magnum flumen, applicui ad unam civitatem quæ per transversum istud flumen habet unum pontem, in capite cujus in domo cujusdam hospitis fui, qui michi volens complacere dixit: Si tu vis videre bene piscari veni mecum; et sic me duxit super pontem istum. In quo dum sic essem aspexi atque vidi in illis suis barchis<sup>9</sup> mergos<sup>10</sup> super perticas alligatos, quos postea ille homo uno filo ligavit ad gulam ne illi se in aquam submergentes et pisces capientes illos comedere possent.<sup>11</sup> Unde in barcha una posuit tres magnas cistas unam ab uno capite navis, secundam ab alio, tertiam vero posuit in medio. Dum autem sic fecisset illos dissolvit mergos, qui se postea in aquam submergebant, et sic pisces quam plurimos capiebant, quos ipsimet postea in illis cistis ponebant, unde in parvâ horâ omnes illæ cistæ fuerunt plenæ. Ipse autem dum sic plenæ essent a collo eorum filum accipiebat et eos in aqua submergere permittebat, ut inde piscibus pascerentur; cum autem pasti essent ad sua loca revertuntur, et eos ibi ligat sicut prius erant; ego autem de piscibus illis manducavi.<sup>12</sup> Transiens inde per multas dietas alium modum piscandi ego vidi. Nam sunt homines habentes

<sup>1</sup> *Hak.* et *Mus.* et fumigantia.

<sup>2</sup> *Boll.* has sumunt et pro suis usibus reservant.

<sup>3</sup> *Mus.* Et sic de fumo tantum deos suos pascunt.

<sup>4</sup> *Ven.* Et hoc in necessariis corpori humani.

<sup>5</sup> *Ven.* Fuzo; *Far.* Fuc; *Hak.* Fuko; *Mus.* Fuco; *Boll.* Suctio (*misread probably*); *Marc.* Fuzo.

<sup>6</sup> *Boll.* ita magnæ non sunt, sed.

<sup>7</sup> *Hak.* ut carbo; *Bol.* has simply in cujus latere nigra animalia morabantur, ex alio autem latere ejusdem montis animalia sunt alba.

<sup>8</sup> *Hak.* ut nix.

<sup>9</sup> *Hak.* has brachiis (*clearly an error*) and so translated.

<sup>10</sup> *Far.* has smergos.

<sup>11</sup> *Ven.* ne cum pisces cepissent ipsos deglutire possent.

<sup>12</sup> *Hak.* et optimi mihi videbantur.



unam tinam calidâ aquâ plenam in unâ barchâ, qui nudi erant habentes singuli post collum unum saccum, et se submergentes in aquam, pisces manibus capiebant ponentes eos in saccis suis, et cum ascendebant eos in barcha sua ponebant; postea in aquam illam calidam se ponentes,<sup>1</sup> tunc alius ibat faciens sicut primus, et sic isto modo multos pisces capiebant.<sup>2</sup>

### 32. De civitate Cansaiâ quæ maxima est de mundo.

Hinc ego recedens veni ad aliam civitatem nomine Cansaiæ<sup>3</sup> quod idem est quod civitas cœli. Hæc civitas major aliquâ quæ sit in mundo,<sup>4</sup> et bene circuit c miliaria. In ipsa non est spansa<sup>5</sup> terræ que non habitetur bene; et multociens erit domus aliqua quæ bene x vel xii supellectiles<sup>6</sup> habeat.<sup>7</sup> Hæc civitas etiam habet burgia<sup>8</sup> magna habentia majorem gentem quam ipsa civitas tenet. Hæc xii portas [habet] principales, et prope quamlibet illarum portarum ferme ad viii miliaria sunt civitates majores quam essent civitas Venetiarum et Padua, unde bene ibitur sex vel septem dietis per unum illorum burgorum, et tamen videbitur modicum permeasse. Hæc civitas posita est in aquis lacunarum quæ manet et stat, sicut civitas Venetiarum.<sup>9</sup> Ipsa etiam habet plures quam xii millia pontium,<sup>10</sup> in quolibet quorum morantur custodiæ custodientes ipsam civitatem pro magno Cane. A latere hujus civitatis labitur unum flumen juxta quod sita est civitas ista, sicut Ferraria ipsa manet,<sup>11</sup> unde longior est quam lata.<sup>12</sup> De ipsa autem diligenter scivi et quæsi a Christianis Sarracenis ydolatræ cunctisque aliis, qui omnes loquuntur uno ore quod bene centum miliaria circuit. Per dominum etiam unum mandatum habetur; nam quilibet ignis solvit unum balis<sup>13</sup> annuatim ipsi Cane magno id est quinque cartas ad instar bombicis,<sup>14</sup> quæ unum cum dimidio florenum valent. Hunc etiam habent modum; nam bene x vel xii supellectiles<sup>15</sup> faciunt unam ignem, et sic solum pro uno igne solvent; hii autem ignes sunt lxxxv<sup>16</sup> Thuman, cum aliis quatuor Sarracenorum qui constituunt lxxxviii.<sup>17</sup> Unum autem Thuman

<sup>1</sup> *Ven.* ponebant; *Mus.* balnearunt.

<sup>2</sup> *Hak.* quite omits this second fishing story.

<sup>3</sup> *Ven.* Campsay; *Far.* Chansanæ; *Hak.* et *Mus.* Kanasia; *Bol.* Chamsana; *Marc.* Camsaye.

<sup>4</sup> *Boll.* omni aliâ quam conspexi.

<sup>5</sup> *Ven.* Particula; *Far.* non est terra; *Mus.* nec in ea vidi spatium sive placeam vacuum quin bene inhabitaretur.

<sup>6</sup> *Hak.* has imo vidi multos domos habentes x vel xii solaria unum supra aliud, which is enough to condemn the authority of that version; *Mus.* has the same.

<sup>7</sup> *Hak.* et *Mus.* suburbia.

<sup>8</sup> *Bol.* id est familias.

<sup>9</sup> *Hak.* Sita est in aquis quæ semper stant et nec fluunt nec refluxunt; vallum tamen habent propter ventum sicut civitas Venetiarum; *Mus.* to same effect.

<sup>10</sup> *Hak.* decem millia et 2... quorum multos numeravi et transivi; *Mus.* xii millia.

<sup>11</sup> *Ven.* et *Far.* Sicut Ferraria juxta Padum; so *Boll.* also.

<sup>12</sup> *Mus.* Hæc sicut Ferraria ipsa manet nam longior est quam lata.

<sup>13</sup> *Mus.* balistorium.

<sup>14</sup> *Far.* unum balis 15 cartas bombicis; but this should probably be balis i. 5 cartas, etc. (i. for id est), as *Hak.* has it actually.

<sup>15</sup> *Mus.* adds gratuitously id est solaria sive domus.

<sup>16</sup> *Far.* lxxv; *Hak.* as in text.

<sup>17</sup> *Far.* lxxviii; *Hak.* as in text; *Mus.* has viiicv et ixcix, but evidently means 85 and 89.

bene x milia ignium facit. Reliquorum vero alii sunt Christiani, alii mercatores, aliique transeuntes per contratam, unde multum fui miratus quod tot corpora humana poterant habitare simul. In ea est copia magna panis, carniū de porco,<sup>1</sup> et vini, ac risi; quod vinum vigim<sup>2</sup> aliter nominatur, quod etiam potacio nobilis reputatur: omnium etiam aliorum victualium illic copia maxima reperitur.

33. *De quodam mirabili quod vidit Fr. Odoricus in quodam monasterio ydololatrarum.*

Hæc est civitas regalis in quâ rex Manzi olim morabatur. Et in ea quatuor nostri fratres minores<sup>3</sup> unum potentem hominem converterunt, in domo cujus<sup>4</sup> hospitabar, unde mihi aliquando dicebat *Atha*,<sup>5</sup> id est, Pater, vis venire videre terram? Et sibi semel dixi me velle ire, unde ascendimus unam barcham et sic ivimus ad unum magnum illorum monasteriorum quæ ibi erant, ad quod cum ivissemus unum illorum religiosorum vocavit dicens: Vides hunc Raban<sup>6</sup> Franchi (scilicet istum virum religiosum Franch), iste venit inde ubi occidit sol, et nunc vadit Cambaleth,<sup>7</sup> ut roget<sup>8</sup> vitam pro magno Cane. Ideo sibi ostendas aliquid quod ipse videre possit, si hic est mirabile,<sup>9</sup> ut si reverteretur ad suas contratas, dicere possit tale quod novum vidi in Cansai. Tunc iste dixit se libenter velle ostendere sibi aliquid novum. Et tunc iste duos magnos mastellos<sup>11</sup> accepit plenos hiis quæ superfuerunt a mensâ.<sup>12</sup> Et ipse tunc statim<sup>13</sup> aperuit cujusdam viridarii portam per quam intravimus in viridarium illud, nunc autem in eo est quidam monticulus<sup>14</sup> plenus arboribus amœnis; et dum in eo sic essemus, ipse Cimbalum<sup>15</sup> unum accepit, et illud incepit pulsare,<sup>16</sup> ad cujus sonitum multa animalia varia et diversa de illo monticulo descenderunt, sicut nunc essent symiæ, catti, maymones, similiter et multa alia animalia<sup>17</sup> circa ipsum se aptaverunt ad se invicem ordinata. Et cum circa ipsum sic essent posita et ordinata, ipse paropsides<sup>18</sup> posuit ante illa et sicut competebat comedere sibi dabat:<sup>19</sup> hæc autem cum sic comedissent cymbalum pulsare cepit, et ad sua loca revertebantur cuncta. Dum autem sic viderem

<sup>1</sup> *Hak.* et carniū de porco præcipue. *He omits the bigini.*

<sup>2</sup> *This should run as in Ven.* risi et vini, quod vinum bigini aliter nominatur; *Far.* also has it in an unintelligible shape; *Mus.* has carniū porcinatorum vini et risi quod bignii aliter nominatur, de quo nobilis fit potatio inter eos.

<sup>3</sup> *Boll.* has erroneously prædicti.

<sup>4</sup> *Far.* Continue; also *Mus.*; *Hak.* in cujus hospitio continue habitabam dum fui ibi.

<sup>5</sup> *Ven.* Archa; *Far.* Arra; *Hak.* Ara; *Boll.* Ara.

<sup>6</sup> *Ven.* Franchum; *Boll.* has Rabi.

<sup>8</sup> *Hak.* deprecetur.

<sup>7</sup> *Ven.* Cambalech.

<sup>9</sup> *Ven.* omits these four words, as do *Ut.* and the others.

<sup>11</sup> *Boll.* sportas.

<sup>10</sup> *Mus.* Kanasiâ; *Hak.* Canasiâ.

<sup>12</sup> *Hak.* et duxit me ad unam perclusam parvam quam aperuit cum clave, et apparuit viridarium gratiosum, etc.

<sup>13</sup> *Mus.* cum clave.

<sup>14</sup> *Hak.* sicut unum campanile.

<sup>15</sup> *Ven.* Timpanum; *Far.* timbalum; *Boll.* Tintinnabulo.

<sup>16</sup> *Hak.* sicut percutitur quando monachi intrant refectorium.

<sup>17</sup> *Ven.* has here quæ faciem habebant humanam quæ erant circa tria millia quæ circa, etc.; *Far.* animalia habentia faciem hominis; *Mus.* absurdly has cecii millia, probably miscopied for circa iii millia; *Hak.* 4000.

<sup>18</sup> *Ven.* parassides.

<sup>19</sup> *Boll.* Secundum naturæ suæ.....distribuit illis cibum.

ista, multum cœpi ridere,<sup>1</sup> dicens: Qualia sunt ista animalia.<sup>2</sup> Qui respondit: Hæc animalia animæ sunt nobilium virorum quæ nos hic pascimus amore dei.<sup>3</sup> Ei autem sic respondenti, dicens,<sup>4</sup> Hæc animæ non sunt sed solum bestię et animalia ipsa sunt. Michi autem respondebat dicens, Verum non est quod hæc animalia sint, sed solum animæ nobilium sunt istæ, unde unus illorum sicut fuit nobilis homo, sic ejus anima in aliquid istorum animalium nobilium ipsa intrat; animæ vero rusticorum in animalia vilia intrant et habitant. Sic autem isto modo dicere poteram sibi multa quæ tamen aliud nunquam credere volebat.<sup>5</sup> Si quis autem dicere et enarrare hujus civitatis magnitudinem vellet, illiusque magna mirabilia quæ sunt in eâ, unus bonus quaternus stationis hæc talia tenere non posset. Verum ista est nobilior et major civitas pro mercimoniis quam habeat totus mundus.<sup>6</sup>

34. *De civitate Chilenfu, de maximo flumine Talay, et pygmæis.*

De istâ recedens civitate per sex dietas veni ad unam aliam civitatem magnam quæ vocatur Chilenfo;<sup>7</sup> hujus muri civitatis bene per xl miliaria circueunt ipsi. In ista etiam civitate sunt bene tres centi et xl<sup>8</sup> pontes lapidei pulchriores quam totus habeat mundus. In hac civitate fuit prima sedes Regis Manzi in qua ipse morari solebat. Hæc bene habitatur a gente et in ea est ita magnum navigium quod est mirabile valde. Ipsa bene sita est omniumque bonorum copiam habet magnam. Ab hac civitate recedens veni ad quoddam flumen magnum quod vocatur Talay,<sup>9</sup> et est majus flumen quod sit in mundo, nam ubi strictius est bene est latum septem miliaribus. Hoc flumen per mediam terram pigmeorum scilicet vidinnorum<sup>10</sup> transit, quorum civitas vocatur Chathan,<sup>11</sup> quæ de melioribus et pulchrioribus civitas est quæ sint in mundo; hii pigmei sunt magni tribus spansis, qui faciunt magna opera Goton, id est bombicis,<sup>12</sup> quam aliqui homines qui sunt in mundo. Homines autem

<sup>1</sup> *Boll.* illi seni.

<sup>2</sup> *Ven.* has instead Quid hoc indicare vellit; *Mus.* Tunc admiratus quæ essent animalia ista quasi ridendo multum inquisivi; *Boll.* dixi Edissere mihi quid iste significat?

<sup>3</sup> *Hak.* et *Mus.* Dei qui regit orbem.

<sup>4</sup> *For* dixi.

<sup>5</sup> *Hak.* Incepi istam abusionem improbare, sed nihil valuit sibi. Non enim poterat credere quod aliqua anima posset sine corpore manere; *Boll.* has Et licet multa sibi dicerem et prædicarem numquam tamen ipsum ab hæc perfidia potui revocare.

<sup>6</sup> *Hak.* omits this sentence about the city altogether; *Mus.* Si quis ergo mirabilia et mercimonia quæ in eâ sunt dicere et enarrare vellet nemo occidentalis partis mundi credere sibi posset.

<sup>7</sup> So also in *Ven.*; *Ut.* has Chilemphe; *Far.* Chilopho or Chilepho; *Hak.* Chilenzo, but the greater *Museum MS.* has Chilenfo; *Mus.* Chilefu or Chilenfu; *Boll.* Chyleso, bene muratam; *Marc.* Chilenfo.

<sup>8</sup> *Ven.* trecenti et sexaginta; *Far.* iiiielx; *Boll.* only quadraginta.

<sup>9</sup> *Ven.* also has Talay; *Mus.* et *Hak.* Thalay; *Marc.* Talay; *Ut.* Dotalay; *Far.* Thanai; with the following interpolation to justify the blunder, de quo scripsit Isidorus 12<sup>o</sup> libro etymologiarum, a Thano primo rege Sitharum denominatus qui ex nivosis (?) fluviis descendens determinavit Europam ab Asia et est inter ii partes mundi medias currens, atque in Pontum fluens; *Boll.* has Thannay.

<sup>10</sup> *Ven.* omits these two words; *Ut.* has id est biduinorum; *Far.* per medium terram biduinorum; *Mus.* pigmeorum, i.e., vidimiorum; *Marc.* Bidoyni and Biduini.

<sup>11</sup> *Ven.* Cacham; *Ut.* Tachara; *Far.* Cathan; *Hak.* Kakam; *Mus.* Kaycon.

<sup>12</sup> *Hak.* Goton et Bombycinam. Omits all that follows about pigmies.

magni qui ibi sint filios generant qui plus quam pro dimidietate similes illis pigmeis sunt qui sunt ita parvi. Ideoque tot istorum parvorum ibi generantur et nascuntur quod sine numero quasi sunt.<sup>1</sup>

35. *De civitatibus Iamzai et Menzu.*

Dum per istud flumen del Talai sic irem transivi per multas civitates et veni ad unam que vocatur Jamzai,<sup>2</sup> in qua est unus locus nostrorum fratrum minorum. In hac etiam sunt tres ecclesiæ Nestorinorum, scilicet virorum religiosorum:<sup>3</sup> hæc civitas nobilis est et magna, habens bene xlvi<sup>iii</sup> vel lviii tuman ignium, quorum unum quisque tuman bene est x milia. In hac civitate sunt omnia illa quibus vivunt Christiani et sunt in copiâ magnâ.<sup>5</sup> Unde Dominus istius civitatis solum de sale bene habet de redditu quinquaginta milia<sup>6</sup> Tuman balisi. Balisus autem valet unum florenum et dimidium, et ita unum tuman balisi bene constituit quindecim milia florenorum. Verumptamen unam gratiam huic populo fecit Dominus iste. Nam sibi dimittebat ce tuman ne<sup>7</sup> caritatem<sup>8</sup> haberent. Hanc autem consuetudinem habet civitas ista; nam quando unus homo vult facere unum magnum pastum vel convivium suis amicis, ad hoc sunt hospicia deputata; nam illis hominibus qui hoc hospicium tenent dicit ille homo: Tu hospes facias mihi convivium istud pro quibusdam<sup>9</sup> amicis meis, et pro illo volo expendere tantum; sic autem convivium mihi fiet bene et ordinate, et michi melius servietur ibi quam in domo mea propria.<sup>10</sup> Hæc etiam civitas maximum navigium habet, per x miliaria ab ista civitate. In capite istius fluminis magni del Talai una alia civitas est quæ vocatur Menzu:<sup>11</sup> hæc civitas majus navigium et pulchrius habet quam alia civitas quæ forte sit in mundo. Omnes illæ naves albæ sunt ut nix, zesso<sup>12</sup> depictæ. In ipsis etiam sale<sup>13</sup> hospicia multa quæ alia ita pulchra habent et ordinata, sicut unquam in mundo possent, unde est quasi quoddam incredibile audire et videre hujus navigii magnitudinem.

36. *De Flumine Caramoran, et de quibusdam civitatibus.*

Ab ista civitate recedens et transiens per iiii dietas per multas terras et civitates per aquam dulcem, veni ad quamdam civitatem quæ vocatur

<sup>1</sup> *Ven. adds* hi pigmæi formosi sunt tam mares quam feminae per magnitudinem suam, et feminae nubunt in quinto anno; habent autem animam rationalem sicut nos; *Ut. has the same, with* famosi *instead of* formosi.

<sup>2</sup> *Ven. Iamzay; Ut. Jamzai; Far. Iantu; Hak. Ianzu; Mus. Jancus; Boll. Ianzi; Mare. Jamzai.*

<sup>3</sup> *Far. omits* this explanation, which appears to be officious and inaccurate.

<sup>4</sup> *Hak. 48* Thuman *simply; Mus. xlvi<sup>iii</sup> vel l thumam.*

<sup>5</sup> *Hak. omnia* victualia et animalia in magna copia, etc.

<sup>6</sup> Both *Ven. and Far. have* manus, *which seems a mistake; Hak. has* 50 Thuman, *but* 200 *below; Marc. mani di* Thuman balis.

<sup>7</sup> *Ven. Balissius; Far. has* balis *autem* 4 valet, etc.

<sup>8</sup> *Ven. carestiam.*

<sup>9</sup> *Ven. has* pro tot amicis meis.

<sup>10</sup> This is wrong. It should be as in *Ven.*; et melius servitur eis quam in domo propriâ factum esset. *Far. has to this effect also. Hak. has it stupidly* Et per illum modum melius convivant amici in pluribus hospitibus quam facerent in unâ. *Mus. to effect of Ven.*

<sup>11</sup> *Far. Menchu; Hak. Montu; Mus. Mencu; Boll. Mensy; Marc. Menzu.*

<sup>12</sup> *Ven. gippo.*

<sup>13</sup> Both *Ven. et Far. have* this sale, *which I do not understand. If* salæ *for Halls, it should apparently have been* salas. *Marc. has* in quelle vi sono le sale, alberghi e molte altre cose, etc.

<sup>14</sup> *Ven. viii; Far. octo, and so the others.*

Lenzin:<sup>1</sup> hæc civitas super posita est unum flumen quod vocatur Caramoram;<sup>2</sup> hoc flumen per medium Cathaii transit, cui magnum dampnum infert quando rumpit, sicut est Padus transiens per Ferrariam.<sup>3</sup> Dum sic irem per flumen istud versus orientem, multis dietis transiens per terras multas et civitates veni ad civitatem unam quæ vocatur Suzumato.<sup>4</sup> Hæc civitas habet majorem habundantiam serici quam forte aliqua terra de mundo, nam quando ibi major caritudo serici possit esse, bene tamen xl libræ habentur minori viii solidorum grossorum.<sup>5</sup> In ea etiam est magna copia omnium mercimoniorum, similiter etiam panis,<sup>6</sup> omniumque aliorum bonorum.

37. *De civitatibus magnis Cambalec atque Taydo, et de Palatio Canis.*

Tunc de ista civitate recedens, transiens per multas civitates et terras versus orientem, veni ad illam<sup>7</sup> nobilem civitatem Cambalec: hæc civitas multum est vetus et antiqua, quæ est [in] illa provincia Cathaii. Hanc ceperunt Tartari, juxta quam ad dimidium miliare unam aliam civitatem fecerunt nomine Caydo;<sup>8</sup> hæc xii portas habet, intra quamlibet quarum sunt duo miliaria magna, unde in<sup>9</sup> utramque civitatem bene habitatur<sup>10</sup> et circuitus istarum duarum civitatum plura ambit quam xl miliaria. In hæc civitate, Canis<sup>11</sup> ille magnus suam sedem habet, ubi etiam unum palatium suum magnum habet, cujus muri<sup>12</sup> bene per quatuor miliaria circueunt. Intra quod spatium multa alia pulchra palatia<sup>14</sup> sunt. In curtivo hujus palatii magni factus est mons unus, in quo edificatum est unum palatium aliud quod est pulcherrimum de mundo. Hic etiam mons arboribus est plantatus, propter quod Mons Viridis nominatur. A latere montis hujus factus est unus magnus lacus, per transversum cujus unus pons pulcherrimus factus est. In isto lacu tot sunt anseres silvestres, anathes, et Cesenæ<sup>15</sup> quod valde mirabile est, unde quando vult venari non oportet eum domum exire pro venatione, cum illa sit in domo. In hoc etiam palatio sunt viridaria plena diversis generibus bestiarum, quas quantumque vult ipse venari potest absque hoc quod extra domum vadat. Palatium autem ipsum in quo sedes sua est multum magnum et pulchrum est, cujus terra duobus passibus elevata est. Ipsum interius habet xxiii<sup>16</sup> columpnas de auro. Omnes muri ejus cooperti sunt pellibus rubeis, de quibus dicitur quod

<sup>1</sup> *Far.* Lencim; *Hak.* et *Mus.* Lencyn; *Boll.* Lensium; *Marc.* Lenzin.

<sup>2</sup> *Ven.*, *Hak.* Caramoran; *Far.* Tharamoram; *Boll.* Tharamorim; *Marc.* Caramoram.

<sup>3</sup> *Ven.* Dum rumpitur sicut facit Padus Ferrariæ.

<sup>4</sup> *Far.* et *Boll.* Sucumat; *Hak.* Sumacoto; *Mus.* Sumakoto; *Marc.* Suzumato.

<sup>5</sup> *Ven.* viii grossorum *simply*. So *Far.* *Boll.* octo solidis grossorum minorum.

<sup>6</sup> *Far.* vini; *Hak.* panis vini carniū piscium et omnium specierum electarum. *Nearly so also in Mus.*

<sup>7</sup> *Mus.* nominatam et nobilem.

<sup>8</sup> *Ven.* Taydo; *Far.* et *Hak.* Caido; *Mus.* Taydo; *Boll.* Thayde; *Marc.* Taydo.

<sup>9</sup> *Ven.* et inter, *instead of* unde in, *and Mus.*

<sup>10</sup> *Hak.* ita quod faciunt quasi unam civitatem.

<sup>11</sup> *Boll.* *incorrectly* et numquam civitas bene per homines habitatur.

<sup>12</sup> *Ven.* Chaam.

<sup>13</sup> *Boll.* cujus muri per quadrum se extendunt.

<sup>14</sup> *Hak.* et *Mus.* dominorum de familiâ suâ.

<sup>15</sup> *Ven.* Cesani; *Far.* Cesenæ; *Hak.* has only anserum silvestrium; *Mus.* anserum, anatum et omnium aliarum avium aquaticarum; *Marc.* has Cesani.

<sup>16</sup> *Hak.* 14.

nobiliores pelles sunt quæ sint in mundo. In medio autem palatio est una magna pingua<sup>1</sup> alta passibus pluribus quam duobus, quæ tota est de uno lapide precioso, nomine merdatas.<sup>2</sup> Ipsa etiam tota est auro ligata et in quolibet angulo ipsius est unus serpens qui verberat os fortissime, hæc etiam pinona retia habet de perlis magnis quæ pendent ab eâ, que retia forte sunt lata una spansa. Per pignam hanc defertur potus per conductus qui in curiâ regis habetur.<sup>3</sup> Juxta hanc etiam pignam manent multa vasa aurea, cum quibus omnes volentes bibere bibunt. In ipso autem palatio sunt multi pavones de auro. Cum aliquis Tartarus aliquod festum vult facere domino suo, tunc sic sunt percutientes ad invicem manus suas; tunc hii pavones suas alas emittunt et ipsi tripudiare videntur. Hoc autem fit vel arte dyabolica vel ingenio quodam sub terra fit.<sup>4</sup>

### 38. *De curiâ Domini Canis.*

Quum ipse dominus super suam sedem sedet imperialem a sinistro latere manet regina, et uno gradu inferius duæ aliæ morantur mulieres quas ipse tenet;<sup>5</sup> in infimo autem cunctæ dominæ parentelæ. Omnes illæ quæ nuptæ sunt unum pedem hominis super caput habent, longum bene brachium cum dimidio; subter illo pede sunt pennæ gruis in summitate, et totus ille pes est ornatus perlis magnis, unde si perlæ magnæ in mundo sunt et pulchræ hæc ita sunt in ornamentum istarum dominarum.<sup>6</sup> A latere autem dextro ipsius regis moratur ejus filius primogenitus, qui post ipsum regnare debet; inferius autem ab istis morantur omnes illi qui sunt de sanguine regio. Illic etiam quatuor sunt scriptores scribentes omnia verba quæ dicit ipse rex. Ante cujus conspectum stant barones sui multique alii innumerabiles, nullus quorum loqui auderet ullo modo nisi a magno domino peteretur, istis etiam hystrionibus exceptis, qui suum dominum vellent lætificare. Hii tamen hystriones nil aliud facere audent nisi secundum quod rex ipse legem imposuit eis. Ante portas ipsius palatii stant barones custodientes et videntes ne aliquid limen<sup>8</sup> hostii tangat, quod si aliquis faciens reperiretur ipsi eum acriter verberarent.<sup>9</sup> Cum autem dominus iste magnus aliquid convivium facere fieri vult, secum habet xiiii milia barones<sup>10</sup> cum coronis in capite sibi in convivio servientes, et quilibet vestem talem<sup>11</sup> habet in dorso, quod solum perlæ quæ ibi sunt super qualibet veste valent plus quam xv milia florenorum. Curia ipsius optime ordinata est videlicet per denarium<sup>12</sup> centenarium et millenarium, unde omnes inter se taliter sunt ordinati et sibi invicem respondententes, quod de officiis suis, nec de aliquo alio nunquam defectus aliquis invenitur. Ego frater Odoricus ibi fui bene tribus annis in hac sua civitate et multotiens in istis suis festis presens fui, nam nos fratres minores in hac curiâ suâ habemus

<sup>1</sup> *Ven.* pigna.

<sup>2</sup> *Ven.* Merdacas; *Far.* Merdatas; *Hak.* Merdochas; *Marc.* Merdacas.

<sup>3</sup> *Ven.*, *Far.* habentur.

<sup>4</sup> *Hak.* arte magicâ vel aliquâ cautelâ subterraneâ; *Mus.* nearly so.

<sup>5</sup> *Hak.* et *Mus.* pro se quando non potest ad reginam accedere.

<sup>6</sup> *Hak.* omits this sentence.

<sup>7</sup> *Ven.* better tamen; *Hak.* et *Mus.* exceptis fatuis et histrionibus.

<sup>8</sup> *Far.* limitem.

<sup>9</sup> *Hak.* omits quod.....verberarent.

<sup>10</sup> *Hak.* portantes circulos et coronulas.

<sup>11</sup> *Mus.* talari veste.

<sup>12</sup> *Ven.* decenarium.

<sup>13</sup> *Far.* has only videlicet per C. This MS. (or the transcript furnished) would be unintelligible in many places without collation.

locum deputatum, et nos semper sic oportet ire<sup>1</sup> et dare sibi benedictionem nostram, unde diligenter petii et inquisivi a Christianis, Sarracenis cunctisque ydolatriis a nostris etiam conversis ad fidem,<sup>2</sup> qui in illa curia magni sunt barones aspicientes solum ad personam regis, et hii omnes uno ore loquuntur dicentes quod solum hystriones sui sunt bene tredecim tuman,<sup>3</sup> unum quorum bene x milia constituit hystrionum; alii autem custodientes canes, bestias silvestres, et aves bene sunt [...] tuman.<sup>4</sup> Medici vero qui custodiunt personam regis sunt ydolatræ numero quadringenti,<sup>5</sup> Christiani autem viii, et unus Sarracenus: hii omnes totum illud habent quod est sibi necessarium a curiâ regis. Ejus autem reliqua sua familia ibi sine numero possidetur.

### 39. *De itinere Domini Canis.*

Dominus vero ille in estate moratur in quadam terra quæ vocatur Zandu,<sup>6</sup> posita sub tramontana et frigidior habitabilis que hodie sit in mundo, in hyeme vero in Cambalec ipse manet.<sup>7</sup> Et cum vult ab unâ terrâ ad aliam equitare, hunc modum ipse tenet. Nam quatuor exercitus equitum ipse habet, quorum unus dietâ unâ ipsum antecedit, secundus aliâ dietâ, tertius similiter, et quartus; ita quod semper in medio vadit in modum crucis.<sup>8</sup> Cum autem sic vadunt omnes habent suas dietas ordinatas, unde omnia illa ibi inveniunt quæ sibi sunt necessaria ad comedendum. Gens vero quæ vadit cum eo ambulat isto modo; nam rex ille super uno curru a duabus rotis vadit, in quo facta est una pulcherrima sala,<sup>9</sup> tota de lignis aloe et auro ornata, insuper perlis<sup>10</sup> magnis et pulchris et multis lapidibus preciosis; quatuorque elephantibus bene ordinati et parati ducunt istum currum, quem etiam et quatuor equi pulcherrimi<sup>11</sup> bene cooperti insuper sunt ducentes. Et juxta quem et quatuor barones qui vocantur Zuche vadunt custodientes et tenentes currum ne aliquis offenderet currum ne aliquid offenderet istum regem. Insuper et secum super currum portat xii<sup>13</sup> zirifalcos, quos dum sic sedet in curru super cathedra sua vel sede et videt aliquas volantes aves post eas ab ire permittit. Et ad unius lapidis jactum nullus curruî audet appropinquare nisi illi qui ad hoc sunt specialiter deputati. Unde sicut iste rex magnus vadit, sic et in gradu suo suæ vadunt mulieres isto modo; quod et suus primogenitus tenet et observat, unde quasi incredibile esset illam gentem ymaginari quam dominus iste habet. Exercitus autem illi qui ipsum dominum attendunt<sup>14</sup> quingenti<sup>15</sup> thuman habentes illa a domino quæ sibi sunt necessaria integraliter et complete. Et si aliquem istorum mori contingerit qui de numero computatur alius statim ponitur loco sui unde numerus semper manet.

<sup>1</sup> *Boll.* primos procedere.

<sup>2</sup> *Boll.* has idololatriis non modo ab illis qui *per me* ad fidem Christi conversi sunt, etc., *which look as if it had been tampered with.*

<sup>3</sup> *Far.* 12 tuman; *Hak.* 18 thuman; *Mus.* xiii; *Marc.* xiv.

<sup>4</sup> *Ven., Far.* xv tuman; *Marc.* xv.

<sup>5</sup> *Mus.* cccii.

<sup>6</sup> *Ven.* Sanday; *Ut.* Sanay; *Far.* Sandu; *Mus.* Sandu; *Marc.* Sandu.

<sup>7</sup> *From* Dominus vero *is omitted by Hak.*

<sup>8</sup> *Far.* in modum gradus (in *échellon*). <sup>9</sup> *Hak.* Sella.

<sup>10</sup> *Ut.* pellibus.

<sup>11</sup> *Hak.* has altissimi (albissimi?).

<sup>12</sup> *Far.* Cuthe.

<sup>13</sup> *Hak.* duo et albissimi. *The latter also in Mus.*

<sup>14</sup> *Ven.* antecedunt.

<sup>15</sup> *Ut.* 1; *Far.* vc; *Hak.* xv Thuman.

40. *De imperio Magni Canis et de hospitibus in eo, et de modo expediendi nova ad Dominum.*

Hoc imperium ipse in xii partes condidit (?)<sup>1</sup> quælibet quarum Syno<sup>2</sup> xii nominatæ. Una autem istarum partium est illud Manzi, quod sub se habet duo millia magnarum civitatum. Unde tam magnum est illud suum imperium quod [si] unus pedes per quamcumque partem ipsius vellet ire in sex<sup>3</sup> mensibus haberet satis, sine tamen insulis quæ sunt bene v milia quæ etiam in numerum non ponuntur.<sup>4</sup> Et ut trans-euntes suis possint necessitatibus subvenire per totum regnum suum facit hospicia preparari sicut domos et curtiva quæ domus *Yam*<sup>5</sup> vocantur. In istis autem domibus sic paratis sunt omnia illa quæ sunt necessaria humanæ vitæ. Cum autem novitas aliqua in suo habetur imperio statim ambaxiatores sui ad ipsum super equos velociter currunt. Si autem negotium arduum nimis esset et periculosum, super dromedarios ipsi ascendunt. Et cum ad ista *Yam*, scilicet hospicia sive domos, incipiunt appropinquare, pulsant unum cornu, ad cuius sonitum hospes illius hospitii unum hominem facit velociter preparari, cui ille qui ita velociter venit ad domum illam illam litteram representat quam portavit; et sic iste qui nuper venit ut reficiatur in illa domo manet. Tunc ille qui litteram jam recepit usque ad aliam *Yam*, scilicet usque ad aliam domum, properat festinanter. Et iste secundus eodem modo facit quo fecit ille primus. Sic per istum modum in una naturali die unum novum xxx dietarum ille recipit imperator.<sup>6</sup> Illic etiam alius modus mittendi pedites observatur. Nam aliqui ordinati cursores in domibus quæ *Chidebo*<sup>7</sup> nominantur assidue commorantur, habentes cingulum unum circum circa nolarum seu sonaglorum.<sup>8</sup> Harum domorum una distat ab alia miliaribus forte tribus. Cum autem ad illam domum appropinquat istas duas<sup>9</sup> nolas seu sonaglos incipit pulsare fortiter ac valenter; tunc autem ille alius qui est in domo se velociter parat et ad domum vadit quam citius ipse potest. Sic et isto modo, hoc idem et alii cursores tenent et observant donec deventum est ad ipsum Magnum Canem unde in imperio suo [nihil] breviter fieri potest, quin statim vel cito multa penitus ipse sciat.<sup>10</sup>

41. *De Venatione Magni Canis.*

Cum ille Canis Magnus ad venandum vadit hunc modum in se habet. Nam extra *Cambalec* ad xx dietas est unum pulcherrimum nemus,<sup>11</sup> viii<sup>12</sup> dietarum per circuitum, in quo tot animalium genera sunt diversa quod valde mirabile est. Circa ipsum nemus positi sunt aliqui pro Magno Cane, qui ipsum custodiunt diligenter. In fine autem trium vel quatuor annorum ad nemus cum gente sua vadit. Cum autem pervenit illic ipse circumdat totum sua gente et in ipsum permittunt

<sup>1</sup> *Ven.* Dominus dividit.

<sup>2</sup> *Ven.* Singo; not in the other copies collated, except *Ut.*, which has Signo.

<sup>3</sup> *Mus.* v.

<sup>4</sup> All this is much abridged in *Hak.*

<sup>5</sup> *Ven.* Iam.

<sup>6</sup> *Ven.* has nova dietarum trium only; *Far.* has xxx; and *Hak.*, *Mus.* xx;

*Marc.* xxx.

<sup>7</sup> *Ut.* Chidebeo.

<sup>8</sup> *Ven.* nolis, i.e., sonalis plenum; *Mus.*

sive nolis.

<sup>9</sup> Should be suas.

<sup>10</sup> *Hak.* greatly abridges all this again.

<sup>11</sup> *Hak.* una foresta.

<sup>12</sup> *Far.* vi, also *Hak.* and *Mus.*



canes intrare et aves assuetas post illos emittunt. Et ipsi ad invicem pressi vadunt reducendo illa silvestria ad unam pulcherrimam quæ in medio nemoris habetur planiciem, et sic in ea congregatur bestiarum silvestrium maxima multitudo, sicut sunt<sup>1</sup> leones, cervi, multa que alia tam varia quam diversa, quod ibi videtur maximus esse stupor. Unde tantus est rumor atque clamor avium et canum quos in illud nemus emiserunt quod unus non intelligit alterum; et cuncta illa silvestria tremunt clamore illo magno. Dum autem hæc silvestria sic sunt in illa planicie congregata, tunc Magnus Canis ascendit<sup>2</sup> super tres elephantes, et in illa silvestria quinque sagittas jacit, quas cum ejecerit tota societas sua hoc idem similiter facit. Et cum omnes suas jecerunt sagittas, quarum quælibet suum signum habet per quod una ab alia cognoscatur, tunc ille imperator magnus vocari facit *Syo*, id est immani (?) bestiis illis<sup>3</sup> quas de nemore pepulerunt.<sup>4</sup> Et statim bestię illæ silvestres quæ ibi vivæ sunt demissæ intrant nemus. Ad alias autem interfectas cuncti barones accedunt accipientes sagittas, quas post illas emiserunt, nam eas bene cognoscunt cum illi inposuerunt sibi signum, unde unusquisque aliud silvestre habet quod sua percussit sagitta. Sic isto modo fit venacio sua.<sup>5</sup>

42. *De quatuor festis quæ tenet Canis Magnus.*

Quatuor magna festa in anno iste facit imperator; scilicet, festum Circumcisionis, ejusque Nativitatis diem,<sup>6</sup> et sic de reliquis. Ad hæc festa convocat omnes barones hystriones omnesque de suâ parentelâ qui omnes ordinate ponuntur in festo. Maxime autem convocat omnes istos ad duo festa de istis, scilicet, ad festum Circumcisionis et ad festum diei Nativitatis suæ. Cum ad aliquod festum istorum sunt isti convocati, tunc accedunt barones cum coronis in capite ipso, imperatore in sua sede residente, sicut superius dictum est; et omnes barones in locis suis deputatis ordinate morantur. Diversimode autem isti sunt barones vestiti. Nam aliqui sunt vestiti de viridi,<sup>7</sup> scilicet primi; secundi de sanguineo sunt induti; tercii vero de glauco sen zamno<sup>8</sup> sunt vestiti. Omnes isti sunt in capite coronati, habentes in manu unam tabulam de dentibus elephantum albam, et singulos circulos aureos, bene uno semisse altos,<sup>9</sup> stantesque in pedibus et silencium observantes. Circa istos morantur hystriones cum suis insignis et banderiis. In uno autem angulo cujusdam palatii magni manent philosophi omnes aspicientes et accedentes ad certas horas et puncta. Et cum occurrerit punctum vel hora quam ipsi philosophi petunt, unus clamat valenter et dicit, Debeat is inclinare nostro imperatori domino magno. Tunc omnes barones ter de capite dant in terra. Deinde ille idem exclamabit dicens, Vos surgite cuncti. Et statim ipsi surgunt. Ad alia etiam puncta iterum ipsi attendunt. Cum venit punctum, iterum ille clamabit dicens, Ponite vobis in auriculam digitum. Et faciunt. Et tunc statim dicet, Extrahite. Et obediunt iterum. Sicque modicum stabunt et dicent, Buratate farinam:<sup>10</sup>

<sup>1</sup> *Far.* boves silvestres; *Ven.* ursi.

<sup>2</sup> *Ven.* has better accedit.

<sup>3</sup> *Ven.* Scio, id est misericordiam bestiis illis, &c. So in *Far. Marc.* Syon.

<sup>4</sup> *Far.* repulerunt.

<sup>5</sup> All much more concise in *Hak.* and *Mus.*

<sup>6</sup> *Hak.* et *Mus.* coronationis et desponsationis.

<sup>7</sup> *Ven.* de serico; *Ut.* de serico viridi.

<sup>8</sup> *Ven.* zauno; *Far.* has tertii de croco; *Hak.* et *Mus.* de croceo.

<sup>9</sup> *Ven.* latos.

<sup>10</sup> *Far.* omits this.

sic et multa alia signa faciunt isti quæ magnam significationem dicunt importare.<sup>1</sup> Deinde sunt officiales multi inquirentes et videntes cunctos barones et hystriones, ne aliquis illorum deficiat. Nam si aliquis ibi deficeret, magnam incurreret pœnam cum autem occurrit punctum et hora istorum hystrionum. Tunc philosophi dicunt facite festum domino. Tunc statim omnes incipiunt pulsare omnia instrumenta sua, et tantus est ille cantus et clamor quod est quasi stupor unus. Deinde vox una clamat dicens, Taceant omnes et sileant! Sic statim omnes tacebunt.<sup>2</sup> Post hæc statim illi de parentela sunt parati cum equis albis. Exinde vox una clamabit dicens, talis de tali parentela, tot centenaria paret equorum domino suo! Ibique statim aliqui sunt parati, ducentes illos equos per ante domum suam,<sup>3</sup> ita quod quoddam incredibile est de tot equis albis qui illi domino exenniantur. Deinde sunt barones exennia<sup>4</sup> portantes ex parte aliorum baronum, omnes etiam de monasteriis principales ad ipsum accedunt cum exenniis et suam benedictionem sibi tenentur dare; hoc idem facere nos omnes.<sup>5</sup> Hoc facto et ordinato, tunc aliqui hystriones ad ipsum accedunt, et etiam aliquæ hystrionatrices ante ipsum tam dulciter cantant quod quædam magna jocunditas est audire. Deinde hystriones faciunt venire leones qui reverentiam faciunt ipsi imperatori. Deinde hystriones vehi faciunt ciphos aureos per aerem plenos bono vino et ad ora omnium volentium bibere de isto vino porrigunt istos cyphos. Sic hæc et multa alia coram isto domino fiunt. Dicere autem et referre magnitudinem istius domini et illa quæ in curia sua fiunt esset incredibile quoddam nisi ista oculis viderentur. De hoc tamen quod multas expensas facit nemo mirari debet, cum nichil aliud pro moneta expendatur in toto suo regno quam quædam cartæ<sup>6</sup> quæ pro monetâ reputantur ibi, et infinitus thezaurus ad suas recurrit manus.<sup>7</sup>

43. *De pepone in quo invenitur bestiola ad modum agni.*

Aliud insuper mirabile valde dici potest, quod tamen non vidi sed illud a personis fide dignis audiui. Nam dicitur quod Caoli<sup>8</sup> est unum regnum magnum in quo sunt montes qui montes Caspei vocantur.<sup>9</sup> Unde in eis ut dicitur nascuntur pepones<sup>10</sup> valde magni qui quando sunt maturi ipsi aperiuntur et invenitur una bestiola ad modum unius agni parvi unde ipsi illos pepones habent et illas carniculas quæ sunt ibi.<sup>11</sup> Et quamquam

<sup>1</sup> *Hak.* et *Mus.* quæ scribere nolui quia vana sunt et risu digna.

<sup>2</sup> *Ven.* omits this last sentence; and *Hak.* alone adds: Tunc accedunt hystrionices ante dominum dulciter modulantes quod mihi plus placuit.

<sup>3</sup> So in *Ven.* with dicentes for ducentes; *Ut.* has dicentes illos equos parasse domino suo.

<sup>4</sup> Exennia=Xenia.

<sup>5</sup> *Ven.*, *Mus.* nos fratres minores facere oportet. *The omnes in the text is probably miscopied for oportet.*

<sup>6</sup> *Far.* cartæ confectæ corticibus morariorum, quæ, etc.

<sup>7</sup> *Far.* unde sicut dixi ve (for v) cartæ quæ constituunt unum balis, ballis unum florenum cum dimidio.

<sup>8</sup> *Far.* adds: Cum autem moritur iste Canis omnes Tartari adorant ipsum pro deo.

<sup>9</sup> *Ven.* Cadeli; *Ut.* Cadellis; *Far.* et *Marc.* Caoli; *Mus.* Kaloy.

<sup>10</sup> *Ven.* melones.

<sup>11</sup> *Hak.* in uno regno istius Canis in quo sunt montes Kapsei et dicitur illud regnum Kalor.

<sup>12</sup> *Far.* has et illac carunculæ pro nobilissimo ferculo reputantur.

illud forte aliquibus incredibile videatur tamen ita potest esse verum, sicut dicitur quod in hiberniâ sunt arbores aves facientes.<sup>1</sup>

44. *De regionibus diversis.*

De isto Cataio recedens<sup>2</sup> et veniens versus occidentem, L.<sup>3</sup> dietis transeundo per multas civitates et terras, veni versus terram Pretozoan,<sup>4</sup> de quo non est centesima pars ejus quod quasi pro certo de ipso dicitur. Ejus civitas principalis Chosan<sup>5</sup> vocatur [. . .] sua civitas principalis<sup>6</sup> multas tamen alias civitates sub se habet. Sed semper pro pacto accipit in uxorem filiam magni Canis. Deinde veni per multas dietas et deveni in unam provinciam quæ vocatur Casan.<sup>7</sup> Ista est secunda melior provincia et melius habitata quam aliqua quæ sit in mundo;<sup>8</sup> ubi autem est minus stricta,<sup>9</sup> bene tamen est lata l. dietis, et longa pluribus lx, unde ista provincia taliter habitatur quod quando ab una porta alicujus civitatis exitur portæ alterius civitatis videntur.<sup>10</sup> In hac est magna copia victualium, maxime autem castaneorum. In hâc autem contratâ vel provinciâ nascitur malus barbarus,<sup>12</sup> cujus tanta copia habetur illic quod unus asinus minori sex grossis ponderaretur. Hæc autem provincia est una de xii partibus imperii magni Canis.

45. *De regno Tybot, ubi est Papa ydolatorum.*

De hâc provinciâ recedens veni ad unum magnum regnum nomine Tybot<sup>13</sup> quod ipsi Indiæ est confine. Totum hoc regnum est subjectum magno Cani,<sup>14</sup> et in ipso est major copia panis et vini quam sit in mundo. Gens istius contratæ moratur in tentoriis quæ ex<sup>15</sup> feltris sunt facta nigris. Tota civitas sua regalis et principalis est facta ex muris<sup>16</sup> albis et nigris, omnesque suæ viæ sunt optime scelatæ.<sup>17</sup> In hâc civitate non audet aliquis effundere sanguinem alicujus hominis vel animalis;

<sup>1</sup> *Far. adds* Nam in Hiberniâ sunt arbores super aquam quarum folia statim ut cadunt in ipsam aquam mutantur in aves. *Hak.* Sicut audiivi quod in mari Hibernico stant arbores supra ripam maris et portant fructum sicut essent cucurbitæ, quæ certo tempore cadunt in aquam et fiunt aves vocatæ Bernakles et illud est verum. *To which adds Mus.:* Hoc cuilibet Hibernicam legenti historiam satis patet.

<sup>2</sup> *Hak.* post tres annos.

<sup>3</sup> *Mus.* dietis pluribus.

<sup>4</sup> *Ven., Far.* Pretezoan; *Mus. et Hak.* Pretegoani; *Marc.* Pretegianni.

<sup>5</sup> *Boll.* Tozan, quæ sola de melioribus est in terrâ; *Far.* Cosan; *Hak. et Mus.* Kosan; *Marc.* Chosan.

<sup>6</sup> *Read as in Ven.* quâ tamen Vicencia melior diceretur licet ipsa sit sua civitas principalis.

<sup>7</sup> *Ven.* Chasan; *Ut.* Cassan; *Far.* Consan; *Mus.* Chosan; *Hak.* Kasan; *Boll.* Kansan; *Marc.* Casan.

<sup>8</sup> *Mus. et spissius* ut dicitur civitatibus ornata.

<sup>9</sup> So most MSS. But *Marc. which has* dov' ella è più stretta *seems best.* So also *Ram.* *It should be* magis stricta.

<sup>10</sup> *Hak.* Sicut egomet vidi de multis.

<sup>11</sup> *Ven.* reubarbarum; *Far.* as in text; also *Mus. Marc.* reobarbaro.

<sup>12</sup> *Ven.* Tibot; *Mus.* Tybek; *Hak.* Tibek; *Boll.* Tibet; *Marc.* Tibot.

<sup>13</sup> *Boll.* contiguum est.

<sup>14</sup> *Ven.* Cahaam.

<sup>15</sup> *Mus. et Boll.* magnis, *the latter has not* nigris.

<sup>16</sup> *Mus. ex lapidibus albis et nigris* ut scaccarium dispositis et curicose compositis pulcherrime est murata. *Hak.* to like effect.

<sup>17</sup> *Ven.* Sillexatæ; *Far.* Salizate; *Mus. et Hak.* pavati; *Marc.* has mattonate *in Italian.*

Et hoc ob reverentiam unius ydoli quod ibi colitur et adoratur. In istâ civitate moratur Lo Abassi,<sup>1</sup> id est Papa in linguâ suâ. Iste est caput omnium ydolatorum,<sup>2</sup> quibus dat et distribuit secundum morem suum omnia illa beneficia quæ ipsi habent. Hoc regnum hanc consuetudinem habet. Nam mulieres portant plus quam centum tricâs seu dresas, habentes duos dentes ita longos<sup>3</sup> sicut habent apri sive porci silvestres. Hæc etiam alia consuetudo habetur in hâc contratâ. Nam ponatur quod pater alicujus moriatur, et tunc filius ipse sic dicet, Volo honorare patrem meum. Unde faciet convocari omnes sacerdotes, religiosos, omnesque hystriones de contratâ vicinos, similiter et parentes, qui ad campaneam<sup>4</sup> ipsum portant cum gaudio magno, ubi habent paratum unum discum magnum super quo ipsi sacerdotes sibi caput amputabunt, quod postea filio suo ipsi dabunt. Deinde ejus filius cum sua tota societate cantat et pro eo multas orationes facit. Exinde sacerdotes totum corpus ejus incidunt in frusta quod cum sic fecerunt tunc sursum se reducunt cum societate pro eo orationes facientes. Post hæc veniunt aquilæ et vultures de montibus et sic unusquisque suum frustum accipit et asportat. Deinde omnes altâ voce clamant dicentes: Audias<sup>5</sup> qualis homo iste fuit quia ipse sanctus est; nam veniunt angeli Dei et ipsum portant ad paradysum! Sic isto modo faciendo filius ejus multum reputat se honoratum. Cum pater ejus ab angelis Dei, silicet, ab avibus illis ita honorifice sit portatus, tunc statim filius caput patris accipit, quod coquit et comedit. De testâ autem<sup>6</sup> seu osse capitis sibi fieri facit unum ciphum cum quo ipse et omnes de domo sua semper cum devotione bibunt, et in memoriam patris sui defuncti.<sup>7</sup> Nam sic faciendo, ut dicunt, reverentiam magnam exhibent patri suo; unde multa alia inconsueta et dissoluta fiunt ab istis.<sup>8</sup>

46. *De Divite qui pascitur a L Virginibus.*

Dum autem essem in prozincia Manzi veni per juxta pedem palacii cujusdam hominis popularis cujus vita per hunc habetur modum. Ipse enim habet L<sup>9</sup> domicellas virgines sibi continue servientes. Et cum vadit ad comedendum et in mensa jam sedet omnia fercula quaterna et quinternâ<sup>10</sup> sibi portantur ab ipsis cum diversis cantibus et multis generibus musicorum, et sibi cibum in os ponunt sicut si esset unus passerinus<sup>11</sup> et insuper ante ejus conspectum continue cantatur, donec omnia fercula sunt comesta. Deinde alia quinque fercula ab aliis portantur et recedentibus istis primis cum aliis multis cantibus et diversis generibus musicorum. Sic isto modo ducit vitam suam dum est in mundo,<sup>12</sup> hic xxx *tuman tagaris* risi de reddito habet, quorum quodlibet *tuman* x milia facit; unum autem *tagar* pondus est unius asini magni.

<sup>1</sup> *Ven. the same; Ut. lo albaſi; Far., Mus. et Hak. abassi; Boll. abbassi; Marc. lo abiss.*

<sup>2</sup> *Mus. et Hak. sicut noster papa est caput omnium Christianorum.*

<sup>3</sup> *Ven., Far. et Mus. in ore; Far. sicut habent porci.*

<sup>4</sup> *Mus. et Hak. campum.*

<sup>5</sup> *Videatis.*

<sup>6</sup> *Mus. id est de crepâ (?)*

<sup>7</sup> *Hak. with a touch of humour has comesti.*

<sup>8</sup> *Hak. Et multa vilia et abhominabilia facit gens illa quæ non scribo, quia non valent, nec homines crederent nisi viderent.*

<sup>9</sup> *Far. 40.*

<sup>10</sup> *Far. quinternâ et quinternâ.*

<sup>11</sup> *Ven. avicula quædam; Hak. pascentes cum sicut avis aviculas, et habet semper 5 fercula triplicata, etc.*

<sup>12</sup> *Ven. donec vixerit vitam suam; Mus. et sic hoc modo ducit in hoc seculo vitam suam.*

Curtivum palatii sui per duo miliaria tenet; palatium autem illud in quo ipse moratur est factum per istum modum; nam pavementum<sup>1</sup> ipsius unum laterem habet de auro alterum de argento. In curtivo istius palatii factus est unus monticulus de auro et argento, super quo facta sunt etiam monasteria et campanilia, ut homines fieri faciunt pro delectacionibus suis. Unde dicitur quod quatuor tales homines qualis iste est sunt in regno ipsius<sup>2</sup> Manzi. Nobilitas vero ipsius est habere ungues longas, et in tantum aliqui crescere permittunt ungues pollicis, quod cum ipsis circumdant sibi manus. Pulchritudo autem mulierum est parvos habere pedes. Unde hanc consuetudinem habent matres illarum mulierum, nam quando eis nascuntur aliquæ puellæ sibi ligant pedes quos nunquam crescere vel modicum dimittunt illis.

47. *De morte Senis de Monte.*

Dum autem recederem de terris Pretezoan,<sup>3</sup> veniens versus occidentem applicui ad quamdam contratam quæ Millestorte<sup>4</sup> nominatur. Hæc contrata pulchra est et multum fertilis.<sup>5</sup> In hac contrata unus erat qui vocabatur Senex a Monte, qui inter duos montes contratæ hujus unum fecerat murum, qui istum circumdabat montem. Infra istum murum pulchriores erant fontes qui unquam possent reperiri. Apud istos fontes positæ erant pulchriores domicellæ virgines quæ unquam possent reperiri, equi pulcherrimi, omneque illud quod pro aliâ delectatione alicui humano corpori poterat inveniri; unde hunc locum vocabant paradisum. Cum autem juvenem valoris aliquem ipse videbat in istâ suâ paradiso ipsum poni faciebat<sup>6</sup> per quosdam autem conductus vinum et lac illuc descendere faciebat.<sup>7</sup> Et cum volebat facere sicari, id est assaxinari, aliquem regem vel baronem, illum qui præerat illi paradiso petere faciebat, ut aliquem inveniret qui magis esset aptus delectari in ista sua paradiso, et morari. Iste autem talis dum sic esset inventus et ibi positus esset, ei potacionem unam dari faciebat quæ ipsum statim sopiebat. Tunc ipsum taliter dormientem de paradiso extrahi faciebat. Qui cum excitabatur et extra paradisum se videbat in tantâ erat positus agonia quod quid ageret penitus nesciebat. Quare illum Senem a monte rogabat constanter ut eum in illam reduceret paradisum in qua prius positus erat. Tunc senex ille dicebat, Tu illic ire non potes ni talem regem interficias vel baronem. Unde seu moriaris sive non, te in ista ponam paradiso. Et quia iste sic delectabatur morari paradiso, per eum sicari

<sup>1</sup> *Mus.* aulæ in qua ipse infra illud palatium moratur.

<sup>2</sup> *Ven.* ipso.

<sup>3</sup> *Ven.* Preteian.

<sup>4</sup> *Ven.* Ministorte; *Ut.* Millistorte; *Mus.* Melescorte; *Hak.* Milestorte; *Marc.* Milestorte.

<sup>5</sup> *Mus.* atque fortis.

<sup>6</sup> *This should come before* cum autem juvenem, *as in Ven.*

<sup>7</sup> *Far. here has a considerable diversity from the rest:*—Per hunc modum; nam nullus erat in curiâ suâ præter paucos secretarios suos qui veritatem delusionis sciret de hoc suo paradiso. Unde accipi faciebat juvenes fortes corpore et ipsos poni faciebat in stallis ubi morantur eques (equi) et ibidem vivere miserrime faciebat. Et faciebat eos de spreto habitu indui et nunquam de illis stallis exhibant. Itaque quasi nesciebant quod essent mundi blanditiæ, et quasi desperabantur. Cum autem sic erant afflicti faciebat eis unam potationem dari quæ eos fortissime soporabat (*sic*), et tunc ponebat illos in hoc paradiso inter illas puellas; per quosdam autem conductas, etc. *Hak. has* Iste senex cum voluerit sibi vindicare vel interfecere regem aliquem vel Baronem, dicit illi qui præerat illi Paradiso ut aliquam de notis illius regis vel Baronis introduceret in Paradisum illum, et illum deliciis frui permetteret, et tunc daret sibi potionem, etc. *Mus. has the same a little more diffusely.*

id est assaxinare faciebat omnes illos quos volebat. Ideoque omnes reges orientis timebant istum senem sibique tributum magnum exhibebant. Cum autem Tartari quasi totum cepissent mundum,<sup>1</sup> venerunt ad istum senem; cui finaliter dominium acceperunt. Quod cum ei sic fuisset acceptum multos de istis hiis sicariis emissit de paradiso per quos sicari et interfici faciebat multos Tartarorum. Hoc videntes ipsi Tartari ad illam civitatem, in quâ senex iste erat venerunt et eam obsederunt; cum ab eâ non discesserint donec illam et ipsum senem finaliter habuerunt. Et cum eum ceperunt vinculis eum vinxerunt et malam mortem illum sustinere fecerunt.

48. *De demonibus a fratribus Minoribus expulsis.*

In hâc autem contratâ Omnipotens Deus fratribus minoribus hanc dedit gratiam magnam.<sup>2</sup> Nam in magnâ Tartariâ ita pro nichilo habent expellere demones ab obsessis, sicut de domo expellerent unum canem. Unde multi homines et mulieres a demone sunt obsessi, quos ligatos bene de x dietis ipsi ad fratres nostros conducunt. Isti autem demoniaci cum adducti sunt ad fratres, ipsi ex parte et nomine Jhesu Christi precipiunt demonibus illis ut exire debeant de illis corporibus obsessorum quam citius ipsi possunt. Tunc statim mandato facto exeunt ab illis. Deinde qui sunt à demone liberati se statim faciunt baptizari.<sup>3</sup> Tunc fratres illa sua ydola de feltro accipientes quæ ipsi habent cum cruce et aquâ benedictâ illa portant ad ignem. Deinde omnes de contrata veniunt videre comburi deos suorum vicinorum. Tunc fratres ista ydola accipientes illa ponunt in ignem et tunc illa de igne exeunt;<sup>4</sup> propter quod fratres postea de aqua accipiunt benedicta quam in ignem projiciunt et statim demon fugit ab igne,<sup>5</sup> et sic fratres in ignem ydolum projiciunt ibique conburitur, et tunc demon clamat in aere, dicens;<sup>6</sup> Videas! videas! quod de meâ habitatione sum expulsus! Et sic statim per istum modum nostri fratres multos in illâ contratâ baptizant.<sup>7</sup>

49. *De valle quâdam in quâ terribilia vidit Fr. Odoricus.*

Aliud terribile magnum ego vidi. Nam cum irem per unam vallem quæ [est] posita super flumen deliciarum, in ea multa et innumerabilia corpora mortuorum ego vidi, in quâ etiam audivi diversa genera musicorum, maxime autem Achara,<sup>8</sup> quæ ibi mirabiliter pulsabantur. Unde tantus erat ibi clamor, quod timor michi maximus incumbabat. Hæc autem vallis forte longa est vii vel viii miliaribus terræ, in quâ, si aliquis infidelium intrat nunquam de illa exit, sed statim moritur sine

<sup>1</sup> Ven. Oriens.

<sup>2</sup> Boll. contra immundos spiritus magnam contulit potestatem.

<sup>3</sup> Hak. et idola sua et pecorum suorum statim dant fratribus, quæ sunt communiter de feltro et de crinibus mulierum.

<sup>4</sup> Boll. frequenter agente diabolo prosiliunt extra ignem.

<sup>5</sup> Hak. demones in effigie fumi nigerrimi fugerunt et idola remanserunt et combusta sunt.

<sup>6</sup> Boll. Indignatus ergo Sathanas cum suis, quia vasa diu possessa amisit, in aere vociferat dicens, Videre qualiter de meo habitaculo cum injuria sum expulsus, etc.

<sup>7</sup> Instead of this, Hak. has an unintelligible sentence meant for the following as found in Mus. ...baptizant, qui cito ad ydola et errores suos multotiens recederent nisi fratres semper cum illis stent ad illos in fide Christi continue confirmandos.

<sup>8</sup> Ven., Far. Nachara; Hak. has Maxime de cytharis unde multum timui; Mus. the like.

mora.<sup>1</sup> Et quamquam in illa sic omnes moriantur, tamen volui intrare ut viderem finaliter quid hoc esset. Dum sic autem vallem ego intrassem, ut jam dixi, tot corpora mortua ibi vidi quod nisi aliquis illa vidisset quasi sibi incredibile videretur. In hac etiam valle ab uno latere ejus in ipso saxo unam faciem hominis valde<sup>2</sup> terribilem ego vidi, quæ in tantum terribilis erat quod præ nimio timore spiritum me perdere penitus credebam.<sup>3</sup> Qua propter<sup>4</sup> VERBUM CARO FACTUM EST continue meo ore proferebam. Ad ipsam faciem nunquam fui ausus totaliter appropinquare sed ab ipsa vii vel viii passibus distans ego fui. Cum autem illic accedere non auderem, ad aliud caput vallis ego ivi<sup>5</sup> et tunc ascendi super unum montem arenosum, in quo undique circumspiciens nichil videbam præter illa achara<sup>6</sup> quæ pulsari mirabiliter audiebam. Cum autem in capite montis ego fui illic, argentum reperi in maxima quantitate, ibi, quasi squamæ piscium, congregatum de quo posui in gremio meo.<sup>7</sup> Et quia de ipso non curabam<sup>8</sup> illud totaliter in terram projeci. Et sic dante Deo inde illæsus exivi. Deinde omnes Sarraceni cum hoc sciverunt reverebantur me multum, dicentes me esse baptizatum et sanctum; illos autem qui erant mortui in illa valle dicebant esse homines demonis infernalis.<sup>9</sup>

50. *Unum refert de magno Cane Fr. Odoricus.*<sup>10</sup>

Unum referam de magno Cane quod vidi. Consuetudo est in illis partibus quod quando prædictus dominus per aliquam contratam transit,

<sup>1</sup> *Hak.* Et ideo omnes de contrata declinant a latere. Et tentatus eram intrare et videre quid hoc esset, *and so on, telling the same story, but in words generally quite different; Mus.* agrees as usual with *Hak.*, but expresses things a little more wordily.

<sup>3</sup> Videbam.

<sup>2</sup> *Ven.* Maximum et terribilem.

<sup>4</sup> *Ven.* Cum signo crucis.

<sup>5</sup> *Ven.* simply Ivi tandem ad aliud caput vallis.

<sup>6</sup> *Ven.* nihil videbam nisi quod audiebam Nachera illa pulsare; *Hak.* nihil vidi nisi cytharas illas, etc.; *Mus.* has the like.

<sup>7</sup> *Hak.* adds pro mirabili ostendendo, sed ductus conscientia in terram projeci nihil mecum reservans, etc.

<sup>8</sup> *Ven.* et timens etiam ne tali illusionem forte mihi denegare exitus.

<sup>9</sup> *Hak.* demonum infernalium qui pulsant cytharas ut homines alliciant intrare et interficiant. Hæc de visis certitudinaliter ego Fr. Odoricus hic inscripsi; et multa mirabilia omisi ponere quia homines non crediderint nisi vidissent.

<sup>10</sup> Here occurs one of the marked differences in the copies. For at this place the copies *Far. and Boll.* conclude *Odoric's* narrative and introduce his attestation of veracity, *Ego Frater Odoricus, etc., as below. After this they add an appendix, as it were:* Notandum quod ego frater Marchesinus de Bassano de ordine Minorum ista audivi a fratre Odorico predicto, ipso adhuc vivente, nam plura audivi quæ ipse non scripsit. Inter alia quæ ipse locutus est hoc quoque dixit. Nam dixit quod semel dum Canis Magnus iret in Cambalec [de] Sandu ipse frater Odoricus erat cum iiiior fratribus minoribus sub una arbore quæ plantata erat juxta viam per quam ipsum Canem transitum facere oportebat. Unus autem istorum fratrum erat episcopus. Cum autem iste Canis cœpit appropinquare iste episcopus induit se habitu episcopali, et accepit crucem et posuit eam in fusto, et tunc isti iiiior fratres inceperunt altâ voce cantare ymnum VENI CREATOR SPIRITUS. Et tunc Canis Magnus hoc audito rumore interrogavit quid hoc esset. Tum illi iiiior barones qui erant juxta eum dixerunt quod erant iiiior Rabani Franchi. Tunc ipse Canis fecit eos ad se accedere. Ille autem episcopus acceptâ cruce de fusto tradidit eam osculandam ipso Magno Cani. Ipse vero jacebat, et statim visâ cruce erexit se in sedendo, et deposito galerio de capite crucem fuit devote et humillime osculatus. Iste autem Dominus unam consuetudinem habet. Nam nullus

omnes homines ante hospicia<sup>1</sup> suorum domorum igne accendunt et aromata apponunt ac faciunt fumum, ut domino suo transeunti odorem emittant. Et multi homines obviam sibi vadunt. Dum autem semel<sup>2</sup> veniret in Cambalec et de adventu suo certitudinaliter diceretur, unus noster episcopus et aliqui nostri fratres minores et ego ivimus sibi obviam bene per duas dietas. Et dum appropinquavimus ad eum posui<sup>3</sup> crucem super lignum, ita quod publice videri poterat. Ego vero habebam in manu thuribulum quod mecum detuleram. Et incepimus cantare alta voce, dicentes VENI CREATOR SPIRITUS, etc. Et dum sic cantarem audivit voces nostras nosque vocari fecit et ad eum accedere nos jussit. Cum superius alias dictum sit, nullus audet curru suo appropinquare ad jactum lapidis nisi vocatus exceptis custodientibus eum. Et dum ivissemus ad eum cruce elevatâ, deposuit statim galerium suum sive capellum inestimabilis quasi valoris, et fecit reverentiam ipsi cruci. Statimque in thuribulum quod habebam incensum reposui, et episcopus noster de manu meâ accepit, eumque thurificavit. Accedentes ad predictum dominum semper aliquid ad offerendum secum deferunt, observantes illam legem antiquam, NON APPAREBIS IN CONSPECTU MEO VACUUS. Idcirco portavimus nobiscum aliqua poma [et ea] sibi super unum incisorium reverenter obtulimus. Et ipse duo accepit de ipsis pomis, et de uno aliquantulum comedit. Et deinde predictus episcopus noster ei benedictionem suam impendit. Et hoc facto nobis innuit ut recederemus ne equi post ipsum venientes et multitudo in aliquo nos offenderent. Statim vero ab eo discessimus et divertimus, et ad aliquos barones suos per fratres nostri ordinis ad fidem conversos ivimus, qui in exercitu ejus erant. Et obtulimus eis de predictis pomis. Qui cum maximo gaudio ipsa recipientes, ita videbantur lætari, ac si illis prebuissemus familiariter magnum munus.

51. *Testimonium perhibet Fr. Odoricus.*

Ego frater Odoricus Boemus<sup>4</sup> de foro Julii provinciæ sancti Antonii de

audet in conspectu suo vacuus apparere, unde ipse Fr. Odoricus habens unum parvum calathum plenum pomis ipsi magno Cani fecit exenium. Ipse autem Canis accepit duo poma unum quorum medietatem comedit, aliud vero in manibus ipse gestabat et sic inde recessit. Ex quo satis apparet quod ipse Canis aliquid habuit in fide nostrâ, propter Fratres Minores qui continue in sua curiâ commorantur, cum deposuerit galerium et fecerit tam devote hanc reverentiam ipsi cruci; quod galerium secundum quod audivi a fratre Odorico plus valet quam tota Marchia Trevisana, propter perlas quæ sunt ibi et lapides preciosas. *The preceding is given by the Bollandists after H. de Glatz in the same manner with slightly different language. The following is omitted by BOLL., but is added to the above in the Farsetti MS., and as far as I have seen, appears in no other:* Præterea unum aliud audivi ab eo. Nam dixit quod semel in anno Magnus Canis mittit unum de Tartaris suis ad Soldanum Babillonæ, quem recepit cum magno timore. Et die constitutâ Soldanus stat super unius parvi rivuli ripam et Tartarus stat in alia ripâ cum arcu in manu tenso et cum sagittâ fortissime venenatâ. Stat Soldanus genibus flexis et manibus cancellatis, nihil breviter habens in capite nec in dorso præter interulam. Quem iste Tartarus crudeliter multum alloquens, ter interrogat, dicens: Confiteris tu quod habeas vitam pro Magno Cane, et quod sis servus ejus. Soldanus autem respondet cum magno timore quod sic. Alioquin statim illum interficeret. Hoc autem Canis in signum suæ potentiæ fieri facit: præterea nec arbitror oblivioni mandandum.

<sup>1</sup> Ven. hostia (i.e., ostia).      <sup>2</sup> Ven. quâdam vice.      <sup>3</sup> Ven. posuimus.

<sup>4</sup> This addition to Odoric's description of himself occurs in no other copy that I have seen, Latin or Italian.



quâdam terrâ quæ dicitur Portus Maonis,<sup>1</sup> de ordine fratrum minorum, testificor et testimonium perhibeo Reverendo Patri fratri Guidotto ministro antedictæ provinciæ sancti Antonii in Marchia Trevisina, cum ab eo fuerim per obedientiam requisitus quod hæc omnia quæ superius scripta sunt, aut propriis oculis vidi aut ab hominibus fide dignis audivi; communis etiam locutio illarum contratarum illa quæ non vidi testatur esse vera.<sup>2</sup> Multa etiam alia ego dimisi quæ scribi non feci, cum ipsa quasi incredibilia apud aliquos viderentur nisi illa propriis oculis conspexissent. Ego autem de die in diem me preparo ad illas contratas accedere, in quibus dispono me mori ut illi placebit a quo cuncta bona procedunt.<sup>4</sup> Prædicta autem fideliter frater Guillelmus de Solagna in scriptis redegit sicut prædictus frater Odorius Boemus ore proprio exprimebat, anno Domini m.ccc.xxx<sup>6</sup> mense Maii Paduæ in loco Sancti Antonii. Nec curavit de latino difficili et curioso ac ornato, sed sicut ille narrabat sic iste scribebat, ad hoc ut omnes facilius intelligerent quæ dicuntur, etc.<sup>6</sup>

[*This is the end of the Parisian MS., No. 2584. The following conclusion is from MS. FAR.*]

52. *De morte fratris Odorici.*

Ipse Beatus Frater Odoricus cum de ultramarinis partibus ad suam provinciam remeasset, marchiam scilicet Trevisanam, presentiam summi Pontificis adire volebat, ut ab eo licentiam peteret per [ut] L fratres, de quâcumque provinciâ essent dummodo ire vellent, secum ducere posset, recessit de Foro Julii unde ipse natus est. Dum esset Pisis gravi infirmitate correptus, quamobrem compulsus est ad propriam [provinciam] remeare. Quapropter in utino de Foro Julii civitate, anno ab incarnatione Domini mcccxxxi, pridie idus Januarii de hoc mundo triumphans pervenit ad gloriam beatorum. Ubi virtutibus et miraculis quam plurimis coruscat. Nam per eum cæci, claudi, muti, surdi sunt salutati, permittente Domino, restituti. Deo gratias. Amen.

<sup>1</sup> *Ven. correctly* Naonis; *Hak.* Vahonis; *Mus.* Nahomonis.

<sup>2</sup> *Ven.* Quæ etiam omnes illarum partium communiter testabantur.

<sup>3</sup> *Hak. incorrectly* Multa etiam alia ego dimissem nisi illa propriis oculis conspexissem.

<sup>4</sup> These last words are not in *Venni*, nor in *Ut*.

<sup>5</sup> *In Ut. this runs as written by William in the first person*—Ego Fr. Gulielmus...redegit...nec curavi de Latino difficili et ornato stilo, sed sicut ille narrabat ego scribebam cum domestico eloquio et communi ad hoc ut omnes facilius intelligerent quæ hic scribuntur, vel in isto libro dicuntur.

<sup>6</sup> *HAK. and MUS. relate the same at greater length, with addition of visions etc., and end by quoting the attestation of the notary Guetellus to the detail of Odoric's miracles, which has been mentioned in the biographical notice prefixed to his Itinerary. BOLL. has substantially the conclusion that is in the text, adding to the mention of the miracles: Hoc testatus est litteris suis in curiâ Papæ Patriarcha Aquileiensis in cujus diœcesi hæc fiunt. Et protestatur Styria et Carinthia et multi de Italia et regiones quam plurimæ circumquaque. And then: Ego Fr. Henricus dictus de Glatz, qui prædicta omnia transcripsi existens Avenione in curiâ D'ni. Papæ anno D'ni. supradicto, si non intellexissem ibidem de felice Fr. Odorico et sociis qui secum fuerant, tot perfectiones et sanctitatis ejus opera, vix aliquibus hic per eum descriptis credere potuissem: Sed coegit me vitæ suæ veritas dictis ejus fidem credulam adhibere. Scripsi autem hæc anno D'ni. trecentesimo quadagesimo in Pragâ circa festum omnium Sanctorum, et copiosius ea audieram in Avenione.*

## APPENDIX II.

### OLD ITALIAN TEXT OF ODORIC, FROM A MS. IN THE BIBLIOTECA PALATINA AT FLORENCE.

#### INCOMINCIA LA STORIA DI FRATE ODORIGO.

##### 1. *Viaggio di Trebisonda e dell'Erminia Maggiore.*

[*In questo anno corrente del mcccxviii divotamente prego il mio Signore Iddio che porga tal lume al mio intelletto che io possa in tutto o in parte rammemorare le maravigliose cose da me viste con questi occhi: alle quali perche maravigliose siano, non percio se gli deve aver minor fede, poscià che appresso Iddio niuna cosa e impossibile. Voglio dunque, a coloro che queste cose che io diro vedute non hanno, quanto meglio potro, brevemente scrivendo dimostrarle. E giuro per quell Iddio che in mio aiuto ho chiamato, in questa narratione non dovere io dire ne meno ne più di quel che in varie parti del mondo camminando ho viste.*]<sup>1</sup>

Anno Domini mcccxviii io frate Odorigo<sup>2</sup> da Friolli de l'ordine de' frati minori della provincia di Padova [nel mese d'Aprile, con buona licenza del mio superiore], partimi de la detta provincia e [navigando con l'ajuto di Dio e buon vento<sup>3</sup>] veni in Gostantinopoli con altri miei compagni, e di quindi passai il mare Maggiore e veni in Trebisonda nella contrada detta metropoli di Ponto nella qual terra giace il corpo del beato Atanasio che fece il simbolo. E [in] questa terra vidi una mirabil cosa<sup>4</sup> ch' uno<sup>5</sup> che menava più di dumilia pernici<sup>6</sup> le quali il seguitavano per mirabile modo; perchè sempre andavano e volavano e stavan con lui per più di, e ubidielo, e parean quasi che parlassono con lui nella lingua sua.<sup>7</sup> E quando andavano lo 'mperadore predea delle pernici quante volea, e l'altre se ne venieno co lui infino al castello che si chiama Zavengha.

<sup>1</sup> From MIN. RAM.

<sup>2</sup> MIN. RAM. di Porto Maggiore.

<sup>3</sup> MIN. RAM. quale tanto piu osero di dirla, quanto che molti con quali ho parlato in Venezia, m' hanno referita d'haver vista simil cosa.

<sup>4</sup> MIN. RAM. un uomo barbuto e di feroce aspetto.

<sup>5</sup> MIN. RAM. a quella guisa che menano i pastori loro armenti.

<sup>6</sup> MIN. RAM. Quale pernici volando e andando via le meno a donare all' imperadore di Constantinopoli.

<sup>7</sup> MIN. RAM. Zanico.

[*Delche maravigliandomi fortemente udi da coloro che sarebbe egli per far altre prove più maravigliose di queste; fra le quale fu questa, che un giorno essendo stato amazzato un caro e fidelissimo fameglio dell'imperadore<sup>1</sup> e non trovandosi il mal fattore, ne fu questo barbuto dall'imperadore con istanza pregato, che con qualche via lo scoprisse. Il quale fatto portare il giovane morto nel mezzo della piazza tutto insanguinato, in presenza di molta gente, scongiurando con li suoi incantesmi, gli messe in bocca una crescita piccola di fior di farina. Il quale non si presto habbe in bocca la crescita, che si rizzo in piedi e disse chi l'haveva amazzato, e perche cagione: e cio detto ricadde subito morto.*]<sup>2</sup>

Di Trebisonda andai a Zangha, ch' è castello de lo 'mperadore, e quivi si cava l'argento<sup>3</sup> e 'l cristallo, secondo che si dice. Quindi andai in Erminia Maggiore, e pervenni ad Arzelone, ch' è presso d'una giornata al fiume del Paradiso detto d'Eufrates. In questa terra una gran donna lasciò in testamento che de' beni suoi si facessero un munistero di meretrici al servizio degli uomini in ogni carnalità, per l'anima sua maladeta.<sup>4</sup> Di quindi veni al monte ov' è l'Arca Noè, e volentieri sarei salito alla cima del monte avegnache mai non si trovava chi vi potesse salire, ma perchè non volle aspettare la carovanna non volli provarmene. Il monte è altissimo e bellissimo, e quasi va la neve insino a la terza parte del monte.<sup>5</sup>

### 2. Delle cittade di Taurisio e di Soldania.

Poi veni<sup>6</sup> in Persia nella citade ch' è detta Taurisio, e 'n quella via passai il fiume Rosso, ove Alessandro isconfisse il Re d'Asia Dario, e in quella citade noi abbiamo due luoghi: è nella citade (?) mirabile moltitudine, e di mercatanti molti, ove è uno monte di sale, del quale può prendere chi ve ne vuole.<sup>7</sup> Di quindi veni in Soldania ov' è la sedia dello Re di Persia, nella quale à un luogo de' Frati Predicatori, e uno de' Frati Minori.

### 3. Della cittade de' tre Magi, e del Mare Sabuloso.

Di quindi venni in Saba citade e terra della quale furono i tre Magi. E tutti i Saracini che dimorano ivi dicono che i Magi furono di quella terra ch' è citade grande e ben sicura; ma ora è molta diserta. Ed è di lunge da Gerusalemme ben sessanta giornate. Di quindi pervenimo al mare Sabuloso,<sup>8</sup> cioè il mare della rena, ov' io isteti quatro dì nel porto.<sup>9</sup> E la carovana non fu ardita d'entrare nel Sabulo, ch' è una rena secca, che si muove al modo del mare della tempesta del vento; che se alcuno allora v'entrasse incontente sarebbe ricoperto e affogato.

<sup>1</sup> The MIN. RAM. has di Constantinopoli, which is probably an interpolation.

<sup>2</sup> From MIN. RAM.

<sup>3</sup> MIN. RAM. l'oricalco.

<sup>4</sup> This extraordinary story is given more diffusely in MIN. RAM. It is in no Latin MS. that I know of.

<sup>5</sup> MIN. RAM. has—perche il monte è santissimo e oltre cio inaccessibile per l'altissima neve che vi sta tutto l'anno, e piglia almeno le due parti del monte.

<sup>6</sup> MIN. RAM. has absurdly navigammo e venimmo.

<sup>7</sup> MIN. RAM. has another ignorant interpolation, e già se n' erano carche navi e mandato dove ne era carestia.

<sup>8</sup> MIN. RAM. Sabbionoso. It is Sabuoso in the Palatine; I have inserted the l, as it occurs below.

<sup>9</sup> ID. E ci convenne star colla caravana in porto ben quattro giorni. E non fu niuno di noi che ardisse di entrar in questo loco.

Ov' io vidi monti altissimi di rena i quali in poco tempo si disfanno e altri in poco tempo si rifanno.<sup>1</sup> Di quindi pervenni a una cittade grande ch' è chiamata Geste, la quale è ultima terra di Persia verso l' India; nella quale terra è grande abondanza di grano e di fichi, e uve paserine<sup>2</sup> molto buone, e sono verdi come erba e saporitissime. E di quindi entrai in Caldea, nella quale contrada vanno gli uomini ornati al modo delle donne della nostra contrada, e portano in capo cuffie ornate di pietre e d'oro e di preziose cose; ma le femine per contrario vanno mal vestite con camice corte insino a ginocchio, e scalze, e le maniche si larghe che toccano infino in terra,<sup>3</sup> e portano eziandio le brache lunghe insino in terra, e 'n capo un poco di panno corto quasi un mezo braccio; e capelli non sono legati. Quivi vidi uno giovane che dovea prender moglie. Quando venne il tempo de lo sposare, tutte le fanciulle vergini della contrada istavan con lei e piangeano, ma lo isposo istava ornato con vestimenti preziosi,<sup>4</sup> il quale cavalcoe sopra un asino, e la moglie gli andò dietro a piede, mal vestita e scalza.<sup>5</sup> Il padre della fanciulla gli diede la benedizione, e in quel modo si maritano quivi le fanciulle.<sup>6</sup> Di quindi dopo molte terre veni a la terra di Giobo. E ottimamente sicura e fertile, e gli uomini de la contrada mi narraro la storia di Giobo. Quivi gli uomini filano e non le femmine.

#### 4. *Della Torre di Babel; et della cittade Ormes.*

Di quindi veni a la tore di Babel presso a quattro giornate per selve di datteri ove non avemo che mangiare niente altro che datteri; e l'aque di quindi son salse e poche ven' avea. E per questa selva andai ben quattordici giornate e volentieri sarei ito a la torre, ma nonne avea compagnia e però lasciai di non irvi. Poi venimmo a Ormes ch' è cominciamento de l' India ed è in capo del mare la quale terra è in un isola ed è dilunge a terra ferma ben cinque miglia: in su la quale non nasce albore e non v'ha aqua dolce ed è citta molto bella, e ben murata. Quivi ae si grande abondanza di datteri che per tre soldi n'arebe altri quantunque e ne potesse portare. Ed eziandio v' è grande abondanza di pane e di pesce e di carne ma non è terra sana. [E] pericolosa, e incredibile di calura. E gli uomini e le femmine son tutti grandi. E passando io quivi fu morto uno, e venirvi tutti i giulari della contrada, e puosollo nel mezzo della casa nel' letto; e due femmine saltavano intorno al morto, e giulari sonavano cembali ed altri istormenti. Poi due femmine abbracciavano il morto, e lodavallo, e l' altre femmine si levavano ritte, e ciascuna tenea un canello in boca e zuffo-

<sup>1</sup> MIN. RAM. E si muta a quella guisa che fa il mare quando è in tempesta, por qui por li, e fa nel muoversi l'istesso ondegiai che fa il mare, in guisa tale che un infinita di persone s'è trovata, camminando per viaggio, oppressa e sommersa e coverta da queste arene, le quali dal vento dibattute e trasportate, per fanno come monte in un loco, e por in un altro, secondo la forza del vento da cui sono elle agitate.

<sup>2</sup> For passoline. MIN. RAM. has d' uva passa grossissima, which last word is another interpolation, as the Persian raisins are very small, a fact noted in the best Latin MSS.

<sup>3</sup> MIN. RAM. after ginocchio has con brachezze e legazze che pendono in sino al collo del piede.

<sup>4</sup> MIN. RAM. stando il giovane sposo con la testa bassa e leggiadrossimamente vestito.

<sup>5</sup> ID. toccando l'asino.

<sup>6</sup> Here the MIN. RAM. and the PALAT. cease to run parallel. The former passes at once to the traveller's arrival at Tana.

lava ; e quando avea zufolato, ed ella si ponea a sedere, e cosi fecero per tutta la notte. E la matina il portaro al sepolcro.

5. *Passa il Fr. Odorico alla Tana d'India.*

Di quindi navicammo per lo mare oceano venti otto dì ; poi pervenimmo in Tana, la quale fu cittade del Re Porro ; la quale terra è posta in buon luogo, ed a grande abondanza di vittuaglia, e specialmente di burro, di *susuan* [sisamo ?], e riso. Quivi sono molti diversi animali, leoni neri, e pipistrelli grandi come anitre, topi grandi come cani communi, nè non sono presi da gatti ma da cani per la loro grandezza.<sup>1</sup> In questa terra sono idolatrici, ma 'l signore adorano i saracini il bue<sup>2</sup> e dicono ch' egli è il grande Idio, e non mangiano carne di bue, e lavorano col bue sei anni, il settimo anno i lasciano libero. Prendono anche dello sterco del bue, e pongolosi a la faccia, e dicono da indi inanzi che sono santificati. Alcuno altri adorano gli albori ed alcuno altri adorano il fuoco ed altri i pesci ed altri il sole ed altri la luna. In questa terra non prendono moglie altro che del mese di febraio, e questo è appo loro il primo mese de l'anno. Gli uomini e le femmine vanno tutti ignudi, e 'n cotal modo menano le mogli. Il marito e la moglie salgono insu uno cavallo insieme ; è 'l marito di dietro, e tiene la moglie in braccio, e non hanno indosso altro ch' una camicia e 'n capo una mitera grande piena di fiori.<sup>3</sup> E 'l marito tiene un coltello<sup>4</sup> grande ingnudo sopra le spalle della moglie, e tutte le vergini vano innanzi cantando ordinatamente, e ora restano un poco e poi vanno oltre.<sup>5</sup> In questa terra sono albori che fanno vino che 'l chiamano *loahc*<sup>6</sup> e inebria molto gli uomini. Quivi eziandio non si sopoliscono i morti ma portansi con gran festa a campi alle bestie e gli ucelli che gli divorano. E sono qui i buoi bellissimi, che hanno le corna bene uno mezzo passo, e sono iscrignuti a modo d'un camello. In questa terra vidi il luogo e gli uomini qua sono i quattro frati minori<sup>7</sup> come si narra nella storia loro. Da questa terra insino a Panche<sup>8</sup> sono xiiii giornate, e qui è la sedia del Re Poro che fu isconfito dal grande Alessandro.

16.<sup>9</sup> *Del Pepe e come si lo vendemiano ; e del regno di Minabar.*

Poi veni per lo mare Oceano quaranta giornate, e pervenni a lo'mperio di Pirabar<sup>10</sup> dove nasce il pepe. E nasce in cotal modo. L' albore che

<sup>1</sup> MIN. RAM. Qui viddi un leon grande e negrissimo alla guisa d'un bufalo: e viddi le nottole o vogliam dice vespertiglioni come sono le anatre di qui da noi ; e topi chiamati sorici di Faraone, che sono grandi come volpi, etc.

<sup>2</sup> *The scribe has made a hash of this. It is intended to be the equivalent of* MIN. RAM.—Il paese è di Saracini; la gente è idololatra e adora il bue. *It probably ran*, In questa terra sono Signori i Saracini, ma la gente, etc.

<sup>3</sup> MIN. RAM. una cuffia alta, alla guisa d'una mitra, e lavorata di fiori bianchi.

<sup>4</sup> MIN. RAM. appuntato alla gola.

<sup>5</sup> ID. fino a casa dove lo sposo e la sposa si restano soli, e la mattina levati vanno pur nudi come prima.

<sup>6</sup> See note on translation *in loco*.

<sup>7</sup> *Sic. probably should be to this effect*: Vidi il luogo, e gli uomini che uccisero i quattro frati, etc.

<sup>8</sup> *Sic. Perhaps it should be* Paroche (Broach) mentioned by Jordanus in a letter in this collection.

<sup>9</sup> The Nos. 6-15 are omitted in order to maintain correspondence with the Latin text.

<sup>10</sup> *Or Pinibar* (for Minibar).

fa il pepe è fatto come l'elera che nasce su per gli muri. Questo pepe sale su per gli alberi che gli uomini piantano a modo de l'elera, e sale sopra tutti li alberi più alti.<sup>1</sup> Questo pepe fa i rami a modo dell' uve; e in peruno inproducono tanta quantità di frutto ch' è incredibile; e maturo si lo vendemiano a modo de l'uve e poi pongono il pepe al sole a seccare come uve passe, e nulla altra cosa si fa del pepe. E del pepe ricente fanno composto e io ne mangiai, ed ebbine assai. E ivi così grande abbondanza di pepe come qui in nostra terra di grano. E la selva dura per diciotto giornate, e n tutto il mondo non nasce pepe altro che qui. Quivi sono due citadi, una che si chiama Filandria e l'altra Sigli. Quivi sono molte calcatrici o vero cocolgrilli, e leoni in grande moltitudine, e diverse bestie che non sono in Franchia. Quie si arde il verzino per legne, e tutti i boschi son pieni di pioni salvatichi. Poi venni a Colonbio, ch' è la migliore terra d'India per mercatanti. Quivi è il gengiovo in grande copia e del buono del mondo. Quivi vanno tutti ignudi, salvo che portano un panno innanzi a la vergogna istremo (?) e legalosi di dietro.

17. *Delle consuetudini strane della gente di Minabar.*

Quivi adorano il bue e l'idolo loro è mezzo buoe e mezzo uomo, e favella alcun' ora e vuole sangue di xxx uomini e più, e sangue di femmina, e vuole che sieno uccisi dinanzi da lui. E come noi facciamo voti di dare a Dio nostri figliuoli o figliuole, così costoro a loro idolo e 'ncontinente che egli il vuole e egli il recano e soenalo dinanzi a lui per reverenza. E spesse volte lo 'mperadore per maggior reverenza o 'l re fa torre a damigelli una vacca, e tolgono un bacino d'oro, e ricevono entrovi l'orina di questa vacca, e lo re se ne lava le mani e 'l volto; poi toglie de lo sterco di questa vacca, e ponselo a la faccia e unguesene le mascelle e' petto, e poi dice ch' è santificato. E facendo egli questo, tutti fanno il semigliante. In questa terra sono alberi che conducono [producono?] mele, ed è del buono del mondo. Sonvi altri alberi che producono vino ed alberi che producono lana di che si fa tutto corde e funi, e sonvi alberi che producono frutti che di due sarebbe carico un forte uomo, e quando si vengono a manicare conviene che altri s'unga le mani e la boca, e sono odorifili e molto saporiti e chiamansi frutto *chabassi*. Quivi udi dire che sono alberi che producono uomini e femmine a modo di frutti, e sono di grandezza un gomito, e sono fitti nell' albore insino al bellico, e così istanno; e quando trae vento e sono freschi, e quando non, pare che si seccano. Questo non vidi io, ma udilo dire a persone che l'aveano veduto. Sono anche qui più diverse cose che sarebbe lungo a dire e 'ncredibile e però lascio.

18. *Del reame de Mobar dove giace il corpo di San Tomaso Apostolo.*

Poi pervenni a uno imperio che si dice Mabare, ove fu morto San Tomaso apostolo. Quivi è il massimo imperio. Questa Mabor è provincia. Qui si truova le perle, le maggiori e le migliori del mondo. Qui è uno idolo d'oro puro e massiccio della grandezza che si dipingue Santo Cristofano, ed a intorno al collo una corda piena di priete preziose, e di perle grandi. Tutta la chiesa di questo idolo è d'oro puro. Tutti gl' idolatri del paese vanno in peligrinnaggio a questo idolo come i cristiani a Roma, e adorano in questo modo: che prima fanno tre passi, poi si stende in terra boccone; e qui gli fa incenso col turibolo, e poi fa altri tre passi e fa il simigliante, e questo fanno da certo luogo

<sup>1</sup> *The original here is a tangle, which I have tried to reduce to sense.*

insino a l' idolo, andando e reggendo (?) In cotale peligrinagio molti portano una tavola in collo, ovvero mensa forata, e<sup>a</sup> mettono il capo per lo foro, e cosi la tiene infino che perviene a l' idolo, e quivi la gettano dinanzi da lui. Altri sono che si forano il braccio con uno coltello, nè non se nel' tragono da la casa insino a l' idolo. E io vidi questo e tuto il braccio era gia fracido. E molte altre diverse penitenzie quivi fanno.

#### 19. *Delle feste che fanno del loro Idolo.*

E quando è la festa di questo idolo, una volta l' anno, pongono l' idolo in su un carro e menalo in certo luogo. Allora in prima [viene] lo 'm peradore, e poi il papa e altri sacerdoti che si chiamano *tuin*, e altri che si sono botati<sup>1</sup> si vanno sotto il carro, alcuno col capo, alcuno col corpo, secondo il voto che fa, si che le ruote pasando sopra loro muoiono e ogni anno impromettono cosi d' esserne uccisi da cc infino cccc, e cosi è cosa oribilissima a vedere. Altri si offeriscono ispontaneamente a l' idolo, e fannosi un fornimento di fiori e gittano a l' idolo della carne sua, la quale tagliano col coltello d' ogni membro. Poi si percuotono col coltello insino al cuore, dicendo ecco che io muoio per lo Iddio mio. E cosi molti uccidono lor medesimi; e cosi si santificano tra loro, come i martiri tra noi. Molti altri fanno voto de' figliuoli loro e menagli dinanzi da questo idolo e scannagli. Et al lato di questo idolo è un luogo nel quale per la divozione gettano oro e argento, e in questo modo quella chiesa è mirabilmente richissima e chiamasi questo luogo *celai* in lor lingua.

#### 20. *De' reami di Java e di Lamori.*

Di Mabara ci partimmo ed entrai nel mare Oceano, e navicai per più dì; e pervenni a una nobile isola appellata de Iava; la quale è molto grande ed è qui abondanza quasi di tutti i beni. Nella quale isola sono dodici reami ed in ciascuno reame a uno imperadore. Quivi nascono le noci moscade e gherofani, e 'l cubebe, e molte altre ispezie in grande quantità. E qui massimamenta abonda i legno aloe e oro ottissimo. Poi navicai per xl. giornate e arivai ad uno regno che si chiama Lamori, e 'n questa contrada cominciai a perdere la tramontana però che la terra me la togliea. Nella quale terra gli uomini e le femmine senza nulla distinzione vanno ignudi, non abendo niente in alcuna parte, se non che alcuna femmina certo tempo quando partoriscono portano dinanzi a la vergogna una foglia d' arbore e legansela con una coreggia d' albore. E faceansi beffe di me, dicendo Iddio fece Adamo ignudo, ed io mi vesti a mal suo grado. E tutte le femmine sono in commune in tal modo che nulla n' è appropriata a niuno omo, ma ciascuno si può pigliare qual più gli piace, pur che non facia impedimento a l' altro. E quando ingravida puote la femmina appropriare il figliuolo a cui ella vuole. Eziandio tutta la terra è a commune, si che or nullo può dire questa casa è mia ma ci seno hanno in ispeziale.<sup>2</sup> Quivi eziandio mangiano le carni umani, e Saracini vi recano de l' altre provincie gli uomini e vendogli loro in mercatanzia; e sono mangiati da coloro e sono uomini bianchi, che de' neri come sono eglino non mangiano. E sono uomini fieri in battaglia e vanno a la battaglia ignudi, salvo che portano in braccio uno iscudo che gli quoprono insino a piedi. E se prendono alcuno nella battaglia si lo mangiano.

<sup>1</sup> Botati for votati.

<sup>2</sup> Not intelligible. It runs in the MS.—Ma cisenò (or) cifeno ano in ispeziale. It is probably meant for, "except that they have houses to themselves," as in the Latin MSS. If that be so, perhaps casa should read cosa.

21. *Del Reame ch' e chimata Sumetra.*

Di quindi ci partimmo e venimmo ad un altro regno di questa Isola ch' è chiamata Sumetra, e qui portano alcun cosa per vestimento, cio è un panno istretto sopra la vergogna. E sono eziandio fieri uomini e pigliano bataglia co' sopra detti. E tutti questi uomini e femine sono segnati in della fronte, cioè nella faccia, d'un ferro di cavallo a nostro modo. In questa contrada è grande mercato di porci e di galline e di burro e di riso, è qui è frutto ottimo cioè *Mussi*. E trovasi quivi oro e stagno a grande quantità. Quivi si pigliano le tartugi, cioè testugini, mirabili, e sono di molti colori e paiono quasi dipinte. Poi veni a l' altro regno di questa Isola ch' è chiamata Bucifali e l' mare di turci (?) questo regno si chiama il mar morto. Ed egli è tutto il contrario, che l' mare pende e corre si forte ch' è incredibile, e se marinai si partono punto dallito vanno discendendo, e non tornano mai. E non è alcuno che sapiano dove si vadono, e molti sono cosi iti e non seppono mai che se ne fossono. E la nave nostra fuè in grande pericolo, andando quindi, se non se che Idio ci aiutoe miracolosamente.

22. *Dell' albori che danno farina; e de' aghi velenati che soffiano i corsali da certe canne.*

In questa isola sono albori che producono farina e l' pane che se ne fa è asai bianco di fuori, ma dentro è alquanto nero ma in cucina questa farina è molto buono. E non ti maravigliare che gli albori facciano farina, imperciò che l' modo è questo. Prendono una iscure, e perquotonno l' albore in quella l' albore fa schimma e fa gromma molto grossa. Poi prendo[no] vasi ovvero ceste, e tolgono quella gromma e mettolavi dentro poi per xxx dì per se medesimo senza tocarla. Divien farina in quello modo. Poi per tre dì prendono aqua marina e colano quella farina in quella aqua, poi gettano quella aqua marina, poi per tre dì prendono aqua dolce e ntridola con quella; poi ne fanno la bella massa, e pare il più bello pane che sia al mondo nel sapore. Onde nel regno ove noi savamo (?) ci vene meno tutti gli altri alimenti fuori che questa farina en grande quantità e a buono mercato. E questa contrada tiene insieme bene quattordici migliaia d' isole e altri dicono di meno. Alcuno chiama questa contrada da Talamosa e alcuni altri Panthe. En queste isole sono molte cose maravigliose e strane. Onde alcuni albori ci sono che fanno farina come detto, è alcuni fanno mele, alcuni seta, alcuni lana e alcuni che fanno veleno pessimo. Contro al quale nullo v' è rimedio se non se lo sterco de l' uomo. E quelli uomini sono quasi tutti corsali, e quando vanno a battaglia portano ciascuno una canna in mano, di lunghezza d'un braccio e pongono in capo de la canna uno ago di ferro atossiato in quel veleno, e soffiano nella canna e l' ago vola e percuotolo dove vogliono, e ncontinente quelli ch' è percosso muore. M'a egli hanno le tina piene di sterco d' uomo e una iscodella di sterco guarisce l' uomo da queste cotali punture. In questa contrada a canne alte più di lx passi, si grosse che sarebbe impossibile a credere. Anche v'ae un' altra generazione di canne che si istendono per terra e chiamassi *cansalle*. E'n ogni nodo di quelle canne fanno barbe a modo di gramigna, e queste cane crescono e prolungansi per diritto tramito per tera più d' un miglio ma non sono molto grosse, ma a modo delle canne di Franchia. In queste canne vi nascono entro priete<sup>1</sup> che chiunque tiene di queste priete sopra se, dicono che nullo

<sup>1</sup> *As once before for pietre.*



ferro lo può tagliare. Or quando vogliono trovare la prieta, si percuotono la canna col ferro e se'l ferro nola taglia ede cercano per la prietra, e tolgono legni agutissimi, e taglienti e cepi e tagliono e 'ncidono tanto che pervengono a la pietra, el padre ch' à figliuoli tolgono questa pietra e fanno una fenditura nel dosso al figliuolo e mettonvi entro questa pietra; poi la fa saldare il del corpo del fanciullo poi nullo ferro può mai tagliare della carne di questo uomo. Quegli che vogliono combattere con questi cotali ch' ano questa pietra portano pali di legno apuntatissimi, e con quelli gli fierono e uccidono. Li uomini di questa contrada sono tutti grandissimi ladroni. Quivi nasce un pesce ch' à cotale natura che quando altri pigliase questo pesce e ricideselo in più parti e una di queste parti si racozi e tochi l'altra incontinente si rapica insieme e saldasi come se mai non v' avesse; avuto niente. Di questo pesce fanno seccare e fannone polvere, e portala con loro duanche vanno in battaglia, e pongosela i loro ferite e 'ncontinente salda. En questa contrada a due vie, l' una va in Zapa, e l'altra in Silania.<sup>1</sup>

### 23. Dell' Isola di Silan.

(Silan) è una grande isola nel la quale sono diverse bestie e massimamente serpenti i maggiori del mondo. Ed è incredibile ed è ancora mirabile cosa, che nè bestia nè serpenti noe impediscono nessuno uomo forestiere, e [offendono ?] massimamente que' dell' isola. E sono quivi molti leofanti salvatichi. Ed avi una generazione di serpenti ch' anno collo di cavallo e capo di serpente e corpo di cane e coda di serpente ed anno quattro piedi e sono grandi come buoi e piccoli com' asini. Il rè di questa isola è molto ricco in oro e 'n pietre preziose. Quivi si truovano i buoni diamanti e rubini e perle in grande copia. Quivi è 'l monte grande come dicono quelli della contrada ch' Adamo e Adeba piansono Abello per Caino. In sulla cima del monte à alcuna pianura bella ed avi un lago, e dicono che l' acqua di quello lago sono le lagrime d' Adamo ed Adeba. Nel fondo di questo lago sono pietre preziose. Il Re di quindi no vi lascia pescare se no se gente povera è bisognosa. Quando alcuno a licenza di pescare si va ed ugnesi tutto quanto del sugo *lunbors*<sup>2</sup> e poi vae al fondo e quante può prendere di queste pietre vae e recale suso. E sonvi tante di queste mignatte che se non fosse il sugo di questo albore uciderebbe gli uomini. E ciascuno vi puote entrare una volta e quello che prende è suo. Questo fa il Re per cagione umile.

Di questo lago esce un rivo e 'n questo rivo si truovano i buoni cherubini<sup>3</sup> in grande quantita, e quando questo rivo entra in mare quivi si truovano le buone perle. E questa isola è delle maggiori ch' abbia l'India ed a grande abondanza di formento e d'olio e d'ogni bene. Molti mercatanti vanno a questa isola per la grande abondanza delle pietre che vi sono. Avi assai altre cose delle quali narrare non curo.

### 24. Dell' Imperadore di Zapa, che a gran copia de' leofanti.

Poi andai per molte giornate navicando e pervenni a lo 'mperio di Zapa;<sup>4</sup> ch'è bella terra ed è molto abondante, quasi in ogni cosa. Quello imperadore al ne torno di xiiii<sup>m</sup> di leofanti, e gli altri uomini anno i leofanti come noi abbiamo nella nostra contrada i buoi. E quello im-

<sup>1</sup> Here is a very manifest interpolation by way of accounting for the double narrative, noticed in the introduction.

<sup>2</sup> Sic. probably for limbone.

<sup>4</sup> Doubtless for Zāpa, i.e., Zampa.

<sup>3</sup> Sic.

peradore secondo che si dice ae da dugento figliuoli e figliuole, tutte propie e propii.

Un' altra maravigliosa cosa a 'n questa contrada che ciascuna generazione di pesci che sono in mare vengono in questa contrada in si grande quantità che nulla altra cosa si vede in mare se non se pesci; e medesimamente si gettano sopra la riva e catuna persona ne prende quanti ne vole; e stanno cosi in sulla riva per due dì o tre e poi viene un' altra generazione di pesci, e fanno il simile, e cosi tutte l' altre generazioni di pesci, una volta l'anno. Ed essendo domandati gli uomini della contrada perchè cosi facciano, rispondono che vengono a fare reverenza a lo 'mperadore. In questa contrada vidi una testugine maggiore per tre volte che non è la chiesa di santo Antonio di Padova, ed altre maraviglie v' à assai. Quando alcuno muore in questa contrada, il marito morto ardollo e con esso lui la moglie, e dicono che la moglie va a stare col marito nell' altro mondo, e cotali modi tengono.

35. *Dell' Isola di Nichoverra dove anno gli uomini la testa a modo d'un cane.*

Partendomi di questa contrada navicai per lo mare Oceano per lo merizzo,<sup>1</sup> e trovai molte isole e contrada, tra le quali n' a una che si chiama Nichovera.<sup>2</sup> E gira bene dumila miglia; nella quale tutti gli uomini anno il capo a modo d'un cane, e adorano il bue. E ciascuno porta in della fronte un bue d'oro o d'argento, e tutti vanno ignudi, le femmine e gli uomini, salvo che la vergogna si cuoprono con una tovagliuola. Sono queste genti grandi del corpo, e forti in battaglia, e vanno ignudi nella battaglia, salvo che portano uno iscudo che'l cuopre tutto, e se pigliano alcuno in battaglia che no si possa ricomperare pecunia, si lo mangiano.<sup>3</sup> E lo Re loro<sup>4</sup> porta ccc. gran pietre a collo, e conviene che faccia ogni dì ccc. orazioni agli Iddi suoi. E porta in della mano ritta un grande cherubino, e<sup>5</sup> lungo bene una ispana, pare una fiamma di fuoco:<sup>6</sup> la quale il Gran Cane s'è molto ingegnato d'averla, e no l' à potuta avere. Questo Re<sup>7</sup> tiene giustizia, si che ogni uomo può ire liberamente per lo suo reame.

Evvi un' altra isola che si chiama Sillia<sup>8</sup> che gira anche bene *m m* miglia, ne la quale son serpenti e molti altri animali salvatichi e leofanti e diversi uccelli.

Sonci uccelli grandi come oche ed anno due capi, e grande quantità di vetтуaglia.

26. *Della gente dell' Isola domandata Dodin, e delle sue consuetudini orribili.*

Partendomi quinci verso oriente perveni a una grande isola chiamata Dodin,<sup>9</sup> nella quale sono pessimi uomini e mangiano la carne cruda [ed]

<sup>1</sup> MIN. RAM. *has* verso il Nirisi, whatever that may mean.

<sup>2</sup> MIN. RAM. Nicoverra.

<sup>3</sup> MIN. RAM. S' egli mangiano arrostiti. E 'l simile e futto a loro dai nemici.

<sup>4</sup> MIN. RAM. di queste vestie.

<sup>5</sup> MIN. RAM. e per lo vero Iddio, *the occasional introduction of which oath is peculiar to that copy.*

<sup>6</sup> ID. che pareo d'haver in mano un carbone infocato.

<sup>7</sup> ID. benche sia idololatra e col viso rassembri un cane, tien ragione e giustizia, ed ha gran quantità di figlioli, ed e di gran possanza e per tutto, etc.

<sup>8</sup> Here we have Ceylon again, showing that the work has been tampered with.

<sup>9</sup> MIN. RAM. Diddi.

immondizia. Questi anno sozza consuetudine: il padre mangia il figliuolo, e'l figliuolo il padre, il marito la moglie, e la moglie il marito; in questo modo, che vanno al sacerdote e dicono così (quand'anno alcuna malatia), domanda lo Dio s'io debbo guarire di questa malatia. Se lo idolo risponde (ch'è'l diavolo che favella) e dice che debbia guarire, si dice loro andate e fate così, e guarà, e così fanno. E se lo idolo risponde che debbia morire; e'l sacerdote viene con uno panno in mano e pogliele in sulla bocca e afogallo. Poi il tagliano per pezzi, e invitano tutto il parentado, e mangiollo con canti e con festa. Poi mettono l'ossa di per se, tutte quante, e prendole e mettonle sotterra con solennitate. E quelli parenti che non vi fossero invitati se'l riputano a disonore.<sup>1</sup> Io ripresi costoro;<sup>2</sup> rispuesonmi che'l mangiavano, perchè se gli inverminasse l'anima patirebbe pena.<sup>3</sup>

27. *Delle xxiv mila isole d'India.*

Molte novità sono in questa India le quali se l'uomo no le vedese no le crederebbe, però no le iscrivo qui ma in altro luogo ne farò memoria; che in tutto il mondo no ae tante novità quanto sono in questa. E dimandando diligentemente del tenore di questa India tutti mi dissono che questa India tiene xxiiii<sup>mo</sup> d'isole in se, e sono più di sessantaquattro Re, e la maggiore parte è bene abitata.

28. *Come pervene Frate Odorico all'India Superiore ed alla nobile provincia di Manzi.*

Navicando per più giornate verso l'oriente perveni a l'India superiore, e pervenimmo a la nobile provincia di Manzi, la quale è chiamata l'India di Sopra. Nella quale provincia ae duemila grandi città di tra le quali città Trevigi nè Vicenza no sarebbono nominate per cittadini.<sup>4</sup> Ed è sì grande moltitudine di genti in quella India che tra noi non sarebbe (in)credibile. Nella quale a grande quantità di pane, di vino, di carne, di pesci e d'ogni vettuaglia, come in nulla terra di mondo. E gli uomini [sono] artificieri e mercatanti, nè per nulla povertà ch'abbia nullo di loro no adomandano limosina, insino che possono atarsi con le loro mani. Gli uomini di questo paese sono assai belli di corpo, ma nel viso sono alquanto pallidi, avendo barba a modo di gatto.<sup>5</sup> Le femmine sono le più belle del mondo.

29. *Della gran cittade di Tescalan.*

In questa provincia la prima citade che io trovai si chiama Tescalan,<sup>6</sup> la quale è maggiore che tre volte Vinegia, di lunge dal mare una giornata, posta in su un fiume. Questa cittade a tanto naviglio ched è incredibile,

<sup>1</sup> MIN. RAM. E quali sono lieti quando alcuno s'inferma, per posserlo mangiare e farne festa.

<sup>2</sup> MIN. RAM. e dettogli che farebbono meglio a lasciarli morire naturalmente, e soterrarli.

<sup>3</sup> MIN. RAM. di modo che Iddio offesa dalla puzza non gli riceverebbe nella gloria sua.

<sup>4</sup> MIN. RAM. Più de due mila grosse cittadini, ed altre tante tenute e grosse castella, che sono come Vicenza o Trivigi, che non han nome di città. In questa paese e tanta moltitudine di gente, che è una cosa incredibile, di tal sorte che in molte parti di detta provincia viddi più stretta la gente che non e a Vinetia al tempo dell'Ascensione.

<sup>5</sup> MIN. RAM. con i peli della barba irti e male composti alla guisa delle capre.

<sup>6</sup> MIN. RAM. Tescol.

che tra tutta Italia non a tanto. In questa terra ae le maggiori oche del mondo che sono ben per due delle nostre<sup>1</sup> e sono bianche come latte. Ed ano sopra del capo un osso grande come un novo vermiglio come una grana, e sotto la gola pende una pelle bene per uno semisso ed assi l'uno di questi cotali per un grosso, e cosi l'oche come l'anitre, e cosi le galline sono si grandi ch'è maravigliosa cosa a vedere. In questa cittade s'è per meno d'un Viniziano<sup>2</sup> ben trecento lib. di gengiovo fresco. In questa contrada sono maggiori serpenti ch'abbia il mondo, e pigliogni e mangialli in ogni convito da bene, e no è tenuto bello convito se di questo nu a.<sup>3</sup> Qui è abondanza d'ogni vittuaglia.

30. *Della nobile città di Zaiton; e de' munasteri degli idolatri.*

Di quindi mi parti di questa contrada e veni per xxxvi<sup>4</sup> giornate e trovai dimolte cittadi e castella, poi veni a una nobile cittade che si chiama *Zaiton*,<sup>5</sup> nella quale nostri frati minori anno due [luoghi]. E 'n questa terra portammo l'ossa de' frati che furo martirizati per Gesò Cristo. In questa terra ae abondanza di tutte le cose necessarie al corpo de l'uomo, più che 'n tera che sia al mondo. Averebbonsi bon tre libre de zucchero per un grosso. Ed è citade grande per due volte Bologna.<sup>6</sup> Sonci molti munasteri di religiosi di l'idolatri, ne' quali sono ben dumilia riligiosi, ed anno bene xi<sup>m</sup> d'idoli. E 'l minore<sup>7</sup> è a modo d'un grande san Christofano, ed anno loro dimolte vivande calde che vanno insino al naso. Gli altri vivande si mangiano eglino.<sup>8</sup>

31. *Della città di Fozzo; e del modo che pescano i pescatori.*

Partendomi di questa terra e venendo verso oriente ad una citade che si chiama Fozzo<sup>9</sup> che gira ben trenta miglia. Qui sono i maggiori galli del mondo; e le galline bianche come latte, e non anno penne ma lana a modo di pecore. Quindi partendoci andai per xviii giornate passando per molte cittadi e castella, veni a un grande monte. E da un lato di questo monte tutti gli animali son neri e gli uomini e le femmine a nostro modo di vivere; da quali de l'altro lato del monte verso oriente per contrario tutti gli animali vi sono bianchi.<sup>10</sup> Inte (?) quelle che sono maritate in questo luogo per segno di matrimonio portano un grande barile di corno.<sup>11</sup>

Partendomi per altre xviii giornate passando cittadi e castella arrivai a<sup>11</sup> un grande fiume ch'ae<sup>12</sup> un grande ponte a traverso sopra il fiume; e albergai in capo del ponte. E l'oste, volendomi fare a piacere, mi disse, "Vo tu venire a vedere pescare, vieni qui." E menomi in sul ponte;

<sup>1</sup> MIN. RAM. maggiori tre volte delle nostre.

<sup>2</sup> ID. per un ducato viddi dar 700 libre, etc.

<sup>3</sup> ID. Anzi quando vogliono far convito più famoso, tanti più serpenti apparecchiano, e danno in tavola a convitati.

<sup>4</sup> ID. 27.

<sup>5</sup> ID. Zanton.

<sup>6</sup> ID. Huomini e donne sono piacevoli e belli e cortesi, massime a forastieri.

<sup>7</sup> ID. e due volte più grande d'un uomo.

<sup>8</sup> ID. e loro si mangiano le bevande refredate che sono.

<sup>9</sup> ID. Foggia.

<sup>10</sup> ID. Ma l'una parte e l'altra mi pareva che vivessino e vestisseno come bestie.

<sup>11</sup> ID. portano in testa un corno di legno covertito di pelle lungo più di due spanne a mezzo la fronte.

<sup>12</sup> ID. ad una città chiamata Belsa, che ha un fiume, etc.

quivi di sotto erano barche. E vidi maragoni<sup>1</sup> in su pertiche; e l'uomo gli legò la bocca, ovvero la gola con filo, che non potessero mangiare de pesci. Poi puose tre gran ceste nella barca; poi isciolse i maragoni in quali si gitavano nell' aqua, e prendeano de' pesci, e metevagni nella barca, e tosto l'ebbero piene. Poi isciolsono i maragoni il filo ch' aveano legato a collo, e mandavano nel fiume a pascergli. E pasciuti tornavano a loro luoghi, e passando per molte giornate vidi pescare in altro modo. Gli uomini della barca erano ignudi, e aveano sacco a collo e gittandosi nell' aqua pigliavano i pesci con mano e metteano nel sacco.<sup>2</sup> Tornando gelati nella barca si entravano in uno tinello d' aqua calda, e poi faceano il semigliante.

### 32. *Della maravigliosa citta de Chansai.*

Di questo luogo e cittade partendomi perveni ad una grande e maravigliosa citade chiamata Chansai, ch' è a dire in nostra lingua "Cittade del Cielo." Questa è la magiore cittade del mondo.<sup>3</sup> Nella quale non ae ispana di terreno che non s' abiti. E sonvi case di dieci e dodici famiglie e masserizie.<sup>4</sup> La detta cittade a borghi grandissimi, ne' quali abitano assai più gente che nella cittade. La cittade ae dodici porte principali e a ciascuna porta preso a otto miglia sono cittadi, ciascuna maggiore che Padova o Vinegia; nelle quali andammo sei e sette dì per uno di que' borghi.<sup>5</sup> Questa cittade è in aqua di lagune a modo di Vinegia, nella quale à più di xii<sup>m</sup><sup>6</sup> ponti e 'n ciascuna istanno guardie che guardano la cittade per lo gran Cane. A lato a questa cittade corre un fiume cheposcha,<sup>7</sup> lo quale è più largo che lungo. Della quale diligentemente domandai i Cristiani e Saracini e idolatri, e tutti mi rispuosono per una lingua, Catuno paga per lo signore una bastise,<sup>8</sup> cioè cinque carte bambagine, che sono bene uno fiorino e mezzo. E per questa cagione sono ben dodici famiglie ad un fuoco. Questi focolari sono lxxxv tumani ed anche iv tumani di Saracini, si che in tutto sono lxxxix tumani. Ed è il tumano x<sup>m</sup> fuochi.<sup>9</sup> Gli altri sono mercatanti e gente che va e viene. Maravigliomi molto come tanta gente possono insieme abitare, ed avi si grande dovizia di pane e di vino e di porci, e di riso, e bigini, ch' è un nobile beveraggio, e di tutte altre vittuaglie, ch' è maraviglia a vedere. Questa è cittade reale nella quale dimora il Rè di Manzi.

### 33. *Della maraviglia che vede il Fr. Odorico in un munistero degli idolatri.*

In questa cittade nostri frati minori<sup>10</sup> convertirono a la fede un poten-

<sup>1</sup> Marangone is a diver (sea-bird so called). In this story the MIN. RAM. has the extraordinary variation which has been noticed in a note on the translation. Marigione, apparently intended for the same word, is there applied to a seal.

<sup>2</sup> MIN. RAM. per un ottavo d'ora.

<sup>3</sup> MIN. RAM. E si grande che a pena ardisco di dirlo: Ma ho ben trovate in Vinetia assai persone che vi sono state.

<sup>4</sup> MIN. RAM. Casa vi ne sono assaissime di otto e di dieci solari, che in ogni solaro habita una fameglia con le sue massarie per la gran carestia di terreno (the interpolation of some self-sufficient scribe).

<sup>5</sup> Id. Noi eravamo 7 che andassimo per quei borghi.

<sup>6</sup> Id. again has per Dio vero e sono di certo di più di dieci miglia.

<sup>7</sup> Sic.

<sup>8</sup> For Balisi; still further corrupted in MIN. RAM. to Bastagne.

<sup>9</sup> The MIN. RAM. has got all wrong here, but it is scarcely worth quoting.

<sup>10</sup> LIT. RAM. says, dove e un luogo dei Frati minori.

tissimo ne la cui casa io albergai, e diceami, "Atta," (cioè a dire Padre) "vieni e mostreroti la terra." E saliti in una barca, e menoci al munistero<sup>1</sup> di Rabani, cioè religiosi, e dissemi [*should be disse ad*] uno di questi religiosi;<sup>2</sup> vedi un Rabani che viene di quelle parti dove si pone il sole, e vae a Chanbalu,<sup>3</sup> a ciò che qui prieghi per lo gran signore, e però mostragli alcuna cosa che possa racontare nel suo paese. E quegli prese due grandi mascelle di quelle ch' erano soperchiate alla mensa, e menoci in uno giardino a un monticello ch' era pieno d'albori. E sonando un cembalo venero molti animali salvatichi socio sal<sup>4</sup> gattimaimoni, iscimie e molte altre bestie salvatiche, tra quali venoro ben tre milia ch' aveano forma 'd' uomo, i quali s' acconciaro l'uno alato a l'altro, ed a catuno puose una iscodella in mano, e dava loro mangiare. Poi sonando un tamburo, tutti questi animali si tornavano a luogo loro ed io veggendo questo dimandai, che ciò voleva dire. Ed e mi rispuesono ch' erano anime di certi nobili uomini che si veniano a pascere quivi per l'amore di Dio. Ed io istogliendogli di questo, e dicendo loro che non erano anime ma bestiuoli, nulla ne volono credere, e dicono che come l'uomo è nobile in questo mondo, così quando muoiono entrano in nobili animali. E del vilano dicono ch' entra in brutti animali. Questa è la maggiore città del mondo e la migliore per mercatanti, ed è molto doviziosa d'ogni bene come detto è.

#### 34. *Della cittade Chilensi; e del gran fiume Talay.*

Partendomi quindi andai per sei giornate e perveni a una grande cittade che si chiama Chilensi.<sup>5</sup> I muri di questa cittade girano bene xl miglia, ne' quale sono cccx ponti<sup>6</sup> di pietra de' belli ch' abbia nel mondo. Questa cittade fue la prima sedia del Re de Manzi ed è cittade molto bene abitata, e di grande naviglio maravigliosa, e [di] copia di tutti i beni del mondo. Di quindi partendomi per tre giornate veni a uno grande fiume de maggiori del mondo che là dove gli è più istretto è largo ben vii miglia.<sup>7</sup> Questo fiume passa per mezzo la città Piomario<sup>8</sup> la cui contrada si chiama Chaicho, ch' è delle più belle cittadi del mondo, e delle maggiori. I quali uomini ch' abitano in questa terra son grandi tre spanne, e fanno il maggiore lavoro di bambagia (cioè di cotone) che si vedesse mai. E grandi uomini che sono tra loro ingenerano figliuoli e figliuole che sono più che la metà di que' piccoli e ngenerano senza novero.

#### 35. *Delle città di Jamsai e di Menzu.*

Andando per questo fiume del Talaigi,<sup>9</sup> passando per più cittadi venni ad una cittade che si chiama .....<sup>10</sup> nella quale a un luogo di frati

<sup>1</sup> MIN. RAM. In un munistero chiamato Thebe.

<sup>2</sup> MIN. RAM. *has* Ed uno di quei religiosi mi disse, O Rabin...va con questo che è del tuo ordine che vi mostrera qual cosa di nuovo, etc. *It is very much corrupted and interpolated by one who misunderstood things.*

<sup>3</sup> It is in the MS. Ghabatau; but as it is right elsewhere I have corrected it here.

<sup>4</sup> *Not intelligible in MS.*

<sup>5</sup> LIT. RAM. Chilense.

<sup>6</sup> ID. Porte.

<sup>7</sup> MIN. RAM. Ma perche no vi erano cose degne di meraviglia, poco vi dimorammo, e navigando trovammo un fiume largo più di 20 miglia, di cui un ramo passo per la terra chiamata Piemaronni, etc.

<sup>8</sup> Or Piomazio.

<sup>9</sup> *Should be del Talay e.*

<sup>10</sup> MIN. RAM. Sai.

minori. In questa cittade sono chiese di cristiani Nestorii. Questa cittade e nobile e grande ch' ane lviii tomani di focolari ch' evve il tomano x<sup>m</sup> focolari.<sup>1</sup> In questa cittade sono tute quelle cose di che debbono vivere gli christiani.

Il senore a solamente di rendita di questa di sale L tomani di balissi che vale il balisso un fiorino e mezzo, che monta il tumano xv<sup>m</sup> fiorini d'oro. Questa terra a questa usanza, che quando alcuno vol fare alcuno convito a suoi grandi amici, sonvi alberghi diputati cione, e dice a l'oste Fami un convito di cotanti danari. E nullo è che faccia nullo convito in casa. Questa terra a grandissimo navigli in gran copia. Presso a questa cittade, a dieci miglia ane un' altra cittade, la quale si chiama Menzu, la quale ane il maggiore naviglio che città del mondo ched è incredibile la quantità, e sono tutte bianche dipinte di gesso, avendo in loro quelle belle sale e difici.

### 36. *Del gran fiume Caramoran.*

Partendomi di questa cittade per otto giornate passando per molte cittadi e castella e d'aque dolci, veni ad una cittade la quale è chiamata Launcj,<sup>2</sup> la quale è fondata sopra un fiume che si chiama Chiaramoran, il quale passa per mezzo del Cataio e fa grande danno quando si corrompe a modo del Pò. E andando per questo fiume passando molte cittadi e castella verso l' oriente per molte giornate, perveni a una grande cittade chiamata Sogomerca,<sup>3</sup> la quale cittade a maggiore abondanza di seta ch' altra cittade che sia al mondo, che quando vene la maggiore carestia se n' arebbe ben xl lib. per<sup>4</sup> meno di viii di grossi, ed ane grande copia d'ogni mercatanzia di pane e d'ogni bene.

### 37. *Delle grandi città di Chambalu e di Taido, e del palagio del Gran Cane.*

Partendomi della cittade di Sozomacho passai per molte cittadi e terre verso oriente, e perveni<sup>5</sup> à la nobile cittade di Chanbalu.<sup>6</sup> Questa cittade è molto antica ed è nella provincia del Catai. Questa cittade presoro i Tartari, e presso a questa città à un mezzo miglio ne fecero un' altra, che la chiamano Taido. Ed ane xii porti e da l'una a l'altra sono due grandi miglia, e tra l'una cittade a l'altra ben s'abita. E'l circuvito di queste due cittadi che sono insieme gira bene lx miglia. In questa cittade il gran Cane ane la sua sedia, e dentro ene il suo palagio che gira quatro miglia, e contiene in se molti palagi e belli. Egli è quadro, ed a tre cerchi di mura, e in catuno canto d'ogni muro è un grande palagio, sì che pur questi son dodici, e catuno è diputato a diverse cose. E nel miluogo è quello dove ista il Signore.<sup>7</sup> E 'l primo

<sup>1</sup> MIN. RAM. 18 Tomani of focolari, each of which is 10,000 fochi, and each foco 10 or 12 families!

<sup>2</sup> MIN. RAM. Laurenza.

<sup>3</sup> MIN. RAM. Sunzomaco, and below Sozomacho.

<sup>4</sup> MIN. RAM. per un soldo. ....E perche vi era in questo loco più gente che in niun altro che havessi visto domandando donde ciò avvenisse mi fu risposto per conto che l'aria e il luogo sono alla generazione molto salutiferi, di modo tale che poco sono che moiono se non di vecchiezza.

<sup>5</sup> ID. Navigando da quattro giornate. *It is Chanbanau in the MS. But, as it is right elsewhere, I have corrected it.*

<sup>6</sup> LIT. RAM. has Cambalu.

<sup>7</sup> MIN. RAM. Il cui palazzo gira più di quattro miglia, ed ad ogni cantone

cercuito delle mura ane tre porti in ogni faccia, e dentro a questo circuito ene il Monte Verde nel qual' è edificato un molto bello palagio de' più belli del mondo. Questo monte gira bene un miglio, nel quale son piantati albori che d'ogni tempo tengono la verzura. A lato a questo monte è fatto un molto bello lago sopra il quale ane un gran ponte de' più belli del mondo, nel quale lago son oche salvatiche ed anitre e ceceri[e]<sup>1</sup> anitrocoli, ch' è meraviglia a vedere. Onde quando lo signore vole cacciare non gli bisogna d'uscire di casa, però che 'n questo circuito son molti giardini di molte bestiuole e di tutte maniere. Il palagio principale nel quale ista la sedia del Gran Cane è quivi. (Ane) levata la terra più ch' altrove due passi; nel qual palagio a dentro xxiv colonne d'oro, e tutti i muri del palazzo son coperti di pelli rosse le più nobili pelle che sieno in India. E nel mezzo del palagio ane una grande pigna tutta d'una pietra preziosa che si chiama Medachas,<sup>2</sup> ed è tutta legata d'oro; e nel canto di questa pigna a un serpente d'oro, e che la batte continuamente; ed una rete d'oro, e di perle grandi, dipende da questa pigna, ed è larga forse una ispana. E questa pigna porta per condotto il beveragio della corte del signore. A lato a questa pigna istanno molti vaselli d'oro da bere. In questo palagio sono molti paoni d'oro, e quando alcuno Tartero vol far festa allora battono le mani e paoni allora battono l'alie, e pare che giuochino.<sup>3</sup> Questo si fa per arte diabolica, e per altro ingegno che sotterra nascono.

### 38. *Della corte e della gloria del Gran Signore Cane.*

Quando il Gran Cane siede in sulla sedia imperiale da lato sinistro ista la reina, e un grado più giù istanno due altre sue mogli; e poi di sotto tutte le donne del parentado ordinatamente. E le maritate portano un pie d' uomo in sul capo, lungo un mezzo braccio, e sotto le piante di questo piede portano penne di grù, e 'l dosso del piede tutto ornato di grandi perle del mondo. Da lato destro poi si pone a sedere il suo figliuolo primogenito che del regnare dopo lui, e di sotto a quelli istanno tutti quelli che sono di sangue reale. Poi di sotto a quelli sono iv scrittori, che scrivono tutto ciò che dice il Signore. Dinanzi da lui istanno suoi baroni assai senza novero, de' quali nullo è ardito di parlare se non è domandato dal Signore maggiore. Poi vi sono i giuocolari che vogliono fare allegrezza al Signore, ma no fano mai se non se le leggi a loro imposte.<sup>4</sup> Dinanzi alla porta del palagio istanno baroni a guardia che non sia nullo che tocchi la porta del palagio; che se per alcuno si tocasse è duramente battuto.<sup>5</sup>

e un palazzo dove dimoro uno de' quatro sui baroni principali. E dentro al palazzo grande è un altro circuito di muro, che da un muro al altro e forse mezza tirate d'arco, e tra questi muri vi stanno; suoi provisionati con tutte le sue famiglie. E nel altro circuito abita il Gran Cane con tutte i suoi congiunti, che sono assaissimi, con tanti figliuoli, figliuole, generi, de nepoti, con tante moglie, consiglieri, secretarii, e famegli, che tutta il palazzo che gira 4 miglia, viene ad esser habitato.

<sup>1</sup> *This is probably meant for the cesanæ of the Latin MSS., whether that be a genuine word or a mistake for cygne.* MIN. RAM. has Eran nell' acqua le centinaia dell' anatre, e de assaissimi uccelli che vivono di pesce, d' ogni sorte, che quel lago producè.

<sup>2</sup> MIN. RAM. Medecas.

<sup>3</sup> ID. A torno la mensa sua son molti pavoni smaltati che paiono che sian vivi; e tal volta si mettono a cantare fino che 'l Signore mangia.

<sup>4</sup> MIN. RAM. E di quei buffoni ciascuno ha l' hora sua deputata, quando dee star in guardia e trattenimento del Signore.

<sup>5</sup> MIN. RAM. Ma nelle porte sono guardie grandissime: e se alcuno vi



Quando il Signore fane alcuno convito allora i suoi anno  $xiv^{m1}$  di baroni colle corone in capo, che servono nel convito; catuno de' quali ane tale vestimento in dosso che solo le perle di ciascuo vestimento vale  $xv^{m}$  fior d'oro. La sua corte è ordinata per decime, e ventine, e centinaia e migliaia, che tra loro ordinatamente si rispondono, e ne loro ufici non è difetto nullo. Ed io frate Oderigo fui ben tre anni in questa sua cittade, e noi frati minori aviamo nella terra un luogo diputato a darli la nostra benedizione.<sup>2</sup> E domandando io diligentemente da cristiani e saracini e idolatri e da nostri convertiti, che sono grandi baroni guardando solo a la persona del Signore, e tutti mi dissono per una bocca che giuolatori sono  $xiii$  tumani (il tumane è  $x^m$ ) e quelli che guardano e nudriscono i cani e bestie e uccelli da cacciagioni sono  $xv^{m}$  di tumani, si che tra giuolari e costoro sono  $xxviii^{m}$  di tumani.<sup>3</sup> Si che montano in tuto  $cclxxx$  migliaia d'uomini. I medici che guardano la persona sono  $cccc$  idolatri, ed otto cristiani e i saracino.<sup>4</sup> E tutti costoro anno ciò ch'è loro necessario dalla corte del signore. L'altra sua famiglia è senza novero.

39. *Del modo nel quale cavalca ogni anno il Gran Cane di Cambalu.*

Lo signore Gran Cane dimora nel tempo della istate in una terra che si chiama Sandau, la quale è sotto tramontana, ed è la più fredda terra ad abitare del mondo e di verno dimora in questa città Chanbalu che detta è. Quando il signore cavalca da una terra à un'altra, cavalca in questo modo. Egli a iv eserciti di cavalieri, l'una gli va innanzi un dì; l'altra un altro dì; e 'l terzo dopo un altro dì; e 'l quarto il quarto dì; ed egli sempre vane in mezzo, a modo di croce e gli aserciti detti sempre gli vano d'intorno, e catuno gli va di lunge una giornata e andando sempre ano la loro giornata ordinata nella quale truovano tutte queste cose che sono loro necesarie a mangiare. La gente che va con questo signore va sempre per lo detto modo, ed egli vane sopra un carro sopra due ruote, sopra il quale è fatta una bella sala tutta di legni d' aloe, ch' è tanto odorifero e prezioso, ed anche d'oro è ornata, e di perle e di pietre preziose. E questo carro menano v leofanti . . . .<sup>5</sup> e sopra il carro porta xii girfalchi. In quello sedendosi si vede alcuni uccelli sigli lascia andare. E nullo è oso d'appressarsi al carro a una gittata di pietra, se non se questi diputati a queste cose. E cosi va questo signore, e cosi vanno le mogli nello grado e 'l suo figliuolo primogenito. Onde è cosa incredibile a immaginare la grande gente ch' ane questo signore. Quelli iv eserciti che vanno con lui sono v tumani, e catuno tumane e  $x^m$ ; e tutta questa gente anno dal signore ciò ch' è loro necessario; e se nullo di costoro [sia] presente<sup>6</sup> è rimesso un altro in luogo di costui; si che rimane intero il numero.<sup>7</sup>

s'appresasse senza licenza del capitano sarebbe amaramente battuto; *which is a misunderstanding of the matter* (see note on transl. in loco.)

<sup>1</sup> MIN. RAM. quindici mila.

<sup>2</sup> ID. . . . . Frati minori che vi hanno il monastero: che dove dalla corte vi veniva tanta robba, che sarebbe stata bastante per mille frati. E per lo Dio vero e tanta differenza da questi Signore a questi d'Italia, come da un uomo ricchissimo ad un che sia il più povero del mondo.

<sup>3</sup> The two last figures, etc., are in the MS.  $xv^{m}$  and  $xxviii^{m}$ .

<sup>4</sup> MIN. RAM. quali non si scemano ne aumentano, ma morti l'uno, in suo loco si mette l'altro.

<sup>5</sup> Defective and unintelligible.

<sup>6</sup> *Meaning, if any one is not present? But below we have nulla novità for any news.*

<sup>7</sup> Here MIN. RAM. has a long passage peculiar to it. Le bestie poi di tante

40. *Come e doviso l'imperio del Cane et come son parati ospizii per li trapassanti.*

Questo signore Gran Cane lo suo imperio è doviso in xii parti, e catuna si chiama Siglo.<sup>1</sup> L'una di queste parti è il Manzi, ch'ave sotto di se ii<sup>m</sup> grandi cittadi. Onde ene a sapere che 'l suo imperio è sì grande che ben vi mesi si pena ad andare per lungo e per traverso senza l'isole che sono viii<sup>m</sup>, che non si pongono nel detto novero.<sup>2</sup> E ave fatto per tutto il suo imperio fare case e cortili per li trapasanti, le quali case si chiamano uman.<sup>3</sup> Nelle quali case sono tutto quelle cose ch'è necessaria alla vita dell' uomo. E quando nulla novità viene nel suo imperio incontente gli mesaggi corrono in su camelli, e se 'l fatto porta pondo montano in su dromedradi, e 'ncontente che s' appressano a questa [jam] suonano un corno e 'ncontente uno s' apparecchia e vane insino a l' altro jam e portale quelli rimane e così va l' altro al simigliante modo. E per questo modo in un dì naturale a novelle di x giornate dalla lunga. Anche v' ane un altro modo di quelli che corrono. E le case di questi corrieri si chiamano chidebo, e stanno corrieri per queste case, ed anno una cinghia di campanelle. E l'una casa a l'altra ene dilunge tre miglia, ma quella de corrieri de' gamelli xx miglia. E quando s' appressa a una di queste case incontente comincia a sonare queste campanelle, e quel altro ch' è nella casa s'apparecchia, e corre insino a l'altra casa, e così l'uno a l'altro, insin che giungono ov' ene il signore. Onde nulla si può fare nel suo imperio che 'ncontente nol sapia, come detto è.

41. *Della cacciagione del gran Cane.*

Quando il gran Cane vane a cacciare fuori di Chanbalu, a venti giornate ene un gran bosco, che gira ben viii giornate. E tante bestie salvatiche quivi convergono ch' è meraviglia. Intorno al bosco istanno guardie che 'l guardano per lo signore. E 'n capo di tre o di quattro anni il signore vi va colla sua gente, il quale intorniano tutto quanto questo bosco. Poi lasciano andare i cani per terra e gli ucelli in aria. Poi si vengono ristringendo insieme e conducono tutte queste bestie in un piano ch' è nel mezzo. E leoni e parugiani<sup>4</sup> e cerbi e molte altre

sorti strane sono infinite che lui tiene. Fra quali erano sei cavalli che haveano sei piedi e sei gambi per uno : e viddi duo grandissimi struzzi e dui piccoli dietro di loro con dui colli per ciascuno, e dui teste dalle quali mangiavano ; senza far menzione di altri huomini salvatici che stanno nello giardino di detto signore, e donne tutte pelose di un pelo grande e bigio, quali han forma humana, e si pascono di poma e d' altre bevande che gli ordina il Signore che se gli dia. Fra quali erano huomini non più grandi di dui spanne, e questi chiamano *Gomiti*. Nella corte ho visto huomini di un occhio nella fronte, che si chiamavano minocchi. Et a quel tempo furono appresentati al Signore dui, un maschio ed una femmina, quali havevano nua spanna di busto, colla testa grossa, e le gambe lunghe e senza mani, e s' imboccavano con uno de' piedi. E viddi un gigante, grande circa 20 piedi che menava dui leoni, l'un rosso e l' altro nero, e l'altro haveva in guardia leonesse e leopardi, e con si fatte bestie andava il Signore a far caccia a prender cervi, caprioli, lupi, cingiali, orsi ed altre bestie selvatiche.

<sup>1</sup> *Probably for Singlo or Sing.*

<sup>2</sup> MIN. RAM. E vi sono proposti quattro che governano l' imperio di questo gran Signore. E ciascuna persona che facendo viaggio passa per quei paesi, di qual condition sia, e ordinato che per dui pasti che fa non paghi nulla.

<sup>3</sup> *For iam as below ;* MIN. RAM. Per tutto il paese vi sono torri altissimi dove sono assaissime guardie, etc.

<sup>4</sup> (?)

bestie ch' ene incredibile. E son tanto le grida di quelli uccelli e cani che l'uno nove intende l'altro, si che tutte le bestie salvatiche che trieman di paura.<sup>1</sup> Allora il Gran Cane viene sopra tre leofanti, e saetta tra queste bestie cinque turcassi di saette e com' egli saetta cosi fa tutta la sua compagnia il simigliante. E catuno signore ave un suo segnale nella sua saetta. Allora lo signore fane chiamare Sio! cioè Misericordia! a quelle bestie, e 'ncontinente quelle bestie che son vive si dipartono. Allora vengono i baroni e truovano le loro saette e catuno prende quella bestia ch' à morta la sua saetta. Per questo modo si fane la sua cacciagione.

42. *Delle quattro Feste che tiene ogn' anno il Gran Cane.*

Ancora questo imperadore gran Cane fane ogni anno iiii gran feste. La prima è il primo dì di Febraio, la seconda il dì de la sua nativitate.<sup>2</sup> E convita e fa venire tutti i suoi baroni e bufoni e giucolari, e tutto suo parentado, e tutti si pongono ordinati. E spezialmente a quella di Febraio e a quella della natività tutti i baroni vanno con corone in capo, e lo 'mperadore siede in della sua sedia come detto è adietro, e tutti i baroni. Ciascuno ista nel suo lato; e sono tre divisata di baroni. I primi sono vestiti di verde; i secondi di sanguigno; i terzi d'azzurro, e tutti sono incoronati e anno in mano una tavola di dente di leofante, e le cinture tutte d'oro e larghe bene un somesso, e tengono silenzio e 'ntorno a loro istanno i giucolari con sue insegne e bandiere. E in uno poggicciuolo ov' è un grande palagio dimorano i filosofi guardando certi punti.<sup>3</sup> Quando viene quel punto uno grida altamente saliziati (?) cioè inchinatevi al signore. Allora tutti i baroni danno del capo in terra com' è loro usanza quando inchinano. Allora quel medesimo grida levatevi e allora si levano tutti. Ancora questi filosofi guardano a certi punti, e allora quegli grida, Ponetevi il dito nel' orecchie! e poi dice Cavatene! Allora istanno un poco e dicono, Buratate farina! e molti altri segni stolti, e dicono che tutti sono grandi segni. E poi sono ufficiali che richeggiono i baroni e giucolari e se alcuno vene fallo, cade in grande pena. E filosofi quando viene il punto e l'ora dicono a giucolari, Fate festa al Signore; e quelli incontinente cominciano a sonare gli stromenti; ed è si grande il romore ch' è quasi uno isturbamento. Allora dice una boca, Tutti tacete. Allora tutti taciono. Allora tutti quelli del parentado s'apparecchiano di cavalli bianchi. Allora comincia a gridare una voce, Cotali di cotal parentado s'apparecchia di cotante migliaia o vero centinaia di cavalli! Allora sono certi apparecchiati certi che menano i cavalli apparecchiati al signore, ch' è incredibile di tanti cavalli bianchi quanti gli donono. E allora sono tutti famigliari che portano presenti al signore da parte degli altri baroni. E allora tutti i principi di munistero vengono con doni, e donagli la loro benedizione, e quel medesimo conviene fare a noi altri frati minori. E fatte queste giucolaresche cose vengono

<sup>1</sup> MIN. RAM. Quivi e si forte il gridar delle gente, l'abbaiar de' cani, l'ulular delle fiere, e l' sonar de' corni e l'altri stromenti, che le povere fiere assalite da tema grande, ed horror di morte che porta seco, e lo presenti stato che versa negli occhi delle infelici bestie, e l' ricordarsi delle altre volte che vi sono incappate, che fa tremare come debole canna e non ben ferma, percossa di crudelissimi e violentissimi soffiari di Borea o d' Aquilone! Le quali vengono uccisi quasi per tema.

<sup>2</sup> MIN. RAM. La prima è per il dì della sua natività: la seconda è della incoronatione sua: la terza è del matrimonio quando meno per moglie la regina: la quarta è della natività del suo primogenito figliuolo.

<sup>3</sup> ID. Non so che punti, o di stelle o di pianete.

alcuno altro giuolare dinanzi al signore e cantano molto maravigliosamente, e alcuno altro menano con seco leoni che fanno reverenza a lo 'mperadore e questi giuolari fanno venire per aria nappi d'oro pieni di buon vino, e cosi vanno a le bocche d'ogni uomo che vuol bere. E questo modo fanno, e molte altre cose dinanzi al signore. A dire la grandezza, e le gran cose della corte di costui sarebbe cosa incredibile se no le vedese. Niuno si maravigli se fa grandi ispese però che nel suo regno no si ispende altra moneta che di carta, che no gli costa nulla, e a le sue mani viene tutto tesoro.

43. *Una maraviglia del popone che contiene una bestiuola.*

Un' altra maraviglia vi dirò sua la quale io non vidi, ma udiela dire a persona degna di fede. Alcuni dicono che Chadli ene un gran regno, e qui sono monti che si chiamano monti Caspeos, ne' quali dicono che nascono poponi grandissimi, ne' quali poponi quando sono maturi s' aprono per loro istessi, e truovavisi entro una bestiuola grande, e fatta a modo d' uno agnello; si che ano quella carne a ano il popone. Questo può essere altresì bene si com' ene ne reame d' Inghilterra o di Scozia che dicono che sono albori che fanno uccelletti.<sup>1</sup>

44. *Del reame del Presto Giovanni ed altre contrate.*

Partendomi dal Chataio e venendo verso il ponente cinquanta giornate, passando cittadi e castella venni nelle terre del Presto Giovanni, e non è delle cento parti l'una quello che si dice di lui. La prencipale cittade di lui si chiama Casan, ch' ene Vincienza maggiore cittade di quella, e molte altre cittadi à sotto di se, e sempre per patto piglia per moglie la figliuola del Gran Cane. Poi andando per molte giornate perveni a una provincia che si chiama Chansi. Questa è la seconda migliore provincia e la meglio abitata ch' abbia il mondo. E ov' ella è più stretta è larga ben l giornate, e lunga più di lx giornate. Ed è si bene abitata che quando s' esce della porta de l' una cittade si vede le mura dell' altra cittade. Nella quale a grande copia di vittuaglia e specialmente di castagne. In questa provincia nasce il mal barbaro, ed avene tanto che per meno di vi grossi se ne caricherebbe un asino. Ed è questa provincia una delle xii ch' ane il gran Cane.

45. *Del regno di Tibet dove si truova il Papa degli Idolatri.*

Passando questa provincia grande perveni a un altro gran regno che si chiama Tibet, ch' ene ne confini d' India ed e tutta al gran Cane. Quivi è maggior copia di pane e di vino che in nulla parte del mondo. E la gente di questa contrada dimora in tende che sono fatte di feltri neri. La prencipale cittade è fatta tutta di pietre bianche e nere, e tutte le vie lastricate. In questa cittade nullo ardisce a spander sangue d' uomo o di femmina, o d' altra bestia. Questo fanno per reverenza d' un loro idolo. In questa cittade dimora il Atassi,<sup>2</sup> che viene a dire in nostro modo il Papa. Ed è capo di tutti idolatrici. Questi distribuisce da tutti i benefici e partegli tra loro secondo la loro legge. Ed ane in questo regno questa usanza che le femmine portano in capo più di c paia di trecce avendo ii denti lunghi<sup>3</sup> a modo di porco salvatico. Ed è ancora cotale usanza in questa contrada che quando il padre d'alcuno

<sup>1</sup> MIN. RAM. says Un dì fra gli altri viddi una bestia grande come un agnello etc. *And here that version stops.*

<sup>2</sup> For Abassi.

<sup>3</sup> Lunghi, I think.

more, e 'l figliuolo gli vol fare grande onore, convita e rauna tutti i sacerdoti e religiosi e giuocolari e vicini e parenti e portano il corpo a la campagna con gran festereccia; e quivi è apparecchiato un gran desco, e quando v' è posto suso e sacerdoti gli mozzano il capo, e danno al figliuolo. E poi il tagliano tutto a pezzi, e 'l figliuolo con tutta la compagnia cantano e cessandosi quindi un pezzo fanno orazioni. Allora vengono aguglie e avoltoi de' monti e ciascuno piglia il suo pezzo. Allora gridano e dicono Vedete che santo uomo questi fu, che vengono gli angeli per lui, e portanelo in paradiso! Poi il figliuolo se ne porta il capo e mangialo cotto poi del teschio fa fare un vaso e mangiano e beono con esso tutti quelli della casa con grande divozione. Piu altre sozze usanze sono tra quelli pagani d'oriente le quali non dico.

46. *D'un ricco popolano di Manzi.*

Nella provincia de Manzi veni ad uno palagio d'un uomo popolano la cui vita ene in questo modo. E tiene cinquanta donzelle vergini, le quali il servono. Quando viene a mangiare ogni vivanda o 'mbandigioni si portano v delle donzelle predette con molti istormenti di diverse maniere, e cantano e del continuo cantano mentre che la vivanda e nanzi. Poi costoro si partono e altre cinque delle dette donzelle si vengono col' altra vivanda, e 'mbastigione e con altri diversi istormenti e con diversi canti e per questo modo mena la sua vita. Questo signore à di rendita xxx tumani tagiai<sup>1</sup> di riso. Il tumano è numero di x<sup>m</sup>; e 'l tegiar è soma d'asino. E 'l cortile del suo palagio gira ben ii miglia e 'l palazzo è fatto in questo modo, che l'uno mattone o vero pietra è d'oro e l'altro d'ariento. Nel cortil dentro ave un monte d'oro e d'argento, sopra il quale son fatti monasteri e campanili per suo diletto. E dicesi che tra questi Manzi sono iiii<sup>o</sup> uomini per lo modo di costui. Gli uomini di questo paese tengono per nobiltà ad avere lunghe l'unghia, e la bellezza della femmina d'avere piccioli piedi. Però quando nasce la femmina le madri istringono loro i piedi, a ciò che non crescono loro più che vogliono.

47. *Del Vecchio della Montagna.*

Partendomi delle terre del Presto Giovanni, venendo verso ponente, veni a una contrada che si chiama Mileser,<sup>2</sup> bella e abondevole d'ogni bene. Nella quale si dicea che sole istare il Vecchio della montagna. Egli avea fatto tra due monti un cercuito di muro, e dentro le più belle fonti del mondo. E dentro eran poste donze' vergini belle le più del mondo, e cavalli bellissimi, e tutte quelle cose che potessono dilettere corpo umano. E facea dire che questo era paradiso; e quando vedea un giovane valoroso si lo metea in questo luogo; nel quale facea andare vino e latte per condotto: e quando volea fare uccidere alcun re o barone, facea dire al soprastante di quel luogo ch' egli facesse venire il più atto e amoroso a diletti e nel dimoro di questo paradiso, e quelli allora dava beberaggi a quel cotale, che 'l facea fortemente adormentare; e così dormendo nel facea trare. E quelli risentendosi e trovandosi fuori di questo luogo era in grande tristizia e dolore, e pregava a quel signore che vel facesse ritornare. E allora gli dicea, Vo' tu ritornare, vane e uccidi il cotale uomo poi ci ritornerai, o campi o muoi. E 'n questo modo facea uccidere chiunque e volea. Per la qual cosa era temuto da tutti i re d' oriente, e mandavagli tributo. E 'n questo modo facea uccidere molti de' Tartari quando venieno pigliando il mondo. Per la qual cosa vi venono a oste e puo-

<sup>1</sup> For tagar.

<sup>2</sup> Probably Milehet originally.

sonvi l'assedio e mai non se ne partiro infino che non ebbero la cittade e 'l vecchio e feciollo morire di mala morte.

48. *Della grazia ch' anno i Frati Minori nella Tartaria.*

In questa contrada a Iddio data questa grazia a' frati minori che nella Grande Tartaria cosi anno per niente di cacciare un demonio d'un corpo d'uomo, come di cacciare un can di casa. Molti ve ne sono in demoni. E se sono di lunge ben x giornate si gli menano a' frati e al comandamento loro dalla parte di Jesù incontimente si partono via le demonia. E poi quelli che sono liberati si fanno battezzare, e frati prendono i loro idoli di feltro che quegli anno, e colla croce vanno e portagli al fuoco. E quelli della contrada tutti tragono a vedere. E l'idolo salta del fuoco e frati tolgono aqua benedetta e prizalla nel fuoco e le demonia escono del fuoco, e frati vi rimettono entro l'idolo, e 'ncontimente arde. E 'l demonio grida in aria, Io sono cacciato della mia abitazione! E per questo modo i nostri frati ne battezzano molti.

49. *Della Valle Terribile.*

Un' altra terribil cosa viddi andando per una valle posta sopra il fiume delle delizie. Vidi in questa valle molti corpi morti e vidi di diversi istormenti che quivi pareano che sonasono, onde qui era tanto timore e paura che non si potrebbe dire. Questa valle è lunga da otto miglia, nella quale qui v'entra incontimente muore. Nella quale io volli entrare per vedere quello che questo era, ed entrandovi trovai molti corpi morti, ed è cosa incredibile era ad immaginare quant' egli erano in questa valle. In sul monte trovai una testa d'uomo morto tanta terribile che mi mise si gran paura che pareo che lo spirito si volesse partire da me. E [in] questa paura sempre andava dicendo, Verbo caro factum est, etc. Poi montai sopra un monte reno e guardando d'ogni parte non vidi niente, se non se che molte nacchere udia; e quando fui in capo del monte trovai tanto argento a modo quasi come uno iscogliame di pesce in grande quantità. Del quale niente presi, e cosi senza alcun danno mi parti. E per questa cagione tutti i saracini m'aveano in grande reverenza, dicendo ch' io era battezzato e santo, e quelli ch' erano morti in questa valle erano istati uomini del diavolo de lo 'nferno.

*Finita la diceria di frate Oderigo. Deo grazias!*

51. *Attestazione del Fr. Odorico.*

Io frate Oderigo da Frigolli, d'una terra che si chiama porto maoni, dell'ordine de frati minori testifico, e rispondo al mio monistero<sup>1</sup> per vera ubidizione che tutte queste cose iscritte in questo memoriale o io le vidi o io l'udi dire a uomini degni di fede e dal cummune parlare delle contrade. Onde quelle che non vidi sapiate che vere sono. Altre molte cose lascio, e no le iscrivo che chi non le vedese non le crederebbe. E di di in di m'apparecchio di tornare in quelle contrade, e mi dispongo di finire mia vita. Deo grazias, Amen, amen, amen.

<sup>1</sup> For Ministro.